

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

WADSON ANTONIO DA CUNHA

A CULTURA DE AUTOAJUDA:
UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DE HOWARD CLINEBELL

São Leopoldo

2010

WADSON ANTONIO DA CUNHA

A CULTURA DE AUTOAJUDA:
UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DE HOWARD CLINEBELL.

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Teologia Prática

Orientador: Lothar Carlos Hoch

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C972c Cunha, Wadson Antonio da
A cultura de autoajuda: um olhar crítico a partir de
Howard Clinebell / Wadson Antonio da Cunha ;
orientador Lothar Carlos Hoch. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2010.
122 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Auto-realização. 2. Individualismo. 3.
Aconselhamento pastoral. I. Hoch, Lothar Carlos . II.
Título.

WADSON ANTONIO DA CUNHA

A CULTURA DE AUTOAJUDA:
UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DE HOWARD CLINEBELL.

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Teologia Prática

Data:

Lothar Carlos Hoch - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Roberto Ervino Zwetsch - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Francisco Ricardo Rüdiger - Doutor em Ciências Sociais - PUCRS

Dedicatória

*A meus filhos, Mateus e Ana, por compartilharem
comigo a dádiva de viver sob a graça de Deus.*

AGRADECIMENTOS

A nosso Deus que salva, cura e nos faz crescer à sua imagem;

Ao orientador, Doutor Lothar Carlos Hoch;

Aos queridos membros da Missão Batista em Bicanga, ovelhas e irmãos amados;

À Hosana, minha esposa.

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”.

(Filipenses 2.5-8)

RESUMO

O tema autoajuda tem invadido sem reservas a vida das pessoas no mundo atual. Esse tema, como um desdobramento cultural da modernidade tardia, está presente na literatura, na arte, na filosofia, nas discussões políticas e na administração de empresas. Está presente na pluralidade religiosa, na teologia cristã e nos consultórios de psicólogos e na psicanálise. O fenômeno cultural gigantesco não se limita a um segmento, mas, como iremos notar, faz-se presente em várias camadas sociais, desde as mais simples nas periferias das grandes cidades, até os moradores da zona rural nos rincões do mundo, alcançando a classe média e, aparentemente, fazendo dela sua promotora, interlocutora e reveladora. Uma vez que a cultura de autoajuda transita no mundo das crenças, é plausível admitir que se trate de um fenômeno não somente de natureza psico-física, ambiental ou de desenvolvimento, mas também de um fenômeno metafísico. Autoajuda como cultura recebe e empresta influências no campo religioso. Autoajuda serve a propósitos de filosofias que agrupam o conhecimento técnico em algumas áreas, tais como a psicologia, a administração e a medicina, dentre outras com as experiências transcendentais advindas das mais distintas religiões e crenças. Existe uma inquietação no sentido de que essa cultura de autoajuda já faz parte da vida das pessoas de comunidades cristãs que estão trocando o aconselhamento pastoral e a poimênica por essas leituras. O resultado de tais leituras é um movimento em direção ao individualismo, ao secularismo e pluralização que são desdobramentos dessa época em que vivemos. Nessa pesquisa, vamos trabalhar com a hipótese que o aconselhamento cristão é uma melhor resposta aos anseios das pessoas do que a cultura de autoajuda. O tema do aconselhamento pastoral será pontuado a partir da obra de Howard Clinebell, *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. No primeiro capítulo, vamos trazer algumas definições de autoajuda. A partir dessas definições, vamos tentar nos aproximar de uma definição que traga os aportes que cumpram o papel de delimitar uma compreensão de autoajuda. A fim de sustentar a compreensão de autoajuda, trataremos, ainda nesse capítulo, da origem da literatura de autoajuda, tanto de um ponto de vista histórico antigo e filosófico quanto de uma posição sobre sua ascensão na cultura moderna. Esse capítulo vai tratar ainda da literatura de autoajuda e sua relação com a autonomia do indivíduo. Para tanto, vamos utilizar os textos de Francisco Ricardo Rüdiger, *Auto-ajuda e individualismo*. O capítulo dois trará uma introdução a Howard Clinebell, sua metodologia, seus propósitos ao escrever "*Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*". Apresentaremos o atual desafio da poimênica e do aconselhamento pastoral; e um modelo holístico centrado em cura e crescimento, bem como uma definição do trabalho do conselheiro cristão. Também serão abordadas nesse capítulo as técnicas mais usadas no aconselhamento pastoral. O ambiente do trabalho pastoral também será apontado nesse capítulo. E, finalmente, apresentamos nesse capítulo os cuidados do trabalho do conselheiro cristão. No capítulo três, faremos uma comparação entre o aconselhamento pastoral segundo Clinebell e as propostas da cultura de autoajuda com o conceito de vida plena e as seis dimensões da integralidade. Na conclusão do trabalho, pretendemos responder a nossa inquietação sobre a utilização por membros da comunidade cristã de literatura de autoajuda e responder a hipótese que "o aconselhamento cristão é uma melhor resposta aos anseios das pessoas do que a cultura/literatura de autoajuda".

Palavras-chave: Autoajuda. Aconselhamento pastoral. Poimênica. Teologia prática.

ABSTRACT

The theme of self-help has invaded without reservation the lives of people in the actual world. This topic as a cultural offshoot of late modernity is present in literature, art, philosophy, political discussions and in business administration. It is present in the plurality of religion, in Christian theology, and the offices of psychologists and psychoanalysis. The huge cultural phenomenon does not limit itself to one segment, but according to our research, we will notice its presence in various strata of society from the simplest on the outskirts of large cities to the rural residents in the corners of the world, reaching the middle class and apparently making the latter its promoter, partner and developer. Since the culture of self-help transits in the world of beliefs it is reasonable to assume that it is a phenomenon not only of psycho-physical nature, environmental or development and industrial production and technology, but also a metaphysical phenomenon. Self-help culture receives and borrows influences in the religious field. Self-help serves the purposes of philosophies that combine the expertise in some areas of psychophysical nature, management, medicine, and others with the transcendent experience coming from the most diverse religions and beliefs. There is a concern in the sense that this culture of self-help plays a great role in the lives of the Christian communities that are replacing the pastoral counseling and pastoral care to these readings. The result of such readings is a movement towards individualism, secularism and plurality that are developed in the present age. This research will work with the hypothesis that Christian counseling is a better response to the expectation of the people of that culture of self-help. The theme of pastoral counseling will be approached based on the work of Howard Clinebell: *Basic Types of Pastoral Care and Counseling: Resources for the Ministry of Healing and Growth*. The first chapter will bring some definitions of self-help. It is expected that these definitions will bring the inputs to delineate an understanding of self-help. In order to support the understanding of self-help the chapter will point out also the origin of self-help literature, both from a historical point of view and ancient philosophical as well as its position in the rise in modern culture. This chapter will also address the self-help literature and its relation to individual autonomy. For this the texts of Francisco Ricardo Rüdiger: *Self-Help and Individualism* will be used. Chapter two will bring an introduction to Howard Clinebell, its methodology, its purpose in writing *Basic Types of Pastoral Care and Counseling: Resources for the Ministry of Healing and Growth*. We will present the actual challenge of pastoral care and pastoral counseling, and a holistic model focusing on healing and growth, as well as defining the work of the Christian counselor. We will also discuss the techniques used in pastoral counseling. The work environment of this ministry will also be identified. And finally this chapter will point out the care of the work of Christian counselor. In chapter three we will do a comparison of pastoral counseling according to Clinebell and the proposals of the culture of self-help within the concept of full life and the six dimensions of human completeness. At the conclusion, we plan to respond to our concern about the members of the Christian community and their use of self-help literature. We will also answer the hypothesis that "the Christian counseling is a better response to the expectation of the people than that self-help culture / literature.

Keywords: Self-help. Pastoral counseling. Pastoral care. Practical theology.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 DEFINIÇÕES DE AUTOAJUDA | 15 |
| 1.1 Autoajuda: três modelos conceituais..... | 15 |
| 1.2 Autoajuda: definição e atuação | 16 |
| 1.3 Autoajuda: suas origens | 19 |
| 1.4 A literatura de autoajuda e autonomia do indivíduo | 26 |
| 1.5 Autoajuda: origens antigas..... | 36 |
| 2 ACONSELHAMENTO PASTORAL: MODELO CENTRADO EM CURA E CRESCIMENTO | 44 |
| 2.0 Introdução | 44 |
| 2.1 Definição aproximada do trabalho do conselheiro cristão | 47 |
| 2.2 Técnicas usadas pelo conselheiro cristão | 58 |
| 2.3 Contexto do trabalho do conselheiro cristão | 66 |
| 2.4 Cuidados do trabalho do conselheiro cristão..... | 71 |
| 2.5 Aconselhamento pastoral e a literatura de autoajuda..... | 76 |
| 2.6 O Aconselhamento Pastoral e a vida plena..... | 81 |
| 2.7 As seis dimensões do Aconselhamento Pastoral..... | 85 |
| 3 ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO ALTERNATIVA À CULTURA DE AUTOAJUDA | 93 |
| 3.0 Introdução | 93 |
| 3.1 Reconhecendo autoajuda..... | 93 |
| 3.2 Aconselhamento Cristão: Princípios para ajudar..... | 96 |
| 3.3 Comunidade terapêutica X individualismo da literatura de autoajuda | 103 |
| 3.4 Aconselhamento Pastoral: uma proposta de ajuda além da autoajuda..... | 105 |
| CONCLUSÃO | 110 |
| REFERÊNCIAS | 114 |

INTRODUÇÃO

No verão de 1990, durante um acampamento da igreja, Deus começou a confirmar em meu coração o chamado ministerial. Eu já liderava grupo de jovens em nossa igreja. Nesse grupo, figurava como pregador e conselheiro nas muitas crises que os jovens e jovens casais enfrentavam. Essas pessoas eram imigrantes que saíram do Brasil com o objetivo de conquistar o sonho americano.¹ As crises eram, em sua maioria, provenientes das dificuldades de ajuste em uma nova cultura e o fato de terem como objetivo ganhar dinheiro suficiente para um regresso e uma vida confortável no Brasil. Com a confirmação do chamado, comecei a buscar treinamento específico.

No ano de 1994, já estava no interior da Amazônia como missionário em tempo integral treinando igrejas em vilas ribeirinhas e organizando cruzadas evangelísticas em que, não raramente, encontrava pessoas sedentas de uma palavra que as orientasse em diversas situações da vida diária. O trabalho que inicialmente tinha uma proposta de evangelização tornou-se, virtualmente, um ministério que compreendia, além da evangelização, visita a enfermos, palestras para casais, aconselhamento a enlutados e a adolescentes em crise, visitas a asilos, entre outras atividades do aconselhamento pastoral. Em 1996, já como aluno da Faculdade Teológica Batista de Brasília, experimentei um sem número de oportunidades na área de aconselhamento pastoral. Nesse tempo, pude ler muitos livros que auxiliaram a ver como agir em diferentes contextos do aconselhamento pastoral. Foi nesse tempo também que observei que a literatura de autoajuda era muito comum nas prateleiras das casas da maioria dos membros de minha comunidade, incluindo a da minha própria casa.

Com o passar dos anos e com a inclusão da experiência de prestar atendimento pastoral com hora e local agendados, pude notar que as pessoas que buscavam atendimento traziam frases e conceitos oriundos de livros de autoajuda.

¹ O *Sonho Americano* foi inventado pelo historiador James Tuslow Adams, em 1931. Apesar de o significado da frase ter evoluído ao longo da história, para algumas pessoas, o *sonho americano* é a oportunidade de alcançar uma maior prosperidade material que não foi possível, no antigo país, ou no país de origem; para outros, é a oportunidade para os seus filhos se desenvolverem e receberem uma educação e oportunidades de emprego; para outros, é a oportunidade de fazer as escolhas individuais, sem os constrangimentos da classe, de geração, religião, raça, orientação sexual, ou grupo étnico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/sonho-americano>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

Finalmente, embora trabalhasse em apresentar tanto ensinamentos bíblicos quanto conceitos da psicologia do aconselhamento pastoral e da psicanálise como opções no tratamento e cura integral do indivíduo, fiz a triste descoberta que essas pessoas, muitas vezes, entravam e saíam das sessões de aconselhamento com o sentimento ou a crença de que eles poderiam ajudar a si mesmos, bastando tão somente o livro certo de autoajuda dentre as centenas de opções que figuram entre os mais vendidos em língua portuguesa. Essa descoberta se desdobrou em inquietação, pois me preocupava a ideia de que havia outras fontes, sem julgar se eram legítimas em sua proposta de ajuda, de aconselhamento que compartilhavam as mentes dos membros das comunidades de fé. Foi então que comecei a investigar o fenômeno da cultura de autoajuda a partir de extensas e recorrentes leituras de manuais de autoajuda.

Quando tive a oportunidade de ingressar em um curso de mestrado em Teologia Prática, não hesitei e apresentei uma proposta de projeto pesquisa em literatura de autoajuda e suas influências sobre o aconselhamento cristão. Porém, faltava a escolha de um quadro teórico como contraponto à autoajuda, pois buscava um texto que fosse, ao mesmo tempo, sólido em teologia e respaldado pela experiência da prática do aconselhamento cristão. Embora tenha encontrado vários títulos de bons autores cristãos, e esses tenham contribuído imensuravelmente nessa pesquisa, entendi que a obra de Howard Clinebell, intitulada *Aconselhamento pastoral*, apresentava os conceitos que poderiam servir de apoio para uma compreensão do aconselhamento pastoral e responder aos desafios das propostas da cultura propalada na literatura de autoajuda. A seguir, foram muitas horas de pesquisa, de leituras, de conversas com colegas pastores, com meu orientador de pesquisa e, principalmente, com meus aconselhados. O trabalho que apresento é o resultado da pesquisa dessas inquietações, ou seja, tentar responder a pergunta: até que ponto a autoajuda realmente ajuda?

O tema autoajuda tem invadido sem reservas a vida das pessoas no mundo atual. Esse tema, como um desdobramento cultural da modernidade tardia,² está presente na literatura, na arte, na filosofia, nas discussões políticas e na administração de empresas. Ele está presente na pluralidade religiosa, na teologia

² RÜDIGER, Ricardo Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996. p. 15.

cristã e nos consultórios de psicólogos e na psicanálise. A extensão desse fenômeno cultural gigantesco tem mudado (afeta) a vida das pessoas de maneira impressionante. O fenômeno não se limita a um segmento, mas como iremos notar, faz-se presente em várias camadas sociais desde as mais simples nas periferias das grandes cidades, até aos moradores da zona rural nos rincões do mundo, alcançando a classe média e, aparentemente, fazendo dela sua promotora, interlocutora e reveladora.³ Essa mudança na vida da sociedade que, inicialmente, poderíamos considerar um fator social e voltado para elementos cognitivos, não se detém a esses, mas também permeia o ambiente das crenças individuais e as crenças de grupos sociais. Adiante, apontaremos que a autoajuda está bem infiltrada na cultura espiritualista e mística.

Uma vez que a cultura de autoajuda transita no mundo das crenças, é plausível admitir que se trate de um fenômeno não somente físico ou ambiental ou de desenvolvimento e na produção industrial e tecnológica, mas também de um fenômeno metafísico. Autoajuda, como cultura, recebe e empresta influências no campo religioso. Na verdade, iremos verificar que a autoajuda como cultura usa a forma literária da linguagem religiosa para comunicar seus dogmas, seus valores, suas virtudes e suas pretensões. Autoajuda serve a propósitos de filosofias que agrupam o conhecimento técnico em algumas áreas tais como a psicologia, a administração e a medicina, dentre outras, com as experiências transcendentais advindas das mais distintas religiões, crenças e experiências com o mundo metafísico.

A afirmação de que o tema autoajuda está presente em praticamente todas as áreas da vida humana no mundo atual, é com base nas interpelações que podem ser verificadas a partir de uma rápida olhada nas notícias dos principais periódicos. Essa presença também pode ser observada nos lançamentos dos Best Sellers, nos programas de rádio e televisão, nas palestras motivacionais aos empregados nas grandes e pequenas empresas, nas conversas nos corredores das fábricas, hospitais, escolas, bibliotecas, e templos religiosos. Portanto, qual é o problema? Existe uma inquietação no sentido de que essa cultura de autoajuda já faz parte da vida das pessoas de comunidades cristãs que estão trocando o aconselhamento pastoral e a poimênica por essas leituras. O resultado de tais leituras é um

³ RÜDIGER, 1996, p. 133.

movimento em direção ao individualismo, ao secularismo e à pluralização⁴ que são desdobramentos dessa época em que vivemos.

No presente trabalho, vamos trabalhar com a hipótese que o aconselhamento cristão é uma melhor resposta aos anseios das pessoas do que a cultura de autoajuda. O tema do aconselhamento pastoral será pontuado a partir da obra de Howard Clinebell, intitulada *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*.⁵ Apesar de considerar Clinebell um excelente autor ao tratar dos fundamentos do trabalho de aconselhamento pastoral, outros trabalhos publicados por conselheiros cristãos serão apreciados e usados.

O primeiro capítulo vai trazer algumas definições de autoajuda. E a partir dessas definições tentaremos nos aproximar de uma definição que traga os aportes que cumpram o papel de delimitar uma compreensão de autoajuda. A fim de sustentar a compreensão de autoajuda, trataremos ainda nesse capítulo da origem da literatura de autoajuda, tanto de um ponto de vista histórico antigo e filosófico quanto de uma posição sobre sua ascensão na cultura moderna.⁶ Esse capítulo vai

⁴ AMORESE, Rubem. *Icabode: da mente de Cristo à consciência moderna*. Viçosa: Ultimato, 1998.

⁵ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.

⁶ “**Cultura:** palavra latina com a mesma raiz de *cultus*, de que derivam cultivo e culto, do verbo *colo, is, ere, ui, ultum* (cultivar), aplicado a domínios diversos, em especial aos campos, às letras e à amizade. Cícero fala do cultivo da *humanitas*, isto é: daquilo que torna humana a pessoa, a faz sentir-se vinculada a outras pessoas, designadamente através de condições de educação e segundo ideais formativos a que os Gregos chamavam globalmente *paideia*. A *cultura animi* ou cultura do espírito, que os latinos pressupunham como base da *humanitas*, pode definir-se como ação das pessoas sobre si próprias, enquanto indivíduos e sociedade, no sentido da realização plena das suas capacidades e potencialidades humanas. Mas a cultura, em um plano mais vasto, associa a tal sentido também a ação susceptível de preservar ou melhorar o ambiente e o patrimônio, assim com os modos, práticas e tradições a que se atribui valor por testemunharem e contribuírem para a dignificação da vida. Neste plano mais geral, contudo, o termo ‘cultura’ expande-se sobretudo a partir de meados do século XVIII; e o termo ‘civilização’, para muitos identificável com o termo ‘cultura’, tem divulgação acentuada aproximadamente desde a mesma época, embora termos conexos como *civilità* já antes ocorram ocasionalmente (cf. Dante, *Il convivio*). Civilização (ação de tornar civil), todavia, designa, antes de mais, esforços organizados ou programados para melhorar o bem-estar e a qualidade de vida, especialmente na cidade e no domínio do ter, da riqueza, do conforto, da eficácia dos equipamentos coletivos, das condições materiais de convívio. A palavra ‘cultura’ tem o seu âmbito de aplicação mais específica no domínio do ser, das realizações não meramente materiais, da criatividade do espírito, implicando muitas vezes o não absolutamente programável ou previsível. Civilização é algo que surge intimamente ligado, portanto, às condições de cultura (inclusive a escola e a escolaridade), enquanto cultura subentende mais a realização de aptidões, talentos e a manifestação daquilo que habitualmente se designa por gênio. Entre as metas da cultura, contam-se o gosto pelas artes e ciências, o refinamento de maneiras e do saber, mas, sobretudo a sabedoria, com inerente capacidade de digerir ou elaborar símbolos, ideias e pensamentos. Os sentidos etnológico e etnográfico dos termos ‘cultura’ e ‘civilização’, quer identificados quer demarcados segundo a distinção atrás sugerida, enraízam-se igualmente a partir da época setecentista, a par do crescente interesse pelo modo de vida ou pelos costumes dos povos. A definição de vários

tratar ainda da literatura de autoajuda e a sua relação com a autonomia do indivíduo. Pretendemos expor nesse capítulo quatro aspectos sobre a ascensão do eu na cultura moderna tardia e os desdobramentos dessa ascensão no que tange à cultura de autoajuda. Para tanto, utilizaremos o livro de Francisco Ricardo Rüdiger, intitulado *Auto-ajuda e individualismo*.

O segundo capítulo trará uma introdução a Howard Clinebell, sua metodologia, seus propósitos em escrever *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Vamos apresentar dois tópicos do livro de Clinebell que são respectivamente: *o atual desafio da poimênica e do aconselhamento pastoral*; e *um modelo holístico centrado em libertação*⁷ *(cura) e crescimento*. Apresentaremos, segundo o modelo de Clinebell, em que consiste o trabalho do conselheiro cristão. Também serão abordadas nesse capítulo as técnicas mais usadas no aconselhamento pastoral segundo o modelo de Clinebell. Ambiente do trabalho pastoral também será apontado nesse capítulo. E, finalmente, apresentaremos nesse capítulo os cuidados do trabalho do conselheiro cristão a partir de Howard Clinebell.

No terceiro capítulo, vamos fazer uma comparação do aconselhamento pastoral segundo Clinebell e a as propostas da cultura de autoajuda.

Na conclusão do trabalho, pretendemos responder a inquietação sobre a utilização por membros da comunidade cristã de literatura de autoajuda e responder a hipótese: “o aconselhamento cristão é uma melhor resposta aos anseios das pessoas do que a cultura/literatura de autoajuda” e, traremos mais perguntas que fomentem outras pesquisas. Pretendemos também apontar caminhos a partir de Howard Clinebell sobre o trabalho do conselheiro cristão dentro de um modelo centrado em cura e crescimento.

autores, entre os quais T. S. Eliot (cf. *Notes Towards the Definition of Culture*), de cultura precisamente como ‘modo de vida de um povo’, articula-se com a identificação dos termos ‘civilização’ e ‘cultura’, envolvendo uma abrangência etnológica que ocasionalmente parece coexistir com positiva e indiscriminada aceitação de uma grande variedade de componentes características das respectivas tradições (o que, aliás, nem todo o texto de Eliot porventura corrobora). O frequente uso no plural dos termos ‘cultura’ e ‘civilização’ tem acompanhado o desenvolvimento dos estudos etnológicos e etnográficos até aos nossos dias, em uma crescente curiosidade e tolerância moderna relativa à variedade distintiva e individualizante do modo de vida e ser de cada povo”. NUNES, J. M. *Cultura*. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/cultura.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

⁷ Nesse trabalho, vou utilizar a palavra *cura* e não *libertação*, considerando que o termo trazido no título da obra em inglês *Basic Types of Pastoral Care and Counseling: Resources for the Ministry of Healing and Growth*. *Healing*, portanto, *cura* e não *libertação*.

1 DEFINIÇÕES DE AUTOAJUDA

Neste capítulo, vamos apresentar algumas definições de autoajuda e, a partir dessas definições, vou tentar aproximar de uma definição que traga os aportes que cumpram o papel de delimitar uma compreensão de autoajuda. A fim de sustentar a compreensão de autoajuda, trataremos ainda nesse capítulo da origem da literatura de autoajuda, tanto de um ponto de vista histórico antigo e filosófico quanto de uma posição sobre sua ascensão na cultura moderna.

Ao buscar uma definição para o termo autoajuda, percebo que se trata de uma tarefa desafiadora. Primeiro, porque o termo autoajuda vem carregado de concepções tanto da ciência quanto de conteúdos que fogem as regras de comprovação científica por serem completamente místicos. Conquanto exista a possibilidade de haver diferentes definições, é importante reservar espaço para primeiramente analisar o termo autoajuda de maneira conceitual.

1.1 Autoajuda: três modelos conceituais

Para este trabalho, é possível assinalar pelo menos três modelos-conceituais de se analisar em primeira instância o termo autoajuda. O termo autoajuda pode, por exemplo, ser tratado e assim definido como uma modalidade de discurso. Nesse ambiente, estão catalogadas as tipologias do discurso de autoajuda, o *ethos* do discurso de autoajuda, o estatuto do sujeito – enunciador e o destinatário – do discurso de autoajuda, os provérbios, ou seja, a parte da autoajuda que é aconselhadora além de outras.⁸

Outra forma de se conceituar autoajuda é, conforme o texto de Vera Lúcia Pereira Alves, a partir da conjugalidade, ou seja, considerar que “o termo autoajuda encontra-se freqüentemente associado a uma específica atividade grupal”.⁹ Ana Flora Brunelli, ao analisar o discurso de autoajuda, afirma que para

⁸ BRUNELLI, Flora Ana. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Sociologia, Universidade de Campinas, Campinas, 2004. p. 11.

⁹ ALVES, Lucia Pereira Vera. *Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de auto-ajuda*. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Sociologia, Universidade de Campinas, Campinas, 2005. p. 10.

desvendar os significados atribuídos ao termo auto-ajuda parece-me de primordial importância compreender como a literatura se situa em um marco de pensamento que tem por pressuposto que qualquer pessoa pode ajudar-se a si próprio, prescindindo de auxílios especializados.¹⁰

E ainda podemos considerar autoajuda a partir de seu “caráter individual”,¹¹ ou seja, interpelações do desenvolvimento do individualismo no mundo moderno como “uma das dimensões constitutivas da modernidade: o movimento combinado de abstração social do sujeito e do desenvolvimento do individualismo”,¹² conforme destacado por Ângelo Marcos Bosco em sua discussão das literaturas de autoajuda. Nesse ambiente, Francisco Ricardo Rüdiger descreve a “genealogia da auto-ajuda”¹³ em que relaciona autoajuda e cultura, indicando dessa maneira “os itinerários da passagem do novo pensamento do *Self-made man* ao *Self-help man*”¹⁴ e, conseqüentemente, trata da questão do “novo *ethos* da personalidade”.¹⁵ Ele discute os “paradigmas da auto-ajuda dentre três relatos quais sejam: o Egoísta, o Místico e o Ascético”.¹⁶

1.2 Autoajuda: definição e atuação

Uma vez levantada essa questão conceitual, pode-se tentar apontar uma definição de autoajuda. Aqui leva-se em consideração não somente o termo autoajuda, mas também sua forma de divulgação que é a literatura de autoajuda. Compreende-se como literatura de autoajuda “uma das mediações através das quais as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade”.¹⁷ Em outras palavras, a literatura de autoajuda procura interceder em favor do indivíduo a fim de que esse indivíduo possa se conhecer através de reflexões sobre o mundo e sua subjetividade resultando na possibilidade de se autoajudar em questões que normalmente precisaria da intervenção de

¹⁰ ALVES, 2005, p. 10.

¹¹ BOSCO, Marcos Ângelo. *Sucessos que não ocorrem por acaso*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Sociologia, Universidade de Campinas, Campinas, 2001. p. 4.

¹² RÜDIGER, 1996, p. 8.

¹³ RÜDIGER, 1996, p. 8.

¹⁴ RÜDIGER, 1996, p. 8.

¹⁵ RÜDIGER, 1996, p. 8.

¹⁶ RÜDIGER, 1996, p. 8. Para uma discussão mais profunda do tema, sugiro a leitura de “Paradigmas da auto-ajuda no século XX”, em RÜDIGER, 1996, p. 143-155.

¹⁷ RÜDIGER, 1996, p. 14.

terceiros. A autoajuda, nesse sentido, excetua a necessidade de interferências de terceiros, pois induz o indivíduo a pensar e agir por si mesmo. Outro aspecto da literatura de autoajuda é a exclusão da ajuda de profissionais, uma vez que esses manuais defendem que a instrumentalização das respostas aos anseios da vida estão inseridas naquela literatura. Dessa forma, Alves quando trata da questão da conjugalidade e autoajuda, afirma:

a designação autoajuda, quando colocada à literatura, faz dela um recurso que se assemelha a [...] práticas grupais. Identifica-se, por meio dela, um amplo conjunto de livros que visa fornecer ao leitor variadas alternativas para a solução de seus problemas ou para o aprimoramento de suas habilidades. Ambos, a solução e o aprimoramento, podem ser postos em prática sem ajuda de profissionais, sem qualquer auxílio coletivo ou social. O objetivo do leitor, seguindo as prescrições oferecidas pelos autores das obras, esteja instrumentalizado para alcançar seus objetivos.¹⁸

A autora, em seu trabalho, usa essa definição para comparar e diferenciar o trabalho do psicoterapeuta e a proposta da literatura de autoajuda: “no entanto, a literatura de autoajuda distingue-se da psicoterapia e dos grupos pelo fato de que as duas últimas atividades necessitem do contato humano, enquanto ela pretende substituí-lo”.¹⁹ E nessa proposta de substituição, a literatura de autoajuda, por definição, circunscreve “todo e qualquer aspecto da vida humana que necessite ser tratado, aprimorado e/ou estimulado para mudanças”.²⁰ Em um ambiente enunciativo, os manuais de literatura de autoajuda:

Fornecem conselhos, prescrições, estratégias, sugestões, tornam-se manuais para: educar filhos (crianças e adolescentes); melhorar relacionamentos no geral; melhorar situação profissional; superar ou conviver com problemas de saúde; superar perdas; melhorar auto-estima; aprimorar vida pessoal; melhorar bem estar físico e emocional; melhora[r] a motivação; ganhar dinheiro e/ou gerenciá-lo bem; ganhar e/ou ampliar a qualidade de vida; encontrar parceiros amorosos; melhorar relações amorosas; e facilitar separações; recomeçar relações amorosas; melhora[r] vida sexual, entre outros.²¹

Sob as lentes do aconselhamento pastoral, poderemos verificar que a autoajuda também aventura-se a substituir o papel do conselheiro cristão em questões existenciais como supracitado pela autora e também nas relações do ser

¹⁸ ALVES, 2005, p. 13.

¹⁹ ALVES, 2005, p. 13.

²⁰ ALVES, 2005, p. 13.

²¹ ALVES, 2005, p. 13.

humano com o Criador. Enfim, a literatura de autoajuda propõe “com a explícita intenção de que seu consumidor se ajude a partir do texto que lê”.²²

Rüdiger corrobora o que Alves afirma acima quanto ao caráter prescritivo da literatura de autoajuda ao explicar que na sua forma textual esse material assume o *status* de manual ou um conjunto de regras que devem ser seguidas para a obtenção do sucesso dentro daqueles parâmetros citados por Alves.

A literatura de autoajuda caracteriza-se textualmente pelo discurso prescritivo, tendo como principal objetivo propor regras de conduta e fornecer conselhos. Os livros que compõem seu acervo constituem manuais para serem empregados, e não para exporem sua doutrina; constituem textos técnicos que são consumidos para serem objeto de aplicação prática por parte do leitor.²³

E essa leitura deve assumir uma atitude prática que vá além de uma experiência cognitiva, mas que leve ao leitor a uma transformação no ser. Segundo Rüdiger,

o consumo destes manuais constitui, portanto uma prática que, intencionalmente, deve transcender a simples leitura: supostamente, prolonga-se em técnica de ação sobre si próprio e sobre os outros no contexto de nossa cultura. Em vista disso, o significativo em seu estudo não é a preocupação com o conteúdo dos textos, mas a possibilidade de compreender, através deles, como se articula um conjunto de práticas sociais, anônimo e disperso, que circunscreve um território de conhecimento, ação e exercício de poder e projeta um regime de governo e auto-governo em nossa sociedade.²⁴

Sem embargo, Rüdiger critica o caráter prático da literatura de autoajuda, pois considera que “a letra do texto não é homóloga à mente dos seus leitores”.²⁵ Apesar disso, afirma que nem tudo na literatura de autoajuda é ilusão:

não quer dizer que as práticas estruturadas textualmente por essa literatura sejam simples fantasia, produtos da imaginação, na medida em que o gênero não sobreviveu a sua origem por simples imposição da indústria da cultura. **O fenômeno constitui uma resposta, mediada por essa indústria, a problemas concretos os quais diversas camadas sociais, certo ou não, lutam cotidianamente e, por isso, necessariamente produz algum efeito na realidade.**²⁶

²² ALVES, 2005, p. 14.

²³ RÜDIGER, 1996, p. 21.

²⁴ RÜDIGER, 1996, p. 21

²⁵ RÜDIGER, 1996, p. 21.

²⁶ RÜDIGER, 1996, p. 21 (grifo nosso).

Apesar de o viés epistemológico tanto de Alves quanto de Rüdiger partir das Ciências Sociais e o deste trabalho ter um aspecto primeiramente dentro do campo de estudo da Teologia e da Ciência da Religião, particularmente dentro da Teologia Prática e do Aconselhamento Pastoral, a contribuição tanto de Rüdiger quanto de Alves é bastante rica no sentido de se encontrar uma definição dentro do campo social em que a sociedade brasileira está inserida. A igreja, os psicólogos cristãos e os conselheiros cristãos se acham também nesse contexto e não à parte desse conjunto. Destarte, seria um prejuízo intelectual separar autoajuda em uma ou outra área de pesquisa. As vezes que faremos isto é por necessidade didática ou por falta de espaço no cômputo desse trabalho.

1.3 Autoajuda: suas origens

Na introdução desse trabalho foi destacado que autoajuda como um fenômeno social na modernidade tardia²⁷ está presente em todos os ambientes. Percebe a ocorrência dessa presença facilmente com uma rápida olhada nos artigos que os jornais diários trazem como prescrição das atitudes, motivações e conselhos de como viver cada dia através do Horóscopo ou dos signos do Zodíaco. Para efeito de ilustração, podemos observar em *A Tribuna*, jornal de grande circulação no Estado do Espírito Santo, a seguinte matéria:

Áries (21/03 a 20/04). Regente: Marte. Penetram idéias materialistas no seu idealismo. De vez em quando, você lembra que é preciso realizar algo de concreto na vida; que na velhice não se tem tanto gás para trabalhar. Não fique triste ou amargurado com este pensamento, **mas parta firme para a realização da sua obra!**²⁸

Nos signos do Zodíaco, cada período de nascimento se relaciona a um símbolo, que pode ser animal ou objeto, que tem um correspondente na constelação estelar.²⁹ Dependendo da posição desses astros, a vida de uma pessoa será melhor

²⁷ RÜDIGER, 1996, p. 15.

²⁸ HORÓSCOPO. *A Tribuna*. Vitória, 2008, AT2, p. 10 (grifo nosso).

²⁹ Os **signos do Zodíaco** ou **signos zodiacais** são cada uma das doze constelações que se localizam na faixa do Zodíaco. Acredita-se que cada uma dessas constelações influencia o destino e o carácter daqueles que nascem em cada período do ano correspondente a um signo. Os signos são regidos por seres no universo, que podem ser planetas, estrelas e até a Lua. Entre estes seres, estão: Marte, Vênus, Mercúrio, Lua, Sol, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, respectivamente. O signo solar é aquele que todo mundo conhece: o resultado da interação do planeta Terra com o astro-rei, o Sol. Temos também outros signos: o signo lunar, o de Mercúrio, e assim por diante. Cada um destes signos planetários é estudado no mapa astral. Os signos do Zodíaco não correspondem, no Ocidente, a constelações. Correspondiam, na época de ptolomeu,

ou pior. Dentro da crença do Horóscopo, a vida está escrita nas estrelas.³⁰ Porém, esta escrita pode ser mudada com auxílio individual e atitudes positivas em relação à vida, vivendo o mundo mágico,³¹ ao mesmo tempo em que um mundo material, em uma palavra, autoajuda.

O exemplo citado acima se refere a um dos signos, mas ao verificar os outros na mesma página lemos frases como: “se estiver só, **é hora de sair de casa** e dar umas voltas: tem alguém no caminho com a chave de seu coração”.³² Uma sugestão muito arriscada que só se aplica à vida amorosa e em casos específicos. O problema é que o texto oferece uma ajuda no atacado e a leitura é feita no varejo, ou seja, nesse caso em particular pode ser que para muitos a “chave do coração” já foi encontrada. Há ainda: “nunca se deixe levar por desânimo ou desesperança”,³³ e também “terá energia suficiente para se sair bem de qualquer situação de emergência”,³⁴ além de “provavelmente você já deve ter algo em mente e necessita apenas que **alguém lhe mostre o caminho das pedras**”.³⁵ Esses são conselhos diários reproduzidos em jornais e na rede mundial de computadores, rádios e televisão, o que torna essa informação muito difundida. No mundo em que a tecnologia avança em velocidade sem precedentes, há a possibilidade de receber os conselhos do horóscopo através de mensagens instantâneas em telefone móvel.

Para Rüdiger, “a literatura que deu origem aos sistemas de autoajuda formou-se historicamente com a transformação da crença no poder da mente em fenômeno de cultura de massa”.³⁶ Ao traçar a gênese da literatura de autoajuda, o autor passa por Samuel Smiles,³⁷ cuja obra é considerada a primeira obra de autoajuda sistematizada. Nesse sentido, o autor afirma:

por volta do século II de nossa era, mas se mantiveram como referência a uma área no espaço, sem considerar a precessão de equinócios. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Signos_zodiacais>. Acesso em: 5 jun. 2009.

³⁰ Em relação à possibilidade de se ler o curso da vida a partir do Zodíaco.

³¹ REIS, Alessandro V. Auto-ajuda ou Algo Diferente? *Best Seller da vez*. Disponível em: <<http://bestsellerdavez.blogspot.com/2008/02/auto-ajuda-ou-algo-diferente.html>>. Acesso: 5 jun. 2009 (grifo nosso).

³² HORÓSCOPO, 2008, p. 10 (grifo nosso).

³³ HORÓSCOPO, 2008, p. 10.

³⁴ HORÓSCOPO, 2008, p. 10.

³⁵ HORÓSCOPO, 2008, p. 10 (grifo nosso).

³⁶ RÜDIGER, 1996, p. 33.

³⁷ Samuel Smiles, nascido escocês, viveu entre 1841 e 1904. *Self-help*, principal livro de sua autoria, foi publicado em mais de oito línguas e chegou a ser reimpresso cinquenta vezes no século passado, vendendo cerca de 250 mil cópias, somente na Inglaterra. Nos Estados Unidos, tornou-

suas origens, todavia, não se confundem com a difusão dessa crença pela indústria da cultura: autoajuda, de fato, constitui expressão que deve seu emprego corrente a um livro homônimo de formidável sucesso, escrito com espírito totalmente diferente pelo médico e publicista vitoriano Samuel Smiles, em 1859.³⁸

A obra de Smiles não “tratava em sua origem”³⁹ da busca da obtenção do sucesso, mas sim de uma transformação no caráter conforme afirma: “a felicidade individual e o sucesso, caso se queira empregar o termo, não eram conseguir qualquer coisa da vida, mas formar um bom caráter, por ser o mesmo um dos objetivos mais nobres a vida”.⁴⁰ Enquanto o pensamento de Smiles era simplista ao tratar a questão do caráter, na América no Norte, outros autores apregoavam “a chegada o *self-help man*, o começo de uma nova era”.⁴¹ Nessa inauguração de pensamento filosófico, não “haveria mais preocupação com o dever, mas com o cultivo à personalidade”.⁴² Assim, a cultura de autoajuda foi se desenvolvendo e,

com o passar dos anos, a expressão autoajuda foi se tornando corrente, passando a designar, na virada do século, uma verdadeira tendência de comportamento, dependente de um novo gênero de literatura de massa. O ‘homem que ajuda a si mesmo’ profetizado algumas décadas antes começou a se tornar realidade. Em pouco tempo, consagrou-se entre várias camadas sociais o princípio de que assim como os antigos diziam: ‘conhece-te a ti mesmo, hoje se diz ajuda-te a ti mesmo’, para valerem-nos das palavras de um contemporâneo.⁴³

Dessa forma, a autoajuda desenvolve-se e aponta para outra direção daquela proposta por Smiles,

pois o tratado consistia, em sua origem, na sistematização de uma série de palestras que o autor proferiu para um grupo de trabalhadores que, por conta própria, havia se reunido para aprender a ler e a escrever e a ensinar-se mutuamente química, geografia e matemática, em Leeds. Com o livro, ele pretendia mostrar aos leitores, como havia procurado mostrar para aquela gente, o bem que cada um de nós ‘pode, em maior ou menor escala, fazer para si próprio’, e provar porque a felicidade e o bem-estar individuais no decurso da vida dependem principalmente e necessariamente de nós, da cultura diligente e da disciplina de si mesmo.⁴⁴

se um dos livros mais vendidos no período. O tratado foi expressão acabada de um gênero que marcou época.

³⁸ RÜDIGER, 1996, p. 33.

³⁹ RÜDIGER, 1996, p. 34.

⁴⁰ RÜDIGER, 1996, p. 43.

⁴¹ RÜDIGER, 1996, p. 34.

⁴² RÜDIGER, 1996, p. 34.

⁴³ RÜDIGER, 1996, p. 34.

⁴⁴ RÜDIGER, 1996, p. 33.

Como vemos, a proposta inicial de Smiles, que era formar um bom caráter, vai cada vez mais se tornar em uma “transformação espiritual e psicológica do indivíduo em pessoa de sucesso”.⁴⁵ Nesse viés, verifica-se que “as massas começaram a procurar um[a] fé que fosse ciência”.⁴⁶

Rüdiger acrescenta que o problema está na mudança de viés no conceito de autoajuda, que se move de uma concepção moral, isto é, vinculada a um caráter que situa o ser humano dentro de uma dada sociedade visando seu bem estar e de outras, para uma subjetividade individualista. Esse fenômeno

transformou o conceito originalmente moral de autoajuda em princípio do moderno culto do sucesso e do **cuidado cosmético da personalidade**. A crença de que os homens têm a capacidade de desenvolver um caráter virtuoso pelo poder da vontade aplicado aos hábitos cedeu lugar à idéia de que este caráter não passa da manifestação da individualidade que os homens desenvolvem mentalmente com a **descoberta do chamado eu superior, da verdadeira subjetividade**.⁴⁷

Apesar dessa evolução do movimento de autoajuda ser verificada a partir da obra de Smiles e de seus sucessores, nos séculos XIX e XX, com a ascensão da individualidade na história moderna, a quantidade de obras publicadas no final do século passado e início do século XXI indica que esse fenômeno cultural está em franco desenvolvimento. A seguir, apresentamos fontes históricas que sugerem tipos de autoajuda.

Acompanhamos, nessa primeira fase da pesquisa, um blog⁴⁸ que dava conta de alguns aspectos da cultura de autoajuda, sobretudo no Brasil. O autor, Alessandro Vieira dos Reis,⁴⁹ critica o que ele chama de charlatanismo contrapondo-se ao que afirma ser a verdadeira autoajuda. Nesse mesmo espaço eletrônico, o autor traz uma definição de autoajuda extraída da *Revista Psique*, número 23, de dezembro de 2007. Segundo o Conselho Federal de Psicologia, “é um tipo de

⁴⁵ RÜDIGER, 1996, p. 34.

⁴⁶ RÜDIGER, 1996, p. 34.

⁴⁷ RÜDIGER, 1996, p. 35 (grifo nosso).

⁴⁸ ÚLTIMO SEGUNDO. “O que é BLOG? Blogs são páginas pessoais da Internet que têm mecanismos de interação e permitem manter conversas entre grupos. Essas páginas tornaram-se muito populares entre jovens, que transformaram o ciberespaço em seus diários pessoais. Algum tempo depois do surgimento desta febre, esse sistema foi descoberto por repórteres e editores de vários países, passando a servir de ferramentas para um novo gênero de jornalismo, uma tribuna para a exposição das opiniões que normalmente são deixadas de lado na cobertura noticiosa, ao mesmo tempo em que põem em contato direto leitores e jornalistas”. Disponível em: <<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

⁴⁹ REIS, 2009.

Literatura, um saber não-sistematizado, sem fundamentação científica e que beira o pensamento mágico”.⁵⁰

Segundo essa definição, a literatura de autoajuda é responsável por difundir um saber não sistematizado, sem se preocupar, *a priori*, se isso se trata de um conhecimento religioso, filosófico ou integrante das ciências humanas e sociais. Com isso, podemos considerar que algumas obras da área da psicanálise e psicologia, quando prescrevem passos para se conseguir um relacionamento afetivo saudável podem ser consideradas literatura de autoajuda. Como exemplo, podemos citar *As cinco linguagens do amor*,⁵¹ de Gary Chapman, que propõe um caminho para se aprender a amar o cônjuge segundo cinco princípios básicos do relacionamento a partir de preceitos da psicanálise e corroborados por textos das Sagradas Escrituras.

Podemos semelhantemente observar o mesmo em *Conversa com a alma*, de Larry Crabb, nesse livro o autor, também psicólogo cristão, aponta os passos para aprender a “linguagem que Deus deseja que falemos”,⁵² através de uma introspecção para o conhecimento do interior de cada um. Também há obras como *Casais inteligentes enriquecem juntos*,⁵³ de Gustavo Cerbasi, um consultor na área financeira, em que o autor apresenta os elementos práticos, baseados em estudos na área de Gestão e Economia, para se alcançar a liberdade financeira dentro do contexto da economia familiar.

De acordo com a definição do Conselho Federal de Psicologia e a proposta de Alessandro Vieira Reis, essas obras e similares **não podem** ser consideradas literatura de autoajuda. Portanto, inicialmente podemos afirmar que, para se encontrar e delimitar a literatura de autoajuda, é preciso selecionar esse tipo de obra escrita sem a fundamentação científica e que “beira o pensamento mágico”,⁵⁴ que se alinha ao conceito de busca de sucesso exemplificado acima quando citamos os signos do Zodíaco.

Deste modo, verificamos que a autoajuda está relacionada à vida das pessoas em suas dimensões mais básicas, inicialmente, do ambiente das crenças e

⁵⁰ REIS, 2009.

⁵¹ CHAPMAN, Gary. *As cinco linguagens do amor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

⁵² CRABB, Larry. *Conversa com a alma: a linguagem que Deus deseja que falemos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

⁵³ CERBASI, Gustavo. *Casais inteligentes enriquecem juntos*. São Paulo: Gente, 2004.

⁵⁴ REIS, 2009.

pode ter uma ação dentro das relações afetivas. Como, exemplo, podemos citar o livro *O Segredo*,⁵⁵ de Rhonda Byrne, que apresenta a descoberta para uma relação de equilíbrio em todas as áreas da vida a partir do que ela chama de “Lei da atração”.⁵⁶

Há ainda outro viés dentro do aspecto financeiro, diferente daquele publicado por Gustavo Cerbasi, que oferece os passos para a riqueza, sobretudo nessa onda neopentecostal em que os pastores apregoam a prosperidade a partir de ajudar-se a si mesmo e de uma fé que autoriza os fiéis a verbalizar comandos a Deus, incluindo o de prosperar financeiramente. É isso que se nota no livro publicado por uma editora secular de um pastor chamado Thomas Anderson, *DEUS quer que você seja MILIONÁRIO!: seja rico espiritual e financeiramente*,⁵⁷ em que o autor apresenta, segundo ele, as bases bíblicas para um indivíduo tornar-se um milionário.

Nesse ponto, é relevante observar que apesar de outros autores usarem a Bíblia em suas obras de autoajuda, vale dizer que a Bíblia não pode ser catalogada inerentemente como um livro de autoajuda, apesar de o material bíblico é vastamente usado por autores de literatura de autoajuda. Essa discussão sobre o conteúdo bíblico e autoajuda será tratada no capítulo três, reservado a explicar qual a relação entre a cultura de autoajuda e o Aconselhamento Pastoral.

Alessandro Viera Reis afirma, por conseguinte, em seu artigo, que livros classificados como “Vida prática”,⁵⁸ que tratavam de temas como “ensinar as pessoas a cozinhar, servir vinhos, etiqueta, trabalhos com madeira, etc.”,⁵⁹ são de certa forma literatura de autoajuda. Ele baseia sua tese na premissa de que “o leitor aprendia de forma autodidata a ajudar a própria vida”.⁶⁰ O contraponto para Reis está no fato de que esse tipo de literatura não tem conteúdo “enganador, charlatão, e curandeiro”,⁶¹ mas, por outro lado, apresenta uma ajuda (autoajuda) estribada em estudos cientificamente comprovados.

⁵⁵ BYRNE, Rhonda. *Secret: o segredo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

⁵⁶ BYRNE, 2007.

⁵⁷ ANDERSON, Thomas. *Deus quer que você seja milionário!: seja rico espiritual e financeiramente*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

⁵⁸ REIS, 2009.

⁵⁹ REIS, 2009.

⁶⁰ REIS, 2009.

⁶¹ REIS, 2009.

Esses ensinamentos, apesar de serem de cunho científico, são acessíveis ao leitor comum, uma vez que nesse tipo de literatura a linguagem é “simplificada e o leitor pode sentir que está aprendendo e se autoajudando de alguma forma”.⁶² Grosso modo, para Reis, autoajuda pode ser “um tipo de informação científica que traduzida numa linguagem vulgar”,⁶³ no sentido de popular, “leva o leitor a aprender e pôr em prática maneiras de se viver uma vida melhor”.⁶⁴

Ao final, Reis afirma que há dois tipos de categorias diferentes, “não-inclusas que costumam ser alistadas juntas: os de ‘Vida Prática’ e os de ‘Divulgação Científica para Leigos’”.⁶⁵ Segundo Reis, o diferencial nesse tipo de material literário é que “eles são bem escritos como tratados e não como ensaios, e costumam ter boa referência bibliográfica”.⁶⁶ Reis conclui afirmando “que os livros dessas duas classes não são autoajuda porque não prometem curas ou milagres, e por isso não enganam”.⁶⁷ Pelo contrário, “de maneira honesta eles declaram: “trazemos saberes que se você for esperto e praticar podem ajudar você, torná-lo mais habilidoso em determinada área específica, e isso é tudo”.⁶⁸ Será isso mesmo? Toda a literatura que não é passada pelos critérios acadêmicos é autoajuda? E os livros de instrução prática que ajudam as pessoas com linguagem popular não são considerados autoajuda? Com a finalidade de esclarecer a diferença, Rüdiger afirma que

a literatura de auto-ajuda [...] compartilha com a literatura apenas o nome, e constitui um fenômeno desprovido de critérios internos de valor: basicamente, é um fenômeno da indústria cultural, caracterizado pelo sucesso de vendagem, a dependência aos sistemas de *marketing* e a repetição de fórmulas padronizadas, que suplantou as barreiras nacionais, conferindo a determinados publicistas e *taste-makers* da alma popularidade mundial semelhante à que se outorga aos escritores de *Best-sellers* e celebridades criadas pelos meios de comunicação.⁶⁹

Para o autor, esse tipo de material nem pode ser catalogado como literatura. Para ele, é um fenômeno cultural resultado de um grande esforço de *marketing*. Carlos Ceia cita a definição de Rüdiger de autoajuda como:

⁶² REIS, 2009.

⁶³ REIS, 2009.

⁶⁴ REIS, 2009.

⁶⁵ REIS, 2009.

⁶⁶ REIS, 2009.

⁶⁷ REIS, 2009.

⁶⁸ REIS, 2009.

⁶⁹ RÜDIGER, 1997, p. 17.

tipo de literatura marginal que surge no final do século XX como panacéia para todos os males de natureza física ou moral. Tem particular expressão, nos dias de hoje, no Brasil. Neste gênero se incluem propostas de cura de vários males, que pessoas de todos os meios sociais procuram avidamente como *ajuda* para situações de maior desespero individual. De largo espectro, este novo tipo de literatura marginal inclui necessariamente um grande número de falsas curas e falsos esoterismos, cuja proliferação só o mal-estar que se instalou na sociedade pós-industrial pode explicar. O potencial leitor deste tipo de literatura dificilmente será capaz de se orientar (ou *auto-ajudar*) por si mesmo no universo de propostas editoriais, que incluem, a título de exemplo: ajuda pela hipnose, pela auto-hipnose, pela auto-análise e pela meditação; ajuda através da arte curativa dos chineses; auto-ajuda para vencer a ansiedade, a angústia, a dependência de drogas, a violência urbana, o *stress* e todas as formas de doenças sociais; auto-ajuda pelo tarô; todas as formas de psicoterapia centradas no corpo; todas as técnicas de auto-sobrevivência; auto-ajuda pela cura quântica ou através do Campo de Energia Humana, etc.⁷⁰

1.4 A literatura de autoajuda e autonomia do indivíduo

O ser humano moderno, no contexto social, pensa como indivíduo e não mais como uma instituição ou grupo social. Para Rüdiger,

a modernidade colocou ao homem a possibilidade de se pensar como indivíduo capaz de escolher papéis sociais e decidir sobre seu destino, ao invés de se pensar apenas como parte de um grupo social, dotado de um papel fixado tradicionalmente. Neste contexto desenvolveu-se uma literatura sobre a condução da vida, um conjunto de tratados populares de moral, que mediatizou essa experiência de conversão, compondo a preocupação do indivíduo moderno em progredir, e fazer-se por si mesmo, com um sistema de valores tradicional que prestava bastante a devoção para com a família e o serviço prestado a comunidade e sustentava que a riqueza só podia ser ganha validamente em uma profissão honrada, contribuindo para o bem estar social.⁷¹

Quando se trata de destacar o conceito de valores que são atribuídos ao indivíduo na modernidade, Rüdiger afirma que

a doutrina moral (ista) da auto-ajuda como da chamada auto cultura [...] foi suplantada por uma terapêutica da auto-realização que procurou confeccionar uma nova dinâmica para o processo de transformação da categoria do indivíduo em valor promovida pela modernidade.⁷²

Rüdiger cita Emerson para ressaltar a independência individual:

segundo Emerson, a independência individual depende da autoconfiança (*self-reliance*), isto é, da capacidade de acreditar em si mesmo, em suas

⁷⁰ CEIA, Carlos. Literatura de auto-ajuda. *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/literatura_autoajuda.htm>. Acesso em: 5 jun. 2009.

⁷¹ RÜDIGER, p. 47.

⁷² RÜDIGER, p. 48.

próprias idéias, em suas próprias forças. O individualismo é responsável pela criação de uma situação contraditória, porque se, por um lado, confere uma dignidade inédita ao indivíduo, por outro provoca a perda de habilidade ou vontade em ajudar aos outros. A consequência disso é que cada um só pode contar consigo próprio. Nesse meio a ajuda deve vir apenas de dentro.⁷³

Segundo Rüdiger,

Nietzsche, todavia terminou revelando que categoria do indivíduo, considerada em sua pretensão de valor, coloca uma série de questões que, contrariamente ao suposto, a tornam profundamente problemática para a moralidade individual e igualitária moderna. Conforme ele próprio descobriu, “desenvolver a plenitude da soberania individual e suportá-la sem ilusões, sem enlouquecer, representa doravante uma tarefa filosófica de primeira grandeza” dificuldade histórico-metafísica em conduzir a vida expressada pelos modernos está endogenamente ligada a natureza problemática das pretensões contidas na própria categoria do indivíduo.⁷⁴

Quando consideramos a ascensão do eu na cultura moderna tardia, há que se referir às expectativas do fenômeno da autoajuda que compreendiam quase todos os setores da sociedade, homens e mulheres desejosos de desenvolver suas habilidades que buscavam respostas em uma sociedade apreensiva de respostas. Para Rüdiger, esse fenômeno se dá em parte por causa do

interesse bastante amplo com a instituição da educação escolar para todos, que os americanos compreenderam muito cedo como responsabilidade pública. Entretanto interesses momentâneos de outra natureza também tomaram parte no desencadeamento do movimento de formação cultural: havia nele trabalhadores e fazendeiros procurando aumentar suas habilidades ou obter maior sucesso econômico; havia filântropos comprometidos moralmente com a idéia de dividir o capital cultural de que tiravam proveito com os menos afortunados; havia empresários procurando força de trabalho mais dócil e treinada, além de alguns aristocratas, que esperavam que a educação pudesse ensinar as classes ascendentes a respeitar a liderança exercida pelos seus superiores na escala social; finalmente, havia homens que sonhavam com uma sociedade na qual todos os homens pudessem ter oportunidade de desenvolver sua potencial [sic!] criativo e espiritual.⁷⁵

Em se tratando do crescimento do indivíduo no processo de ascensão da cultura de autoajuda, pode-se afirmar que há uma proporção direta no crescimento individual na formação do sujeito. Conforme Rüdiger,

o crescimento individual constitui um processo que se centra na formação do sujeito e não no cultivo de habilidades técnicas para lidar com o mundo,

⁷³ RÜDIGER, p. 56.

⁷⁴ RÜDIGER, 1996, p. 70.

⁷⁵ RÜDIGER, 1996, p. 50.

na medida em que esse último não só é secundário como também depende do primeiro para adquirir pleno desenvolvimento.⁷⁶

Rüdiger critica uma democracia utópica em favor de todos, seguida pelo embelezamento das políticas sociais e considera fracassadas as atribuições de valores éticos, religiosos e morais. Segundo Rüdiger,

a ascensão da democracia conseguiu promover com sucesso a participação política e o padrão de vida das massas, contribuiu também para a diminuição das desigualdades entre os homens e, embora de maneira superficial, favoreceu o crescimento intelectual. Entretanto, considerada em seus resultados religiosos, estéticos e morais principais, revela-se um completo fracasso. A consciência moral não acompanhou o progresso material das condições de vida e, por trás da fachada triunfante, esconde-se uma realidade chocante.⁷⁷

O progresso para Rüdiger não representa necessariamente o sucesso tão presente na literatura de autoajuda. Brunelli explica algumas das razões em que esse fenômeno de autoajuda se dá, pois, “quando alguém se propõe a explicar a ascensão da cultura de auto-ajuda na sociedade atual, verifica-se que a cultura de auto-ajuda (se dá) a partir análise do discurso fazendo um levantamento das suas condições de produção”.⁷⁸ Segundo Brunelli, com certa facilidade algumas razões em que essa cultura se dissemina tão vastamente se apresentam a partir da análise do discurso. Brunelli prossegue afirmando:

sem muita dificuldade, se assim o fizesse, esse analista iria descobrir que, num mundo onde nem todos podem ficar ricos, onde não há emprego para todos, onde nem todos podem morar em condomínios de luxo etc., é muito propício que esse tipo de discurso circule para apaziguar os ânimos e levar as pessoas a acreditarem que podem realizar seus projetos, que podem ficar ricas, que podem comprar carros ou casas de praia, etc., **como se o sistema sócio-econômico não limitasse essas possibilidades**. Assim se um indivíduo acreditar que realmente pode tudo, então ele não irá nem questionar nem investigar o que o impediria de subir de nível sócio-econômico, fato este muito favorável para a manutenção do sistema. Aliás, de acordo com o discurso de autoajuda, os fracassos na vida devem-se aos próprios sujeitos, que não souberam como aplicar devidamente o que os livros receitam.⁷⁹

Um risco muito presente e, conseqüentemente, muito sério no discurso de autoajuda, seja esse na literatura seja em outros meios de transmissão dessa cultura, televisão, rádio ou internet, é de se ensinar que os fracassos são

⁷⁶ RÜDIGER, 1996, p. 51.

⁷⁷ RÜDIGER, 1996, p. 53.

⁷⁸ BRUNELLI, 2004, p. 135. (grifo nosso)

⁷⁹ BRUNELLI, 2004, p. 135 (grifo nosso).

inteiramente culpa do sujeito. Considerando somente os aspectos sociológicos, campo da autora citada acima, os desdobramentos desta crença de autonomia e responsabilidade do sujeito retiram do Estado inúmeras responsabilidades que não podem ser esquecidas. Pelo contrário, é importante lembrar que há fatores socioeconômicos implicantes e tanto o sujeito quanto as sociedades em suas muitas facetas devem responsabilizar-se mutuamente.

Brunelli considera uma ação ardilosa por parte dos autores de literatura de autoajuda em que a promoção de mensagem otimista, mesmo quando essas fogem a realidade, é responsável pelo grande resultado em vendas desse material desse tipo.

Investigando o discurso de autoajuda, verificamos que os autores dos livros que compõem o *corpus* são sujeitos sábios o bastante para perceberem que **existe um vastíssimo mercado que necessita consumir textos com mensagens otimistas**. Ora a sensação que temos quando lemos alguns desses livros é que lemos apenas um. Quanto mais lemos, mais percebemos o quanto dizem a mesma coisa.⁸⁰

Os autores desse tipo de material, uma vez que observam que a fórmula de discurso funciona, empreendem-se em produzir cada vez mais e o resultado, segundo Brunelli, é o efeito repetitivo do material; a impressão é que “quanto mais lemos mais percebemos o quanto dizem a mesma coisa”.⁸¹

Ao ponderar sobre as possíveis consequências da ascensão do eu na cultura moderna tardia, verifica-se que há possibilidades múltiplas da cultura de autoajuda relacionada a modelos de indivíduos presentes nessa cultura,⁸² principalmente no que diz respeito à egotização do sujeito. Há uma forte inclinação de o ser humano estar infundindo nessa cultura aspectos de desenvolvimento de personalidade com base no princípio que aponta para um processo de formação espiritual no qual o ser humano se torna responsável pelo próprio sucesso. Para Rüdiger, como consequência desse processo o homem toma posse da própria vida ao ensinar o cultivo de atos ou pensamentos de autoajuda, pois

a literatura de auto-ajuda e se propôs a capacitar o indivíduo a se apropriar da própria vida através do cultivo moral da consciência e do cumprimento dos deveres para consigo e para com os outros. Em contrapartida [...]

⁸⁰ BRUNELLI, 2004, p. 135 (grifo nosso).

⁸¹ BRUNELLI, 2004, p. 135.

⁸² RÜDIGER, 1997, p. 15.

procurou difundir a idéia de que o sentido da condução da vida consiste em desenvolver plenamente a personalidade, concebendo para tanto a figura do “homem que se ajuda a si mesmo”, isto é, a idéia do homem que submete sua vida a um processo de autocultivo, a um programa de formação espiritual.⁸³

Uma ascensão dessa cultura se dá devido à liberdade que foi encontrada em setores da sociedade em lacunas, que foram deixadas por agentes sociais. Por isso, a autoajuda funciona em determinados modos de subjetivação, não obstante Rüdiger sinalize que sua pesquisa se baseia em sistemas mediadores da categoria de indivíduo. Segundo Rüdiger, “o pressuposto hermenêutico de nossa pesquisa convém lembrar, é o de que sistemas de autoajuda constituem, enquanto matrizes de determinados modos de subjetivação, uma mediação da categoria do indivíduo”.⁸⁴

Rüdiger destaca que o reconhecimento de que a consequência do conceito de personalização do sujeito, oriunda da modernidade clássica, prescinde a autonomia do sujeito o leva à modernidade tardia,⁸⁵ repleta de constatações hedonistas. Para Rüdiger,

a modernidade clássica nasceu com “a perspectiva de uma prática autoconsciente em que a autodeterminação solidária de todos se pudesse associar a auto-realização autêntica de cada um individualmente”. A metafísica dominante desde então sugere não somente que somos indivíduos separados e distintos, mas que possuímos uma personalidade individual, que deve ser plenamente desfrutada através do desenvolvimento de todas as capacidades físicas e espirituais que nos foram dadas pela natureza ou mesmo por Deus.⁸⁶

O autor prossegue afirmando que, por conta desse interesse em desfrutar plenamente de todas as capacidades físicas e espirituais,⁸⁷ o sucesso e a realização pessoal⁸⁸ passaram a ocupar um espaço substancial na sociedade, em que sucesso e sua obtenção se tornam uma condição *sine qua non*.

Na modernidade, a perspectiva metafísica conforme a qual a natureza humana tem um ordenamento comum ingressou num processo de desintegração e passou-se a defender que os indivíduos são independentes e distintos, cada um de nós é livre e deve procurar seu bem pessoalmente. A realização individual e o sucesso na vida são matéria puramente pessoal

⁸³ RÜDIGER, 1997, p. 62.

⁸⁴ RÜDIGER, 1996, p. 63.

⁸⁵ RÜDIGER, 1996, p. 15.

⁸⁶ RÜDIGER, 1996, p. 63-64.

⁸⁷ RÜDIGER, 1996, p. 63.

⁸⁸ RÜDIGER, 1996, p. 63.

e subjetiva. A natureza humana transformou-se num conjunto de necessidades e desejos em contínua expansão que precisa ser satisfeito para que nos realizemos individualmente.⁸⁹

O ser humano na modernidade tardia é sujeito ao sucesso, a partir de um individualismo prático. Assim, “o discurso de auto-ajuda promove no indivíduo, em detrimento da vida comunitária, um estímulo que o impulsiona constantemente para a busca do sucesso social”.⁹⁰ Destarte, aponta Rüdiger:

a metafísica moderna solicita, porém, que sejamos mais que sujeitos políticos, sociais ou sexuais; solicita também que sejamos sujeitos ao sucesso; sobretudo solicita que sejamos indivíduo, nos tornemos aquilo que podemos e devemos ser homens “novos, únicos, incomparáveis, aqueles que se autolegislam, aqueles que criam a si próprios”, conforme resume Nietzsche.⁹¹

O indivíduo, nesse contexto, encontra-se mais que motivado a se tornar sempre alguém melhor, mas é pressionado a ser e ter mais do que os outros em uma busca incessante “de bem estar consigo mesmo, a condição **de poder e onipotência** em direção ao sucesso pessoal e à riqueza”.⁹²

Ao tratar o tema de autoajuda, uma das maneiras de se verificar a profusão dessa cultura está no fato de se conhecer o que está sendo oferecido nas livrarias. A rigor, o que está sendo mais vendido, os chamados *Best Sellers*, é o que está sendo lido e aprendido pelas pessoas. O repórter Antonio Arruda, da Folha de São Paulo, em uma notícia na versão online, sobre a Bienal do Livro em São Paulo, afirma, não surpreendente: “no topo das obras de não-ficção, encontram-se aquelas relacionadas a três segmentos editoriais: auto-ajuda, psicologia e sexualidade, trinômio representado por 144 editoras”.⁹³ Ele ainda afirma:

o número elevado reflete o que ocorre no mercado editorial brasileiro, no qual pipocam livros que pretendem ensinar as pessoas a levar uma vida melhor. ‘Os livros com maior destaque nas estantes das livrarias são os de auto-ajuda’, diz Jair Canizela presidente da Associação Nacional de Livrarias.⁹⁴

⁸⁹ RÜDIGER, 1996, p. 64.

⁹⁰ CHAGAS, Arnaldo. *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*. Ijuí: Unijuí, 2001, p. 111.

⁹¹ RÜDIGER, 1997, p. 65.

⁹² CHAGAS, 2001, p. 111 (grifo nosso).

⁹³ ARRUDA, Antonio. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43246.shtml>> Acesso em: 10 jul. 2008.

⁹⁴ ARRUDA, 2008.

Pode-se constatar que a literatura de autoajuda, apesar da imprecisão científica, apela de maneira substancial à cultura brasileira, o que pressupõe quais os desdobramentos possíveis para além de uma leitura simples e descomprometida. Há a possibilidade de uma agenda do mercado editorial em propagar uma cultura de supervalorização do indivíduo.

Durante essa a pesquisa, constatou-se a presença da cultura de autoajuda em algumas vertentes do cristianismo, principalmente, mas não somente, no neopentecostalismo. Antes disso, porém, vale lembrar alguns autores que são cristãos ou citam em seus livros a influência que tiveram crescendo ou experimentando igrejas cristãs e usaram em seus escritos conceitos do cristianismo. Como exemplo, o Pastor Robert H. Schuller, em sua obra *Você pode ser quem deseja*,⁹⁵ em sua segunda edição em português. Nessa obra, o autor trabalha na tese de que quem decide sua vida é você mesmo. Então você deve decidir pelo melhor que a vida pode oferecer.⁹⁶ De modo semelhante, *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*,⁹⁷ de Mark W. Baker, cujo subtítulo traz o ensinamento central do livro, *Como os ensinamentos de Cristo podem nos ajudar a resolver os problemas do cotidiano e aumentar nossa saúde emocional*.⁹⁸ A seguir, vemos Jamie Buckingham, que organizou o livro *Força para viver*,⁹⁹ um tratado que traz experiências de personalidades da política, do esporte e da moda como resultado de crer no poder individual a partir de um encontro verdadeiro com Cristo. Norman Vincent Peale, em *O poder do pensamento positivo*,¹⁰⁰ afirma que as pessoas não têm razão para deixar de vencer. *Pai rico, pai pobre*, de Robert Kiyosaki,¹⁰¹ ensina os caminhos para a prosperidade financeira, apesar de seu autor não professar religião, ele ensina o princípio bíblico de devolução de dez por cento (dízimo) de tudo o que se ganha. Segundo o Pastor Thomas Anderson, influenciou sua vida e foi quem o inspirou a escrever *Deus quer você seja milionário: seja rico espiritual e financeiramente*.¹⁰² Podemos citar ainda *Cura pela palavra*¹⁰³ e *O segredo da auto-estima*,¹⁰⁴ ambos do

⁹⁵ SCHULLER, Robert. *Você pode ser quem deseja*. São Paulo: Vida, 2008.

⁹⁶ SCHULLER, 2008.

⁹⁷ BAKER, Mark. *Jesus: o maior psicólogo que já existiu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

⁹⁸ BAKER, 2005.

⁹⁹ BUCKINGHAM, Jamie. *Força para viver*. [s.l]: Arthur de Moss Foundation, 1987.

¹⁰⁰ PEALE, Norman Vincent. *O poder do pensamento positivo*. São Paulo: Cultrix, 1995.

¹⁰¹ KIYOSAKI, Robert; LETCHER, Saron. *Pai rico, pai pobre*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

¹⁰² ANDERSON, 2007.

¹⁰³ AGUIAR, Marcelo. *Cura pela palavra*. Venda Nova: Betânia, 1998.

¹⁰⁴ AGUIAR, Marcelo. *O segredo da auto-estima*. Venda Nova: Betânia, 1998.

psicólogo, escritor e pastor batista Marcelo Aguiar, em que o autor aponta os caminhos para uma vida melhor através da junção do conhecimento da psicanálise e da Bíblia.

No grupo de autores denominadamente não-cristãos, certamente no Brasil desponta como um dos mais lidos: Dr. Lair Ribeiro, autor de *O sucesso não ocorre por acaso*,¹⁰⁵ que já ultrapassa 27 edições.¹⁰⁶ A apresentação do livro pelo autor diz: “a leitura destas páginas pode transformar sua vida para todo o sempre”.¹⁰⁷ Logo a seguir, hesita e afirma: “eu disse **pode**; não estou garantindo que irá transformar, porque só ler não resolve nada. Se apenas o ato de ler resolvesse, bastaria que você lesse a Bíblia para que o paraíso eterno estivesse garantido”.¹⁰⁸ E prossegue assim: “mas a leitura desse livro, aliada ao entendimento do material apresentado e sua aplicação no dia-a-dia, pode trazer resultados surpreendentes ao seu viver”.¹⁰⁹

Outros autores campeões de venda, como Dale Carnegie, Orison Marden, Og Mandino, Joseph Murphy, Laurie Beth Jones, Lauro Trevisan, Eduardo Criado, Augusto Cury e Paulo Coelho, dentre outros, compõem, na verdade, uma lista muito extensa. A lista é tão grande quanto variada. Dispõe de saberes religiosos, técnicos e mescla aspectos do comportamento e das emoções humanas. Há, portanto, um aspecto comum, que é o desse tipo de literatura oferecer, como absolutamente real, a possibilidade de sucesso em todas as áreas da vida e da participação ativa e integral do indivíduo no processo de se conseguir o que deseje.

Quando avaliamos o tema autoajuda dentro da realidade de massificação da cultura, levando em consideração que autoajuda é uma maneira de se alcançar o sucesso segundo seus principais autores, há pelo menos dois aspectos psicológicos envolvidos na experiência sociorreligiosa: a **emoção** e a **motivação**. Inicialmente, a partir de Johnmarshall Reeve, podemos definir emoções como

fenômenos expressivos e propositivos, de curta duração, que envolvem estados de sentimento e ativação, e nos auxiliam na adaptação as oportunidades e aos desafios que enfrentamos durante eventos importantes da vida.¹¹⁰

¹⁰⁵ RIBEIRO, Lair. *O sucesso não ocorre por acaso*. São Paulo: Moderna, 1999.

¹⁰⁶ RÜDIGER, 1996, p. 31.

¹⁰⁷ RIBEIRO, 1999, p. 7.

¹⁰⁸ RIBEIRO, 1999, p. 7.

¹⁰⁹ RIBEIRO, 1999, p. 7.

¹¹⁰ REEVE, Johnmarshall. *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: LTC, 2006. p. 191.

Reeve também afirma que “o estudo da motivação refere-se aos processos que fornecem ao comportamento sua energia e direção”.¹¹¹ A emoção, como fenômeno expressivo, e a motivação, como fator de direção e energia para o comportamento, são exploradas pelos autores de literatura de autoajuda no sentido de que elas podem ser controladas por palavras de afirmação, gerenciamento dos pensamentos inclinados ao aspecto positivo e à busca de soluções mágicas para problemas reais. Há, certamente, os aspectos religiosos e aceitáveis propostos, mas é importante ressaltar que uma literatura que realmente auxilia deveria dar liberdade ao indivíduo de fazer reflexões quanto à credibilidade de cada literatura, o contexto em que foi escrita e seus destinatários. Esses pressupostos não parecem ser levados em consideração quando lemos a literatura de autoajuda, pois esse tipo de material aparentemente já vem prensados de maneira que o leitor, nesse ponto, ao iniciar a leitura, conjectura que essas são verdades diretamente ditadas para ele e para toda uma vida. Visto que as motivações humanas “fornecem ao comportamento sua energia e direção”,¹¹² elementos intrinsecamente relacionados aos desejos.

A literatura de autoajuda ensina, através de seus escritores, que aquilo que o indivíduo desejar ele alcançará, nas palavras de Thomas Anderson: “sua atitude determinará sua **altitude**”.¹¹³ Ele prossegue afirmando que “seu comportamento está diretamente relacionado ao que está no seu coração. Atitudes positivas engendram ações positivas, ao passo que atitudes negativas engendram ações negativas”.¹¹⁴ Destarte, na literatura de autoajuda, a crença no potencial humano de realizações subsidia a tese de que o sucesso está no coração ou nas mãos¹¹⁵ do indivíduo.

Colin Turner, em sua obra *Nascido para o sucesso: como desenvolver seu potencial ilimitado*,¹¹⁶ afirma desenvolver aspectos que direcionam uma vida de sucesso. Nessa obra, o autor utiliza o conhecimento científico, as experiências de célebres figuras da história que alcançaram sucesso a partir da genialidade comum a todos os homens, do conhecimento dessa genialidade e da disciplina em usar as diferentes faces dessa genialidade. O pressuposto de Turner é de que todas as

¹¹¹ REEVE, 2006, p. 14.

¹¹² REEVE, 2006, p. 191.

¹¹³ ANDERSON, 2007, p. 19.

¹¹⁴ ANDERSON, 2007, p. 19.

¹¹⁵ BRUNELLI, 2004, p. 11.

¹¹⁶ TURNER, Collin. *Nascido para o sucesso: como desenvolver seu potencial ilimitado*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

peças nascem com potencial de sucesso.¹¹⁷ A metafísica de Turner aparece quando ele afirma:

seus pensamentos positivos afastarão todos os outros para o lado quando você os lançar nesse oceano¹¹⁸ de vibração e eletricidade. Varrerão tudo para alcançar o seu objetivo, porque os pensamentos positivos são como a pedra maior provoca a onda maior.¹¹⁹

Aqui Turner impõe ao leitor quase que de maneira dogmática ao ambiente da confissão positiva “aquilo em que você acreditar com sentimento tornar-se-á sua realidade”.¹²⁰

E ainda afirma:

a fé é um estado de espírito que pode ser induzido ou criado pela repetição constante de algo, o que transforma as vibrações comuns de um pensamento num processo poderoso e ininterrupto para provocar a realidade que você quer. Acredite que a atitude ‘Eu sou positivo, eu posso’ gera a força, a habilidade e a energia para ser bem-sucedido.¹²¹

Turner prossegue em sua discussão que essas emoções e esses pensamentos devem ser predominantes na mente do indivíduo, pois,

é essencial que você encoraje as emoções positivas a serem os pensamentos dominantes de sua mente, através do autoconhecimento, da auto-aceitação e do planejamento da sua vida. Naturalmente, deve desencorajar e eliminar as emoções negativas.¹²²

Ao acreditar que emoções positivas e pensamentos positivos são responsáveis pelo crescimento, saúde emocional e espiritual das pessoas, Turner difunde a ideia de que tudo é possível, desde que se tenham os pensamentos e as emoções certas.

¹¹⁷ TURNER, 1994, p. 73.

¹¹⁸ Turner exemplifica sua tese metafísica ao se referir que “os pensamentos, imaginemo-nos jogando uma pedrinha num lago. Podemos ver então pequenas ondas, que espalham-se em círculos, alcançando finalmente as margens, onde parecem parar. Duas pedras de tamanhos e pesos diferentes, jogadas simultaneamente em lugares diferentes, enviam ondas que convergem umas para as outras, e onde elas se encontram parece haver uma luta para ver quem vencerá. As ondas criadas pela pedra maior avançam sobre as criadas pela pedra menor e geram outras ondas no curso das menores. É isso que acontece com os seus pensamentos: quanto maior for o seu pensamento, quanto mais forte e vital, maior a chance de que ele avance sobre os pensamentos menores e os vença”. TURNER, 1994, p. 72-73.

¹¹⁹ TURNER, 1994, p. 73.

¹²⁰ TURNER, 1994, p. 73.

¹²¹ TURNER, 1994, p. 73.

¹²² TURNER, 1994, p. 73.

Norman Vincent Peale, precursor do **pensamento positivo**, vai além. Ele afirma:

se você ler esse livro com profunda atenção, absorvendo cuidadosamente os seus ensinamentos, e se praticar, sincera e persistentemente, os princípios e fórmulas nele expostos, irá experimentar extraordinária melhoria em si mesmo. Usando a técnica nele delineada, poderá alterar ou modificar por completo as circunstâncias em que agora vive, passando a dominá-las ao invés de ser dominado por elas. Suas relações com outras pessoas tornar-se-ão melhores. Você será benquisto. Assenhorando-se de tais princípios, gozará uma nova e agradável sensação de bem-estar. Poderá atingir um grau de saúde que até então desconhecia e experimentar o novo e inefável prazer na vida. Tornar-se-á uma pessoa mais útil e verá expandir a força de sua influência.¹²³

A assertiva acima é impactante. Norman Vincent Peale, na citação acima, coloca todas as pessoas na mesma perspectiva, a do **pensamento positivo**. Isso é, no mínimo, inseguro, pois é necessário considerar elementos ambientais, históricos, culturais e religiosos para, se for o caso, afirmar que ao ler, observar e colocar em prática os princípios do livro o leitor poderá gozar “de uma nova agradável sensação de bem estar”.¹²⁴ Mais uma vez, a literatura de autoajuda, nas palavras de Peale, desconsidera pressupostos essenciais na vida humana como, por exemplo, a diversificação cultural. Crenças e valores que são, para algumas comunidades, muito subjetivos podem ser bem menos significativos em outros ambientes. David Augsberg afirma que, “no centro de toda a real existência humana estão os valores” (tradução nossa).¹²⁵ Não se pode simplesmente obstaculizar as escolhas que fazemos diariamente sob o pretexto de ensinar aos outros o caminho do sucesso.

1.5 Autoajuda: origens antigas

A filosofia grega parece trazer conceitos que podem ser atribuídos à cultura de autoajuda ou, quem sabe, pode ter sido o berço para a compreensão e assimilação da autoajuda no mundo ocidental. Platão disse que “aquele que foi criado, necessariamente, foi criado para uma causa”.¹²⁶ Colin Turner, em sua obra *Nascido para o sucesso*, concebe com esta afirmação que “nossa meta é realizar

¹²³ PEALE, 1995, p. 8.

¹²⁴ PEALE, 1995, p. 8.

¹²⁵ *At the center of all truly human existence there are values.* AUGSBURGER, David. *Pastoral Counseling Across Cultures*. Philadelphia: The Westminster Press, 1976. p. 145.

¹²⁶ TURNER, 1998, p. 16.

nosso potencial”.¹²⁷ Para Turner, ao aprender que podemos realizar nosso potencial ou cumprir nosso propósito, estamos tão somente fazendo aquilo para o que fomos criados.¹²⁸ Turner, como apregoador de autoajuda, encarna o tipo de publicista criticado por Chagas:

os líderes da auto-ajuda, por intermédio de suas afirmações, condutas e procedimentos, demonstram segurança e determinação naquilo que acreditam sobretudo quando subsiste a tentativa de convencer ou persuadir as pessoas para seu modo de pensar, de modo especial, quando fazem referências a suposta existência de uma força ou poder interior, que autoriza o indivíduo para o caminho da concretização de seus ideais e conseqüentemente a realização pessoal.¹²⁹

Turner destaca que a ajuda vem de ouvir uma voz interior,¹³⁰ e ouvir essa voz interior é algo aprendido. Sócrates, afirma Turner, “reconhecia o importante fato de cada ser humano ser único e crucial”.¹³¹ O desafio é saber o que o interior diz. O filósofo resume seu pensamento com o corolário: “conhece-te a ti mesmo”.¹³²

Tanto o reconhecimento platônico de o ser humano ter sido criado para um propósito, quanto o desafio socrático de autoconhecimento, dentre outros aspectos da filosofia grega, adicionam elementos de autoajuda no sentido em que encontramos hoje no mundo ocidental. Pode-se compreender que há vestígios de autoajuda presentes muito antes naquela cultura.

Um provérbio latino reproduz o pensamento antigo sobre a capacidade e a responsabilidade que cada indivíduo tem de obter sucesso na vida; e possivelmente poderíamos afirmar que é um tipo autoajuda: “oportunidade tem cabelos na frente, a sua nuca é calva; se você a segura pela frente, você a segurará, mas, se ela escapar, nem mesmo Júpiter poderá ajudar a conquistá-la”.¹³³ Em outra parte, afirma que Marco Aurélio escreveu: “a vida do homem é o que seus pensamentos fazem dela”.¹³⁴ Há também traços de autoajuda na poesia-filosofia bíblica. Verificamos nas palavras de Salomão: “como um homem pensar em seu coração,

¹²⁷ TURNER, 1998, p. 16.

¹²⁸ TURNER, 1998, p. 16.

¹²⁹ CHAGAS, 2001, p. 63.

¹³⁰ TURNER, 1998, p. 16.

¹³¹ TURNER, 1998, p. 16.

¹³² TURNER, 1998, p. 16.

¹³³ *Opportunity has hair in front, behind she is bald; if you seize her by the forelock you may hold her, but, if suffered to escape, not Jupiter himself can catch her again* (tradução nossa). SMILES, Samuel. *Self-help*. Project Guttenberg. 1997.

¹³⁴ TURNER, 1998, p. 37.

assim ele será”;¹³⁵ em outra parte ensina: “cuidado com o que você pensa, pois sua vida é dirigida pelos seus pensamentos”.¹³⁶ Aqui estamos apresentando apenas uma circunscrição de uma possível relação entre autoajuda e a literatura sapiencial bíblica para estabelecer um posicionamento histórico.

Finalmente, há autoajuda na filosofia oriental. Na verdade, o maior número de obras publicadas tem sua base na filosofia oriental. Em sua obra, Turner cita uma frase de Buda: “tudo o que somos é o resultado do que pensamos”. Nas religiões orientais, o tema autoajuda que se vê no mundo ocidental está aparentemente ausente, isto é, o fato de se usar de preceitos “à beira do pensamento mágico”¹³⁷ para se conquistar uma vida melhor, nesse “melhor”, estão relacionados aos bens materiais, a saúde, a beleza e a prosperidade. Porém, quando relacionamos autoajuda a autoconhecimento para a conquista do equilíbrio do ser, quer seja consigo mesmo, com seu próximo ou com o universo, podemos verificar que há sim traços de uma cultura¹³⁸ de autoajuda. Quando falamos, no entanto, que há autoajuda na cultura oriental, precisamos estabelecer alguns limites. Por exemplo, tanto o hinduísmo quanto o budismo (nota-se que o budismo cresceu dentro do hinduísmo) ensinam as doutrinas do “renascimento, do carma e da salvação”.¹³⁹ Dentro das duas maiores religiões do mundo oriental, há sempre a relação de causa e efeito:

para Buda, um ponto de partida óbvio, é que o ser humano é escravizado por uma série de renascimentos. Como todas as ações têm conseqüências, o princípio propulsor por trás do ciclo nascimento-morte-renascimento são os pensamentos do homem, suas palavras e seus atos (Carma).¹⁴⁰

E ainda:

também nós podemos passar pela experiência de ver que certas coisas que pensamos ou fizemos em determinada época da vida nos afetaram mais tarde. Podemos sentir que nosso passado nos alcançou. É essa a mesma idéia que percorre o hinduísmo e o budismo. A diferença é que os orientais vêem essa relação como algo estritamente regulado - e que se estende de uma vida a outra. O tipo de vida em que o indivíduo vai renascer

¹³⁵ TURNER, 1988, p. 37.

¹³⁶ PROVÉRBIOS 4.23.

¹³⁷ REIS, 2009.

¹³⁸ CULTURA, nesse contexto, é um modo de vida.

¹³⁹ HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. *O livro das Religiões*. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 54.

¹⁴⁰ HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 54.

depende de suas ações em vidas anteriores. O homem colhe aquilo que plantou.¹⁴¹

Não existe “destino cego nem divina providência”.¹⁴² Não há uma fatalidade, as coisas acontecem com ou sem nossa compreensão delas. Para essas crenças, a relação causa e efeito é bem presente: “o resultado flui automaticamente das ações. Portanto é tão impossível fugir de seu carma quanto escapar de sua própria sombra. Enquanto o ser humano tiver um carma, ele está fadado a renascer”.¹⁴³ Se o resultado é consequência direta das ações, como ensina a filosofia oriental, talvez caiba dentro desse modo de vida a possibilidade de ajudar as ações para que sejam melhores e tenham consequências positivas, isto é, autoajuda.

Se considerarmos o fator “carma” como uma redução tanto no budismo quanto no hinduísmo, podemos afirmar que nesse sentido não há autoajuda nessas religiões e culturas, pois um passo importante para entender essa filosofia está na negação do desejo. O desejo é um ponto saliente na cultura de autoajuda, pois é a partir do desejo (ou dos desejos) que o indivíduo busca a realização e o sucesso. Para o budismo, por exemplo, a conquista das coisas, tanto materiais quanto espirituais, está na autonegação.¹⁴⁴ Portanto, fica difícil equacionar autonegação e autorrealização, objetivo na cultura de autoajuda. Nos ensinamentos do budismo,

o sofrimento implica algo mais do que o mero desconforto físico e psicológico,¹⁴⁵ na verdade a filosofia budista doutrina que os efeitos do sofrimento são efêmeros pois “a existência como um todo é manchada pelo sofrimento, pois tudo é passageiro”.¹⁴⁶

Podemos constatar que há pelo menos duas opções para esboçar a origem da cultura de autoajuda. A primeira busca essa origem nas filosofias orientais e ocidentais, a partir dos povos semitas, dos gregos e dos romanos, bem como da Índia e da China. A segunda opção traz essa origem, pelo menos em sua forma massificada, para uma data mais próxima, a partir dos textos de Samuel Smiles, em meados do século XVIII, e os outros que o sucederam, compreendendo que os textos sucedâneos aos de Smiles tiveram seus conteúdos conceituais corrompidos,

¹⁴¹ HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 54

¹⁴² HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 54.

¹⁴³ HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 54

¹⁴⁴ HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 56.

¹⁴⁵ HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 56.

¹⁴⁶ HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 56.

conforme afirma Rüdiger. Tratavam-se “sobretudo do *cumprimento exato do dever individual, em que consiste a glória de um caráter*”.¹⁴⁷ Para efeito desta pesquisa, uma visão mais próxima da origem da cultura de autoajuda se mostrou mais adequada. Esse posicionamento é pelo fato de compreender que a literatura de autoajuda como fenômeno é resultado da era moderna e da secularização que tem sua inauguração no final do século XVI com desmantelamento do feudalismo e a ascensão do capitalismo. O capitalismo, a secularização muda o eixo da cultura ocidental de vida comunitária que tinha sua base na tradição cristã para uma centralização do homem no universo e a autonomia do indivíduo. Portanto um estudo de autoajuda que observe a história a partir da modernidade será mais apropriado.

Para concluir, temos algumas definições aproximadas de autoajuda. Primeiro, temos aquela definição do Conselho Federal de Psicologia: “é um tipo de literatura, um saber não-sistematizado, sem fundamentação científica e que beira o pensamento mágico”.¹⁴⁸ Logo a seguir, temos o conceito de Alessandro Reis. Ele situa a autoajuda, quando se trata de recursos práticos sistematizados que visam auxiliar as pessoas nas tarefas cotidianas, dentro de temas como “ensinar as pessoas a cozinhar, servir vinhos, etiqueta, trabalhos com madeira, etc.”,¹⁴⁹ considerando-os, de “certa forma literatura de autoajuda”.¹⁵⁰ Em terceiro lugar, podemos mesclar esses dois conceitos e dizer que autoajuda pode se referir a

a qualquer caso onde um indivíduo ou um grupo (como um grupo de apoio) procura se aprimorar econômica, espiritual, intelectual ou emocionalmente. O termo costuma ser aplicado como uma panacéia em educação, negócios e psicologia, propagandeada através do lucrativo ramo editorial de livros sobre o assunto.¹⁵¹

Se considerarmos as três definições e as condensarmos em uma só, sinteticamente podemos afirmar que autoajuda é tudo aquilo que é publicado em linguagem simples, que leva o leitor a se autoajudar. Essa literatura propõe um conhecimento que nem sempre é técnico ou pode ser comprovado empiricamente, pelo contrário em alguns casos, são apenas idéias seus promotores.

¹⁴⁷ RÜDIGER, 1996, p. 33.

¹⁴⁸ REIS, 2009.

¹⁴⁹ REIS, 2009.

¹⁵⁰ REIS, 2009.

¹⁵¹ WIKIPEDIA. *Auto-ajuda*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Auto-ajuda>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

Portanto, podemos considerar mais uma perspectiva: ter-se a possibilidade de um tipo de ajuda publicada em forma de manuais que atendem aos princípios da tradição cristã. Esses manuais têm como objetivo principal a busca de um bem comum, com a proposta central do Novo Testamento de amar uns aos outros. Ou ainda como afirmou Paulo em sua carta aos Gálatas que a expressão desse amor ocorre no auxílio mútuo “ajudem uns aos outros e assim vocês estarão obedecendo à lei de Cristo”¹⁵². Esses manuais objetivam orientar as pessoas a viverem melhor tanto no aspecto individual quanto com o seu próximo nas mais diferentes áreas da vida, pois foi Jesus que ensinou o amor em três perspectivas: o amor a Deus, o amor ao próximo e o amor a si mesmo¹⁵³. Uma literatura que ensina a preparar melhores receitas na culinária, que ensina a se relacionar de maneira sensível, amável e compreensível com o cônjuge. Esse tipo de ajuda que o orienta a administrar sua vida financeira de modo que não caia nas armadilhas do mercado capitalista nem se submetendo ao secularismo. Um tipo de ajuda que propõe ser uma parceira na vida do indivíduo, sobretudo perfilando seu caráter tornando uma pessoa que viva mais altruisticamente. Um tipo de ajuda que seja publicado em linguagem acessível a leitores comuns.

Há uma literatura, no entanto que consideramos como aquela que se propõe a ser uma panacéia, cura para todos os males, que se porta como a última revelação espiritual. Essa literatura chamada de autoajuda que é colocada através dos seus publicistas como se fora central, conseqüentemente estabelece o indivíduo a partir de uma visão narcisista egotista.

O maior desafio, mormente, talvez não seja descobrir onde a cultura de autoajuda está, mas em que sociedade esse fenômeno não se apresente. Nessa pesquisa, reiteramos a autoajuda como um fenômeno com desdobramentos globais e de fácil percepção, a partir da emancipação do indivíduo na era moderna e seu legado aos nossos dias, qualquer que seja a nomenclatura ou classificação que venhamos a dar a esses dias. Quando tratamos de autoajuda precisamos delimitar nesse trabalho, particularmente à **literatura de autoajuda**. Por isso, usaremos os modelos conceituais apresentados no início desse capítulo, quais sejam: autoajuda

¹⁵² Gálatas 6.2

¹⁵³ Mateus 22.37-40

“como uma **modalidade de discurso**”;¹⁵⁴ autoajuda “a partir da **conjugalidade**”;¹⁵⁵ e autoajuda a partir de seu “**caráter individual**”.¹⁵⁶ Além disso, consideraremos também que nem toda a literatura que se apresenta em forma de manuais pode ser tratada como literatura de autoajuda. Efetuaremos a separação, para efeitos didáticos, e assim discorreremos sobre os manuais de autoajuda e o tipo de literatura que se apresenta em forma de manuais, mas mantém uma abordagem dentro da tradição cristã no aspecto do auxílio mútuo.

No próximo capítulo, trataremos do aconselhamento cristão a partir de Howard Clinebell. A essa altura, o leitor esteja indagando se há uma relação de autoajuda com aconselhamento cristão. Ao mesmo tempo em que a resposta a essa pergunta é não, pois não entendemos autoajuda como via de aconselhamento, é preciso informar que esse trabalho se ocupa em trazer luzes sobre a cultura de autoajuda e permitir um diálogo com bases em um aconselhamento cristão. Portanto, se há uma relação, essa é a de olhar algo de concepção imprecisa, ou seja, a literatura de autoajuda, que tem sido absorvida com muita facilidade na sociedade atual, e a opção de enfrentar essa massificação cultural de autoajuda com ferramentas adequadas dentro dos parâmetros da palavra de Deus. Para tanto, a obra de Clinebell, apresentada a seguir, será de grande auxílio. O próprio Clinebell, citando Daniel Yankelovich, descreve de maneira ilustrativa o mover de placas tectônicas com as mudanças na sociedade.¹⁵⁷ Segundo o autor, “grande parte da agitação e do conflito existentes em nossa sociedade contemporânea tem a ver com essas mudanças radicais e abaladoras”.¹⁵⁸ Mais adiante, escreve Yankelovich:

‘estudos representativos dos americanos demonstram inequivocamente que a busca de auto-realização é uma efusão de sentimento e experimentação populares, um autêntico fenômeno de base, envolvendo, de uma forma ou de outra, talvez nada mais nada menos de 80 por cento de todos os americanos adultos’.¹⁵⁹

Ainda afirma:

¹⁵⁴ BRUNELLI, 2004.

¹⁵⁵ ALVES, 2005.

¹⁵⁶ BOSCO, 2001.

¹⁵⁷ CLINEBELL, 2007, p. 41. Veja: YANKLOVICH, Daniel. *New Rules: Searching for Self-fulfillment in a World Turned Upside Down*. New York: Random House, 1981.

¹⁵⁸ CLINEBELL, 2007, p. 41.

¹⁵⁹ CLINEBELL, 2007, p. 41

como expressões desse forte anseio de auto realização, ele cita o movimento das mulheres; o interesse por saúde holística e por boa forma física; os movimentos ecológicos; os movimentos de auto-ajuda, incluindo o de amparo para os moribundos; a procura de novas satisfações no lazer e em atividades recreacionais; a maior aceitação da sexualidade humana; os crescentes desafios; a cosmovisão reducionista, científica, tecnológica; e o novo pluralismo e liberdade de escolha, que permitem a muitas pessoas trocar de carreira, de cônjuge, de residência e de crença.¹⁶⁰

É a partir dessa inquietação que surge o desejo dessa pesquisa, e mais além, no desejo de resgatar no aconselhamento pastoral os caminhos para a pacificação de tal inquietude. Faremos a seguir uma comparação de Howard Clinebell e sua metodologia de aconselhamento pastoral para o crescimento e cura integral em contraste com as propostas da literatura de autoajuda. Aquela buscará dentro da prática pastoral, e no conceito de poimênica, uma perspectiva de cura e crescimento integral que tenha o auxílio mútuo como centro ao invés da individualização da ajuda presente nos dias atuais.

¹⁶⁰ CLINEBELL, 2007, p. 42.

2 ACONSELHAMENTO PASTORAL: MODELO CENTRADO EM CURA E CRESCIMENTO

2.0 Introdução

Este segundo capítulo trará uma introdução à obra de Howard Clinebell, sua metodologia, seus propósitos ao escrever *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Serão apresentados dois tópicos do livro de Clinebell, respectivamente: *o atual desafio da poimênica e do aconselhamento pastoral*; e *um modelo holístico centrado em libertação*¹⁶¹ (cura) e *crescimento*. Também será informado em que consiste o trabalho do conselheiro cristão. Do mesmo modo serão abordadas as técnicas mais usadas no aconselhamento pastoral. O contexto do trabalho pastoral também será apontado nesse capítulo. E, finalmente, os cuidados do trabalho do conselheiro cristão a partir do texto de Howard Clinebell, bem como as bases teológicas para um aconselhamento pastoral no modelo holístico serão pontuadas. Para iniciar, retomo uma breve biografia de Howard John Clinebell Jr.

Howard Clinebell morreu em paz no dia 13 de abril de 2005. Ele nasceu em Springfield, Illinois em 1922, graduou-se na Universidade de DePauw em Indiana, no Seminário Garrett em Illinois, e fez seu doutoramento na Universidade de Columbia em Nova York. Ele conheceu sua esposa Charlotte enquanto os dois estudavam e se casaram em 1945. Howard foi pastor metodista em igrejas nos estados de Indiana, Illinois, Nova York e Califórnia. Depois ele lecionou aconselhamento e psicologia pastoral por três décadas na Escola de Teologia de Claremont, Califórnia. Foi co-diretor do Centro de treinamento e aconselhamento pastoral, que atualmente se chama Instituto Clinebell. Clinebell e sua esposa se aposentaram e se mudaram para Santa Bárbara. Howard escreveu, co-escreveu ou editou mais de 20 livros em vários assuntos de sua área, além de ter viajado por todos os estados dos EUA, e mais de sessenta países no mundo ensinando, fazendo palestras (bem como escalando montanhas) durante sua vida profissional. Ele foi o membro fundador, o primeiro presidente, e uma luz guiando a Associação Americana de Conselheiros Pastorais, e fundador da Rede Internacional de Cuidado Pastoral para a Responsabilidade Social. Ele falou constantemente e consistentemente sobre assuntos ligados a justiça, paz, e proteção ao meio ambiente.¹⁶²

¹⁶¹ Nesse trabalho, vou utilizar a palavra *cura* e não *libertação*, considerando o termo trazido no título da obra em Inglês: *Basic Types of Pastoral Care and Counseling: Resources for the Ministry of Healing and Growth*. *Healing*, portanto, *cura* e não *libertação*.

¹⁶² CLINEBELL, Howard John, Jr. *Howard Clinebell died peacefully on April 13, 2005. He was born in Springfield, Illinois in 1922, graduated from DePauw University in Indiana, Garrett Seminary in Illinois, and earned a doctorate from Columbia University in New York. He met Charlotte while both were in school; they were married in 1945. Howard was a Methodist minister for churches in Indiana, Illinois, New York and California. He then taught pastoral psychology and counseling for*

O grande pioneiro do aconselhamento cristão não foi escolhido para esse trabalho de dissertação por acaso. Em um mundo onde a sociedade beira o caos, os valores, os princípios e o modelo de vida legados a nós por um homem-servo que Deus usou para treinar, capacitar, preparar e curar muitas pessoas são, sem dúvida, apropriados e altamente atuais para os desafios do aconselhamento pastoral.

Nesta dissertação, que traz uma exposição da cultura de autoajuda e um olhar crítico a partir de Howard Clinebell, nas páginas seguintes trará uma apresentação que fundamenta teoricamente o trabalho, bem como a busca por equacionar os desafios no universo do aconselhamento pastoral. Em seu livro *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação [cura] e crescimento*, Clinebell apresenta as propostas genéricas¹⁶³ da obra.

O autor afirma que o livro descreve “um novo paradigma holístico, centrado em crescimento e libertação [cura], para a poimênica e o aconselhamento libertador, tendo em seu centro integralidade espiritual e ética”.¹⁶⁴ Nesse novo paradigma, Clinebell propõe uma integração de “cura e crescimento a nível intrapsíquico e interpessoal com mudança construtiva nas estruturas e instituições mais amplas em que as pessoas vivem”.¹⁶⁵ Segundo Clinebell, esse paradigma “oferece uma base conceptual para integrar com a poimênica as demais funções do ministério [...] que visa tornar as instituições mais possibilitadoras de crescimento”.¹⁶⁶

Clinebell assinala que outro objetivo do livro é “dar uma visão geral da missão, dos fundamentos teológicos, da herança histórica e do caráter único da poimênica e do aconselhamento pastoral”.¹⁶⁷ Assim, também destaca como objetivo do livro uma exposição dos procedimentos fundamentais para toda a poimênica e

three decades at the School of Theology in Claremont, California. He was the Co-Director of the Pastoral Counseling and Training Center, now The Clinebell Institute. His former students, many of whom he worked and kept in touch with, are all over the United States and the world. He and Charlotte retired to Santa Barbara. Howard wrote, co-authored or edited over 20 books on various subjects in his field, and traveled to every state in the United States and to more than 60 countries of the world, teaching and speaking (as well as hiking and climbing mountains) throughout his professional life. He was a founding member, the first president, and a guiding light of the American Association of Pastoral Counselors, and founder of the International Pastoral Care Network for Social Responsibility. He spoke out constantly and consistently on issues of justice, peace, and protection of the environment (tradução nossa). OBITUARY. Howard Clinebell, Beloved Professor, Pastoral Counseling Pioneer. Disponível em: <http://www.cst.edu/about_claremont/new_media/clinebellObituary.php>. Acesso em: 03 jun. 2009.

¹⁶³ CLINEBELL, 2007, p. 17

¹⁶⁴ CLINEBELL, 2007, p. 17.

¹⁶⁵ CLINEBELL, 2007, p. 17.

¹⁶⁶ CLINEBELL, 2007, p. 17.

¹⁶⁷ CLINEBELL, 2007, p. 17.

todo o aconselhamento pastoral. A apresentação de “uma tipologia diferencial da poimênica e do aconselhamento pastoral como uma forma de entender toda a extensão das oportunidades de facilitar cura e crescimento”, é outro propósito de Clinebell nesse livro.¹⁶⁸ Clinebell oferece, finalmente, como propósito de sua obra, uma proposta de “ressaltar os tipos de poimênica e aconselhamento que são essenciais e, por isto, normativos num ministério geral (não especializado) centrado em pessoas”.¹⁶⁹

A partir deste ponto será introduzido o trabalho do conselheiro cristão a partir da necessidade que há para a realização desta dissertação. Afinal, é na base dessa necessidade que surge a oportunidade junto com os desafios para o ministério pastoral. Para efeito de ilustração do que a igreja cristã está passando em sua história recente, vamos reproduzir a parábola de Theodore Wedel, que descreve um dos maiores perigos com o qual a Igreja se defronta nesses últimos tempos. Esse perigo é, para Howard Clinebell, o fato da Igreja se tornar irrelevante. Wedel apresenta simbolicamente a Igreja como um posto de salvamento. Assim segue a parábola:

numa perigosa costa, onde naufrágios são freqüentes, havia, certa vez, um toco, pequeno posto de salvamento. O prédio não passava de uma cabana, e havia um só barco salva-vidas. Mesmo assim, os membros, pouco dedicados, mantinham uma vigilância constante sobre o mar e, sem pensar em si mesmos, saíam dia e noite, procurando incansavelmente pelos perdidos. Muitas vidas foram salvas por esse maravilhoso pequeno posto, de modo que acabou ficando famoso. Algumas das pessoas que haviam sido salvas, além de várias outras residentes nos arredores, queriam associar-se ao posto e contribuir com seu tempo, dinheiro e esforço para manter o trabalho de salvamento. Novos barcos foram comprados e novas tripulações treinadas. O pequeno posto de salvamento cresceu. Alguns membros do posto de salvamento estavam descontentes com o fato de o prédio ser tão tosco e tão parcamente equipado. Achavam que um lugar mais confortável deveria servir de primeiro refúgio aos naufragos salvos. Assim, substituíram as macas de emergências por camas e puseram uma mobília melhor no prédio, que foi aumentado. Agora, o posto de salvamento tornou-se um popular lugar de reunião para seus membros. Deram-lhe uma bela decoração e mobilharam com requinte, pois o usavam como uma espécie de clube. Agora, era menor o número de membros interessados em sair ao mar em missões de salvamento. Assim, tripulações de barcos salva-vidas foram contratadas para fazer esse trabalho. O motivo predominante na decoração do clube ainda era o salvamento de vidas, e havia um barco salva-vidas litúrgico na sala em que eram celebradas as cerimônias de admissão ao clube. Por essa época, um grande navio naufragou ao largo da costa, e as tripulações contratadas trouxeram barcadadas de pessoas com frio, molhadas e semi-afogadas. Elas estavam

¹⁶⁸ CLINEBELL, 2007, p. 18.

¹⁶⁹ CLINEBELL, 2007, p. 18.

sujas e doentes, e algumas delas eram de pele preta ou amarela. O belo e novo clube estava em caos. Por isso, o comitê responsável pela propriedade imediatamente mandou construir um banheiro do lado de fora do clube, onde as vítimas de naufrágio pudessem se limpar antes de entrar. Na reunião seguinte, houve uma cisão entre os membros do clube. A maioria dos membros queria suspender as atividades de salvamento por serem desagradáveis e atrapalharem a vida social normal do clube. Alguns membros insistiram em que o salvamento de vidas era seu propósito primário e chamaram a atenção para o fato de que eles ainda eram chamados “posto de salvamento”. Mas por fim estes membros foram derrotados na votação. Foi-lhes dito que, se queriam salvar as vidas de todos os vários tipos de pessoas que naufragassem naquelas águas, elas poderiam iniciar seu próprio posto de salvamento mais abaixo naquela mesma costa. E foi o que fizeram.

Com a passar dos anos, o novo posto de salvamento passou pelas mesmas transformações ocorridas no antigo. Acabou tornando-se um clube, e mais um posto de salvamento foi fundado. A história continuou a repetir-se, de modo que, quando se visita aquela costa hoje em dia, encontram-se vários clubes exclusivos ao longo da praia. Naufrágios são freqüentes naquelas águas, mas a maioria das pessoas morre afogada!¹⁷⁰

A parábola aponta para os perigos da igreja na tradição cristã que nasceu com a proposta de ajudar ao próximo se tornar uma instituição tão individualizada e egotista quanto as outras instituições que nascem a serviço das idéias liberais e secularizadoras em nosso tempo.

2.1 Definição aproximada do trabalho do conselheiro cristão

O trabalho do conselheiro cristão consiste, na maioria das vezes, como apresentado na ilustração acima, em um posto de salvamento. Um local onde as pessoas podem buscar refúgio em meio às adversidades da vida. Porém, como consta na parábola, o trabalho do conselheiro cristão não se limita às adversidades ou aos naufrágios pelos quais as pessoas passam, mas também em ser um posto de salvamento frequente e acessível em todos os momentos da vida.

O perigo, para Clinebell, está na igreja “vitoriosa”, pois essa acaba se esquecendo do trabalho de aconselhamento cristão principalmente no que diz respeito a um programa eficaz de poimênica. Tal programa precisa ser relevante na vida eclesial, pois a poimênica é o trabalho de aconselhamento pastoral feito pelos membros da comunidade de fé “durante todo o ciclo de vida”.¹⁷¹ Esse trabalho do conselheiro cristão de treinar pessoas para que possam ajudar aos outros é imprescindível, pois o conselheiro cristão profissional não dispõe de tempo suficiente

¹⁷⁰ CLINEBELL, 2007, p. 13-14.

¹⁷¹ CLINEBELL, 2007, p. 25.

para ministrar na vida de todos os membros da comunidade de fé. Mas, uma vez que, todos os membros da comunidade são capacitados para fazer esse trabalho de poimênica, eles, juntamente com o conselheiro cristão, funcionam como postos de salvamento.

Segundo Hoch, “o aconselhamento pastoral tem como proposta básica oferecer ajuda através do relacionamento pessoal”.¹⁷² Para o autor, o fenômeno no mundo atual de “crescente individualismo e isolamento”¹⁷³ torna o aconselhamento pastoral relevante e de “inquestionável atualidade”¹⁷⁴. Ele comenta o texto do teólogo alemão Johann Baptist Metz, dizendo que “estamos vivendo a mercantilização das relações pessoais”.¹⁷⁵ Isso leva a uma “experiência, ainda que dissimulada, de crescente solidão”.¹⁷⁶ Hoch argumenta ainda que “o aconselhamento pastoral procura oferecer ajuda de modo a que o conteúdo da mensagem e a forma de sua mediação se correspondam”.¹⁷⁷

Ao escrever sobre os motivos, objetivos e perspectivas da fundação da Associação Brasileira de Aconselhamento, Christoph Schneider-Harpprecht¹⁷⁸ define aconselhamento como:

a prática metodologicamente refletida e organizada de ajuda a pessoas com problemas de saúde, problemas psíquicos, sociais ou religiosos através do relacionamento de curto ou médio prazo com uma pessoa ou um grupo qualificados.¹⁷⁹

Schneider-Harpprecht explica a razão do uso da palavra aconselhamento por reconhecer que esse termo gera uma estranheza “aos ouvidos da maioria dos profissionais na área da psicologia e pastoral”.¹⁸⁰ Segundo Schneider-Harpprecht, a palavra aconselhamento “é a tradução do termo inglês *counseling*, que indica uma

¹⁷² HOCH, C. Lothar. Comunidade terapêutica: em busca duma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento: a fundação da Associação Brasileira de Aconselhamento: motivos, objetivos e perspectivas*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 26.

¹⁷³ HOCH, 1998, p. 26

¹⁷⁴ HOCH, 1998, p. 26.

¹⁷⁵ HOCH, 1998, p. 26.

¹⁷⁶ HOCH, 19998, p. 26.

¹⁷⁷ HOCH, 1998, p. 27.

¹⁷⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento: a fundação da Associação Brasileira de Aconselhamento: motivos, objetivos e perspectivas*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 79.

¹⁷⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 79.

¹⁸⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 82.

prática de ajuda cujo objetivo específico é ajudar pessoas que enfrentam problemas, conflitos e crises a ajudar a si mesmas”.¹⁸¹

Segundo Clinebell, “a poimênica e o aconselhamento pastoral são valiosos instrumentos através dos quais a igreja permanece relevante para a necessidade humana”.¹⁸² É importante destacar que, para o autor, a igreja **permanece** relevante, inferindo daí que o autor parte do princípio de que a relevância deveria ser algo inerente à igreja. Ora, se o aconselhamento cristão e a poimênica funcionam como um mecanismo de manutenção do grau de relevância da igreja, torna-se impensável uma comunidade de fé, dentro do contexto cristão, que não use de aconselhamento cristão e poimênica.

Clinebell ainda afirma que o aconselhamento cristão e a poimênica “são formas de traduzir a boa nova para a linguagem de relacionamentos”,¹⁸³ expressão que o autor empresta de Reuel Howe. Essa linguagem de relacionamentos precisa ser aprendida e ensinada a fim de que ela permita a comunicação “de cura a pessoas que se debatem em alienação e desespero”.¹⁸⁴

Clinebell apresenta “o aconselhamento pastoral e a poimênica como um meio essencial pelo qual uma igreja é auxiliada no sentido de ser um posto de salvamento e não um clube, um hospital e um jardim da vida espiritual e não um museu”.¹⁸⁵ Essa comparação feita por Clinebell, em que a figura de um posto de salvamento é apresentado em lugar de um clube, denota a seriedade desse ministério dentro da comunidade de fé. O hospital, que também é uma figura usada por Clinebell, remete-nos a uma ideia de cura, comunidade terapêutica e profissionalismo no trabalho de aconselhamento, na medida em que a igreja usa os recursos da poimênica e do aconselhamento pastoral como ferramentas prescritivas em sua relação com a comunidade de fé. Outra figura, sem menor significado, utilizada por Clinebell, é a do jardim em lugar do museu. Os jardins são lugares onde temos prazer de estar, são locais de trabalho e dedicação e demonstram em cada primavera a esperança da renovação da vida.

¹⁸¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 82.

¹⁸² CLINEBELL, 2007, p. 14.

¹⁸³ CLINEBELL, 2007, p. 14.

¹⁸⁴ CLINEBELL, 2007, p. 14.

¹⁸⁵ CLINEBELL, 2007, p. 14.

A vida cristã, para o conselheiro cristão, deve ser vista com toda beleza, singeleza e os cuidados necessários para um cultivo e crescimento espiritual na vida dos membros da comunidade de fé. Esse crescimento não é de maneira alguma dogmático ou histórico, apesar de a história de cada um dentro da comunidade de fé ter uma importância. O aconselhamento cristão e a poimênica se ocupam em difundir valores que levem ao crescimento e a cura, “na medida em que nos ajudam a desenvolver o mais difícil de conseguir na época em que vivemos: relacionamentos profundos”.¹⁸⁶

Clinebell ainda afirma que “o aconselhamento pode ajudar a salvar as áreas das nossas vidas que naufragaram na tempestade do nosso dia-a-dia, que se despedaçaram nos arrecifes ocultos de ansiedade, culpa e falta de integridade”.¹⁸⁷

A fim de distinguir o trabalho do aconselhamento pastoral e a poimênica, Clinebell destaca três modelos, usados como referenciais dentro da finalidade presente neste trabalho. Ele começa destacando:

a poimênica e o aconselhamento pastoral compreendem a utilização, por pessoas que exercem o ministério, de relacionamentos de indivíduos para indivíduo ou pequeno grupo para possibilitar a ocorrência de potencialização curativa dentro de indivíduos e de seus relacionamentos.¹⁸⁸

Para Clinebell, tanto a poimênica quanto o aconselhamento pastoral enfatizam uma relação do indivíduo ou grupo com o orientador e pequeno grupo. Isso quer dizer que o aconselhamento pastoral e a poimênica estão dentro do que as igrejas cristãs chamam de ministério, ou seja, um serviço prestado para certa comunidade, baseando-se em princípios cristãos como, por exemplo, o amor ao próximo e a edificação (construção de valores ético-cristãos). Destarte, Clinebell afirma que “poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida”.¹⁸⁹

Ao distinguir aconselhamento cristão e poimênica, apesar de Clinebell colocar esses dois muitas vezes como definições que se utilizam de maneira intercambiável em sua obra, é possível observar como o autor define poimênica. Esse ministério amplo e inclusivo é para a comunidade e parte da comunidade, daí

¹⁸⁶ CLINEBELL, 2007, p. 15.

¹⁸⁷ CLINEBELL, 2007, p. 14.

¹⁸⁸ CLINEBELL, 2007, p. 24.

¹⁸⁹ CLINEBELL, 2007, p. 25.

diferencia-se do aconselhamento pastoral no sentido técnico e prático do exercício desses, pois, como veremos, no aconselhamento pastoral há sempre uma ideia “de um ajudador e um ajudado”.¹⁹⁰ Alhures, Gerald G. May afirma o seguinte: “a essência da orientação ou direção espiritual surge sempre que uma pessoa ajuda a outra a ver e a responder à verdade espiritual”.¹⁹¹ Dessa forma, Gary Collins indica uma necessidade que precisa ser suprida, o que ele chama de verdade espiritual que deverá ser alcançada entre aconselhado e conselheiro.

Clinebell, ao apresentar o paradigma centrado em cura e crescimento, propõe uma forma geral. Segundo o autor, “o objetivo de toda a poimênica e em todo o aconselhamento pastoral (e de todo ministério) é libertar [curar], potencializar e sustentar a integralidade centrada no Espírito”.¹⁹² Para Clinebell, a “integralidade espiritual e ética é o cerne de toda a integralidade humana”.¹⁹³

Ele desenvolve esse conceito ao situá-lo em um contexto histórico, afirmando que “formação espiritual e orientação ética são preocupações centrais de toda a poimênica e de todo o aconselhamento pastoral na herança judaico-cristã”.¹⁹⁴

Há, portanto, que se considerar a importância de se usar ferramentas que estão disponíveis tanto na psicologia quanto na teologia, associando e emprestando conhecimento dessas duas áreas. O autor assevera em outro ponto “que a poimênica e o aconselhamento pastoral procuram utilizar e integrar insights psicológicos e teológicos sobre a situação humana e a cura de pessoas”.¹⁹⁵

Essa cura da qual fala Clinebell não se limita nem se particulariza a áreas do indivíduo, mas no modelo holístico a preocupação é que a “poimênica e o aconselhamento pastoral devem ser holísticos, procurando possibilitar cura e crescimento em todas as dimensões da integralidade humana”.¹⁹⁶ Clinebell destaca: “esse modelo é orientado para sistemas, encarando a integralidade das pessoas

¹⁹⁰ COLLINS, Gary. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*. São Paulo: Vida, 2000. p. 25.

¹⁹¹ MAY, Gerald. *Saúde da mente, saúde do espírito: psiquiatria e atendimento pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 9.

¹⁹² CLINEBELL, 2007, p. 25.

¹⁹³ CLINEBELL, 2007, p. 25.

¹⁹⁴ CLINEBELL, 2007, p. 25.

¹⁹⁵ CLINEBELL, 2007, p. 25.

¹⁹⁶ CLINEBELL, 2007, p. 25.

como algo que implica interação entre todos os seus relacionamentos significativos e interdependentes com pessoas, grupos e instituições”.¹⁹⁷

Outro aspecto apontado pelo autor está no fato de que “há oportunidades especiais de fomentar a integralidade através da poimênica e do aconselhamento pastoral em cada estágio da jornada da vida”.¹⁹⁸

No modelo centrado em cura e crescimento, a comunidade desempenha um papel importante que deve ser apreciado pelo conselheiro cristão, pois esse necessita compreender que, “ministério da poimênica, situado dentro da comunidade solícita de uma congregação, é tanto o contexto potencializador quanto o fundamento do ministério reparador do aconselhamento pastoral”.¹⁹⁹

De acordo com Clinebell, uma figura interessante para descrever o trabalho de aconselhamento pastoral é como um trabalho de equipe, pois “ministros são como jogadores-treinadores”, reportando que “a poimênica é o ministério compartilhado do pastor e de toda a congregação”.²⁰⁰

Quando estudamos a poimênica, observamos que ela,

num sentido mais restrito ocupa-se com pessoas obstaculizadas que, diante do inevitável sofrimento e culpa na contemporaneidade e pecado da existência humana, passam a vacilar. Trata-se de pessoas incapazes de encontrar um correto relacionamento com Deus. O pastor deve ajudá-las a encontrar a luz, através do novo e libertador elemento da “proclamação”. Num sentido imediato pode ser qualificado de um serviço em nome de Cristo.²⁰¹

Na poimênica, a ferramenta utilizada é a própria comunidade de fé, ou melhor, as pessoas são ministradas através dos relacionamentos saudáveis em uma dada comunidade. Clinebell assegura:

aconselhamento pastoral, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento. O aconselhamento pastoral é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises. As pessoas precisam de poimênica durante a vida

¹⁹⁷ CLINEBELL, 2007, p. 25.

¹⁹⁸ CLINEBELL, 2007, p. 25.

¹⁹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 25.

²⁰⁰ CLINEBELL, 2007, p. 25.

²⁰¹ FABER, Heijer; SCHOOT, Ebel van der. *A prática da conversação pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1973. p. 118.

toda. Elas podem precisar de aconselhamento pastoral, geralmente de curto prazo, em tempos de graves crises.²⁰²

Para Clinebell, o aconselhamento pastoral é também uma dimensão da poimênica, isto é, a comunidade de fé também participa do trabalho do aconselhamento.²⁰³ Isso se dá na medida em que a comunidade compreende sua relevância no reino de Deus de maneira integral²⁰⁴ e participa ativamente do processo de cura²⁰⁵ de seus pares, na medida em que é potencializado “seu contato [...] com o Espírito amoroso do universo”.²⁰⁶

Podemos fazer a distinção de que o aconselhamento pastoral ajuda a estabelecer “um relacionamento humano que busca a realização do que está além da compreensão humana”,²⁰⁷ através de um trabalho que prescinde de ambiente definido, técnicas e preparo do conselheiro cristão e a confiança no aconselhado de que o conselheiro esteja preparado para ajudá-lo. Na poimênica, a comunidade de fé não exige conhecimento técnico ou preparação acadêmica no aconselhamento, pois esse surge da relação da comunidade de fé com Deus, a mediação do Espírito Santo e o desejo do cumprimento da grande comissão de Jesus.²⁰⁸

Ao elaborar conceitualmente as semelhanças e diferenças de poimênica e aconselhamento pastoral, Clinebell apresenta uma breve definição do trabalho da psicoterapia pastoral dentro desse conceito de aconselhamento cristão e poimênica. Para Clinebell,

psicoterapia pastoral é a utilização de métodos terapêuticos reconstrutivos, de longo prazo, quando o crescimento é profunda e/ou cronicamente diminuído por experiências de não-satisfação de necessidades básicas na infância ou por múltiplas crises na vida adulta.²⁰⁹

Enquanto a comunidade exerce a função de aconselhadora e, ao mesmo tempo, aconselhada, no aconselhamento pastoral, a comunidade, pequenos grupos e indivíduos (principalmente indivíduos) são alvo do trabalho do conselheiro cristão. Há ainda a vertente da psicoterapia pastoral. Nesse trabalho, a terapia utiliza

²⁰² CLINEBELL, 2007, p. 25.

²⁰³ CLINEBELL, 2007, p. 22.

²⁰⁴ CLINEBELL, 2007, p. 28.

²⁰⁵ CLINEBELL, 2007, p. 28.

²⁰⁶ CLINEBELL, 2007, p. 28.

²⁰⁷ MAY, 1985, p. 9.

²⁰⁸ COLLINS, 2000, p. 16.

²⁰⁹ CLINEBELL, 2007, p. 25.

métodos de cura de longo prazo em casos que envolvam particularidades em indivíduos que experimentaram privação em diversas áreas de suas vidas na infância, bem como crises que podem ser oriundas dessas privações e/ou resultado de outras crises na vida adulta.²¹⁰ Para Clinebell, a psicoterapia pastoral funciona dentro de linhas gerais do aconselhamento pastoral e não à parte deste.

É importante ressaltar que, para Clinebell, não pode ser esquecida a compreensão de que “a poimênica é o ministério compartilhado do pastor e de toda a congregação”.²¹¹ Clinebell utiliza a figura de “jogadores-treinadores”²¹² a fim de situar tanto os conselheiros como a comunidade como corresponsáveis na viabilização de ministério de “pessoas leigas e também de exercer seu próprio, singular e valioso ministério de poimênica”.²¹³ O papel do pastor precisa ser compreendido dentro do trabalho de aconselhamento pastoral. Primeiro, porque o pastor “não é onerado”,²¹⁴ e, ainda, o fato de que “o pastor também não trabalha sobre contrato”,²¹⁵ quer dizer, “o pastor não trabalha como empregado de seu consulente, mas exerce um ministério”.²¹⁶ Este é um ponto importante de se entender, pois “o pastor não vê um cliente ou um paciente, a quem deve aconselhar como perito, mas o vê como seu próximo [...] que por seu intermédio, deve ouvir a mensagem”.²¹⁷

No modelo holístico²¹⁸ centrado em cura e crescimento, o pastor/conselheiro precisa estar atento para “crises e perdas nas vidas dos indivíduos e de famílias, bem como crises sociais e transições na sociedade”,²¹⁹ pois, segundo Clinebell, essas situações “constituem ocasiões dentro das quais ocorrem a maioria das oportunidades dentro da poimênica e aconselhamento dentro do ministério geral”.²²⁰

²¹⁰ CLINEBELL, 2007, p. 23.

²¹¹ CLINEBELL, 2007, p. 25.

²¹² CLINEBELL, 2007, p. 25.

²¹³ CLINEBELL, 2007, p. 25.

²¹⁴ FABER; SCHOOT, 1973, p. 114.

²¹⁵ FABER; SCHOOT, 1973, p. 115.

²¹⁶ FABER; SCHOOT, 1973, p. 115.

²¹⁷ FABER; SCHOOT, 1973, p. 115.

²¹⁸ **Holismo.** Juntamente o existencialismo e a psicologia da Gestalt, o holismo afirma que o ser humano é bem mais compreendido como um todo integrado e organizado do que como uma série de partes diferenciadas. O nome holismo vem de inteiro ou inteireza, relacionando-se, portanto, com o estudo do que é saudável, ou não fragmentado. REEVE, 2006, p. 262.

²¹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²²⁰ CLINEBELL, 2007, p. 26.

Para Clinebell, outro significativo avanço nesse modelo é da inclusão não somente do ser, enquanto indivíduo, mas a percepção de que as pessoas precisam ser incluídas totalmente sem distinção, e essa inclusão se dá a partir do “método da compreensão e da preocupação”.²²¹ Destarte, o autor afirma que “a poimênica deve libertar-se de sua orientação dominante em termos de classe média, de pessoas de cor branca e do sexo masculino, e tornar-se mais inclusiva”.²²²

Clinebell prossegue asseverando que ter uma preocupação em construir a partir de uma valorização na vida da comunidade é fundamental na ajuda integral e isso se concretiza na medida em que as pessoas são capacitadas “a aumentar a construtividade de seu comportamento, bem como de seus sentimentos, atitudes e valores”.²²³

Se, por um lado, aumentar a capacidade de crescimento é um objeto do trabalho do conselheiro, Clinebell aponta que a poimênica e o aconselhamento deveriam “utilizar a identidade e o papel profissionais singulares dos pastores”,²²⁴ e compreender que “isto inclui sua **autoridade positiva** e a **expectativa**, definida socialmente, de que tomarão a iniciativa, estendendo ativamente a mão para oferecer ajuda a quem necessita de poimênica e aconselhamento”.²²⁵ Para o pastor na comunidade, há um grande benefício de identidade, pois o pastor “não precisa esperar até que as pessoas peçam ou procurem ajuda”,²²⁶ pelo contrário, afirma Clinebell, “conforme o papel profissional do pastor espera-se que nós tomemos a iniciativa, no sentido de proporcionar ajuda as pessoas que dela precisam, mas que ainda não estão dispostas a pedir auxílio”.²²⁷ O pastor entra em contato com as pessoas em crise em muitos casos antes que outros membros da comunidade ou até mesmo da família o fazem.

Há ainda uma percepção necessária, partindo do pressuposto de que “a poimênica e o aconselhamento pastoral querem tornar-se melhores instrumentos de transformação da pessoa como um todo”,²²⁸ de apropriarem-se de “métodos de cura e crescimento centrados no hemisfério direito do cérebro (isto é, métodos intuitivos,

²²¹ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²²² CLINEBELL, 2007, p. 26.

²²³ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²²⁴ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²²⁵ CLINEBELL, 2007, p. 26 (grifo meu).

²²⁶ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²²⁷ CLINEBELL, 2007, p. 34.

²²⁸ CLINEBELL, 2007, p. 26.

metafóricos, imaginadores) deveriam ser usados mais do que foram no passado”,²²⁹ mas sem isolá-los. Clinebell destaca que esses métodos devem ser “integrados com métodos determinados pelo hemisfério esquerdo (isto é, métodos analíticos, racionais, intencionais, dirigidos para a solução de problemas).²³⁰ Segundo Clinebell, “a transformação humana ocorrerá com maior probabilidade se o aconselhamento envolver o cérebro todo tanto da aconselhadora (ou professora) quanto da pessoa que recebe assistência e aconselhamento (ou educação)”.²³¹

Quando se trata de integralidade, Clinebell afirma que “na liberação de integralidade: a poimênica e aconselhamento pastoral devem conceber a integralidade tanto para homens quanto para mulheres de formas andróginas”,²³² permitindo dessa maneira “que incentivem o crescimento muito além dos tradicionais estereótipos de papéis sexuais”.²³³ Uma atenção particular deve ser dada às transformações sociais e à participação das mulheres cada vez mais em ambientes que até pouco tempo era ocupado prioritariamente pelos homens. Segundo Clinebell, “o crescente impacto das identidades cambiantes das mulheres [...] na sociedade [...] é a mais fundamental de todas as mudanças sociais profundas que ocorrem em nossa época”.²³⁴

Clinebell acresce a necessidade de se maximizar a potencialidade do aconselhamento pastoral, pois segundo o autor “aconselhadore e terapeutas pastorais precisam fortalecer a sua base conceptual e suas metodologias recorrendo às novas psicoterapias orientadas para o crescimento e terapias de sistemas”.²³⁵ Isso implica em lançar mão de terapias como:

gestalt-terapia, psicossíntese, análise transacional, terapias corporais, terapias centradas no comportamento e na ação, terapias feministas (e outras terapias radicais) e as terapias de sistemas, incluindo aconselhamento conjunto de casais e famílias.²³⁶

Quando pensamos em um modelo de poimênica em que há um pressuposto de integralidade do espírito, esse não deveria, como enfatiza Clinebell, ater-se ao

²²⁹ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²³⁰ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²³¹ CLINEBELL, 2007, p. 35.

²³² CLINEBELL, 2007, p. 26.

²³³ CLINEBELL, 2007, p. 35.

²³⁴ CLINEBELL, 2007, p. 35.

²³⁵ CLINEBELL, 2007, p. 36.

²³⁶ CLINEBELL, 2007, p. 36.

aconselhamento pastoral nos moldes de aconselhado e conselheiro em uma sala ou ao gabinete pastoral ou do psicanalista. Clinebell avança ao afirmar que a “poimênica pode e deveria acontecer em todas as diversas funções do ministério, incluindo pregação, culto e adoração, e ação social”.²³⁷ Clinebell exemplifica que

culto e adoração, a experiência de grupo central de uma congregação, **pode ser** uma forma de ajudar as pessoas a renovar sua confiança básica, a resolver sua culpa, a experimentar a dimensão transcendente da vida a saciar sua fome espiritual.²³⁸

Não há maneira de desvincular a poimênica e aconselhamento pastoral do contexto do Novo Testamento, das Cartas Paulinas, dos Atos dos Apóstolos e dos Evangelhos. Clinebell afirma que “para serem eficazes fomentadores de crescimento, os pastores devem continuar a crescer! Para ser avivadores precisamos permanecer vivos”.²³⁹ De acordo com Clinebell, “é importante que nós aconselhadores pastorais, nos vejamos dentro de uma longa e rica herança poimênica”.²⁴⁰ Porque

quando se engajam em poimênica e aconselhamento com pessoas atribuladas, os pastores estão andando nas pegadas de uma longa fila de pastores sensíveis e dedicados que se estende, através dos séculos, até um jovem carpinteiro judeu cujas palavras e cujo toque trouxeram cura e crescimento para pessoas atribuladas no primeiro século de nossa era. Ele caminhou nas pegadas dos grandes sábios guias de sua tradição religiosa.²⁴¹

Mais adiante, explica:

nos primeiros séculos da história da igreja, a poimênica era chamada de cura d'almas. Cura (do latim **cura**) significava em alguns casos, curar; mais freqüentemente significava cuidar. Tanto cura quanto o crescimento estavam incluídos no significado dessa palavra.²⁴²

No ministério de aconselhamento pastoral, há que se compreender que “pastor e consulente pertencem à comunidade de Cristo, e ambos permanecem lado

²³⁷ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²³⁸ CLINEBELL, 2007, p. 37 (grifo meu).

²³⁹ CLINEBELL, 2007, p. 26.

²⁴⁰ CLINEBELL, 2007, p. 38.

²⁴¹ CLINEBELL, 2007, p. 38.

²⁴² CLINEBELL, 2007, p. 38.

a lado nessa relação, a fim de procurar e concretizar em suas vidas o que Cristo lhes pretende fazer achar e concretizar”.²⁴³

2.2 Técnicas usadas pelo conselheiro cristão

No trabalho de aconselhamento cristão, precisamos buscar referências técnicas de como fazer esse trabalho. Uma das perspectivas que deve ser reconhecida e valorizada é o aspecto didático do aconselhamento cristão.

Um jovem em idade de colégio conversa com sua pastora sobre uma opção vocacional emocionalmente carregada. Um casal vem para suas entrevistas pré-nupciais. Um moço procura ajuda por causa de uma questão teológica que o deixa perplexo; suas rígidas crenças negativas parecem reforçar profundos problemas de auto-estima e vazio espiritual. Uma comissão de ação social pede a ajuda da pastora no planejamento de sua abordagem de um problema complexo de injustiça em sua comunidade. Todas essas situações têm uma coisa em comum: para vir ao encontro das necessidades das pessoas em questão, pastores precisam ter condições de atuar simultaneamente como professores e como aconselhadores. Precisam ser *professor-aconselhador*.²⁴⁴

O profissional, reconhecidamente, o conselheiro cristão, deve ser visto e apreciado como alguém que fornece recursos de aprendizado, cura e libertação, buscando “um único objetivo unificador: aumentar a integralidade humana centrada no Espírito”.²⁴⁵ Para Clinebell, o conselheiro cristão é um educador e seu aconselhando um pupilo, dessa maneira o aconselhamento passa necessariamente pelo ambiente educacional. Clinebell aponta seis pressupostos que constituem o fundamento teórico do aconselhamento educativo:

1. Conhecimento intelectual é importante para lidar construtivamente com a realidade.
2. A maioria dos aconselhados tem suficientes áreas livres de conflito na personalidade para lhes permitir *algum* uso da informação obtida em sessões de aconselhamento educativo e nas tarefas de leitura entre as sessões.
3. O conhecimento, os valores e habilidades de um pastor podem ser proveitosos para muitos aconselhados.
4. Habilidades de aconselhamento podem ajudar a pessoa a *utilizar* informação relevante.
5. Fatos, intuições, valores e habilidades podem ajudar muitas pessoas a enfrentar com mais eficácia os desafios com que são confrontadas. O enfrentamento construtivo fortalece sua noção de identidade, confiança e valor próprio.

²⁴³ FABER; SCHOOT, 1973, p. 115.

²⁴⁴ CLINEBELL, 2007, p. 313.

²⁴⁵ CLINEBELL, 2007, p. 37.

6. O modelo que o pastor representa por suas atitudes construtivas, seus conteúdos de fé, valores e comportamento, representa uma das mais efetivas partes do ensinamento proporcionada por ele (no aconselhamento e em outras ocasiões). Por exemplo, o relacionar-se com clientes do sexo feminino de modo não-sexista (como seres humanos integrais em primeiro lugar, e como mulheres em segundo) tende a produzir aprendizado e crescimento, que podem ser reforçados por uma declaração didática sobre essa questão.²⁴⁶

Apesar de o aconselhamento cristão não ser uma aula no sentido lato, é importante notar seu caráter educativo, sem, contudo, reduzir o aconselhamento a uma sessão de perguntas e respostas e até mesmo levando esse aconselhamento a uma perspectiva de avaliação. O aconselhando, *a priori*, não está, desde o ponto de vista do aconselhamento, sendo avaliado para saber se ele pode ou não pode fazer tal e tal coisa.

Importa ressaltar, no entanto, que há um caráter avaliativo em que ambos, aconselhando e conselheiro cristão, buscam uma melhora no sentido de cura integral do sujeito que se dará certamente pelo conhecimento de cada uma de suas falhas, fracassos, dores e fraquezas, bem como de suas vitórias, virtudes e potencial para crescimento no corpo de Cristo. O conselheiro cristão, quando consideramos o caráter técnico em seu viés didático, funciona melhor como um moderador do que como um palestrante.

Clinebell destaca, em um dos seus pressupostos, que o conselheiro cristão precisa de uma experiência educacional em que seu grau de intelectualidade seja usado como um recurso para lidar com a realidade.²⁴⁷ Esse conhecimento intelectual dá ao conselheiro cristão uma oportunidade de ver seu aconselhando dentro de um universo distinto e, ao mesmo tempo, bem particularizado na pessoa do aconselhando. Quero dizer com isso que conhecimento intelectual ajudará a perceber a subjetividade do aconselhando.

Outro ponto destacado por Clinebell é o fato de se perceber as áreas livres de conflito na personalidade do aconselhando.²⁴⁸ O conselheiro cristão precisa reconhecer essas áreas livres de conflito e configurá-las à personalidade do aconselhando. Com base nessa percepção, o conselheiro cristão poderá indicar leituras como tarefas entre uma sessão e outra, direcionando o aconselhando no

²⁴⁶ CLINEBELL, 2007, p. 318.

²⁴⁷ CLINEBELL, 2007, p. 318.

²⁴⁸ CLINEBELL, 2007, p. 318.

caminho da cura e crescimento. Notadamente, essas leituras têm um caráter didático em que o conselheiro cristão atribui ao aconselhando uma parcela de responsabilidade no processo de cura e crescimento. Nesse ponto, há que se lembrar do pressuposto anterior do conhecimento intelectual do conselheiro cristão, pois esse conhecimento será fundamental na indicação de leituras como tarefas didáticas no processo de aconselhamento para cura e libertação.

Clinebell apresenta o pressuposto do conhecimento, valores e habilidades do conselheiro cristão como recurso didático no processo de cura e crescimento.²⁴⁹ Os valores e as habilidades do conselheiro cristão precisam ser vistos e, de certa maneira, apreciados pelo aconselhando. É certo que nem sempre esses valores serão apreciados por causa de situações conflituosas por parte do aconselhando, pelo menos no início do trabalho de aconselhamento, mas certamente serão reconhecidos e apreciados no decurso do trabalho de aconselhamento.

Clinebell destaca nesse mesmo pressuposto a perspectiva das habilidades do conselheiro cristão. Essas habilidades vão certamente ajudar no processo de cura e crescimento integral, pois o conselheiro cristão precisa saber como agir, o que dizer e quando dizer o que ele tem que dizer. O desempenho dessas habilidades e as consequentes respostas por parte do aconselhando vão delinear o trabalho e promover a cura e crescimento.

Apesar de Clinebell apresentar a habilidade como outro pressuposto, o objetivo dentro desse caráter didático é o de se permitir o aconselhando a utilizar as informações relevantes.²⁵⁰ Por isso, o conselheiro cristão deve se preocupar ao considerar o caráter técnico do aconselhamento cristão em valorizar suas habilidades bem como buscar aprender novas habilidades.²⁵¹

Clinebell também aponta como pressupostos didáticos no aconselhamento cristão fatos e intuições.²⁵² Esses fatos podem ser observados no cotidiano local e usados para ilustrar e situar o aconselhando em sua comunidade de maneira integral. Muitas pessoas que procuram o aconselhamento apresentam uma alienação em relação à realidade e utilizam desse expediente como um mecanismo

²⁴⁹ CLINEBELL, 2007, p. 318.

²⁵⁰ CLINEBELL, 2007, p. 318.

²⁵¹ CLINEBELL, 2007, p. 39.

²⁵² CLINEBELL, 2007, p. 318.

de defesa.²⁵³ Os fatos do cotidiano devem ser relacionados à vida do aconselhado. Nesse ponto, Clinebell afirma que as intuições também são recursos dentro das técnicas do aconselhamento. Intuições são aqueles momentos em que o conselheiro cristão utiliza de *insights* apreendidos de situações de aconselhamento. Segundo Clinebell, os fatos, as intuições, os valores e as habilidades são importantes no enfrentamento construtivo no aconselhamento cristão para o processo de cura e crescimento.

Clinebell afirma que o modelo que o pastor, por suas atitudes construtivas, seus conteúdos de fé, seus valores e seus comportamentos, representa é uma das mais efetivas partes do ensinamento proporcionado por ele.²⁵⁴ Esse pressuposto pode ser notado frequentemente ao se observar pessoas que buscam conselheiro cristão apesar de não estarem inseridas naquela comunidade e em alguns casos nem mesmo comungarem da mesma fé. Os valores, o comportamento e os conteúdos de fé do conselheiro cristão, em uma dada comunidade, são imprescindíveis para a eficácia de seu trabalho de aconselhamento para a cura e crescimento.

Dentro do aspecto educativo do aconselhamento cristão, Clinebell aponta duas categorias que podem ser observadas do ponto de vista ativo e passivo. Há casos em que o conselheiro cristão provoca o aconselhamento. Nesses casos, ele é ativo. Há casos em que o aconselhando busca o aconselhamento. Nesses casos, ele é passivo.

Existem duas categorias de aconselhamento educativo: a) *aquelas situações nas quais pessoas vêm a pedido do pastor* – por exemplo preparo pré-nupcial, pré-batismal, filiação à igreja; e b) *aquelas em que a iniciativa vem do aconselhando*, que procura a orientação para problemas vocacionais, teológico ou outros. A regra geral é de aqueles tipos de aconselhamento educativo iniciados pelo pastor muitas vezes exigem grau maior de *instrução* direta do que os tipos iniciados pelo aconselhando.²⁵⁵

Clinebell destaca alguns ambientes nos quais o aconselhamento se dá e os situa em pelo menos dois momentos. O primeiro momento é aquele em que as pessoas são orientadas a buscar o aconselhamento pelo conselheiro cristão.

²⁵³ MAY, 1985, p. 95.

²⁵⁴ CLINEBELL, 2007, p. 318.

²⁵⁵ CLINEBELL, 2007, p. 320.

Clinebell cita três desses casos como pré-nupcial, pré-batismal, e filiação à igreja,²⁵⁶ mas é importante ressaltar que as pessoas podem receber do conselheiro uma prescrição ou convite para aconselhamento também em casos de crises. O segundo momento citado por Clinebell trata das pessoas que buscam o aconselhamento por iniciativa própria. Dentre estes, estão os casos de orientação para problemas vocacionais, teológicos, além de outros.²⁵⁷ Portanto, o método educativo é uma das formas que precisam ser aprendidas na prática do aconselhamento pastoral. A seguir, apresento como Clinebell propõe alguns métodos úteis para a prática de aconselhamento. Nesse espaço, vamos usar um aconselhamento no contexto de um casal em período pré-nupcial, mas é importante observar que esse modelo pode ser usado em outras circunstâncias de aconselhamento.

1. Como de um modo geral no aconselhamento, relacione-se *afetuosa, empática e abertamente de modo que surja um relacionamento firme com o casal*. Estabelecer uma relação de confiança (se possível) duradoura com o casal é o objetivo que paira sobre as sessões pré-nupciais. Semelhante ponte de relacionamento ajuda a tornar o pastor emocionalmente acessível aos dois, caso necessitem e desejem ajuda num problema, agora ou no futuro.²⁵⁸

“2. Como em outros tipos de aconselhamento, *firme um contrato claro sobre como a sessão será utilizada*”.²⁵⁹ Clinebell aponta a necessidade de que os aconselhando estejam conscientes e convencidos que essas sessões de aconselhamento são imprescindíveis, é o que ele chama de contrato. A importância do contrato está no fato de permitir ao aconselhando tanto o direito de ter um horário reservado na agenda do conselheiro quanto o dever de estar presente nas sessões de aconselhamento.

“3. Permita que se desenvolva sintonia fazendo perguntas que dão liberdade de resposta e não representem ameaça, começando por perguntas informativas sobre aspectos positivos do relacionamento dos dois”.²⁶⁰ É igualmente importante que nesses encontros se tenha liberdade de se fazer perguntas que sejam, ao mesmo tempo, sensíveis ao contexto do aconselhamento, bem como não representem uma ameaça aos aconselhados (noivos). Essas perguntas devem

²⁵⁶ CLINEBELL, 2007, p. 318.

²⁵⁷ CLINEBELL, 2007, p. 318.

²⁵⁸ CLINEBELL, 2007, p. 321.

²⁵⁹ CLINEBELL, 2007, p. 321.

²⁶⁰ CLINEBELL, 2007, p. 321.

obedecer mais um caráter informativo, permitindo a ambos, conselheiro cristão e aconselhando, estabelecerem um ambiente onde o relacionamento é de respeito e confiança mútua.

4. *Faça tudo possível para reduzir qualquer sensação de ameaça, de modo que o casal se sinta livre para revelar suas verdadeiras necessidades e preocupações.*²⁶¹ Outro aspecto importante citado por Clinebell dentro dessas metodologias de aconselhamento educativo aponta para a necessidade de se criar um ambiente onde haja uma estrutura e uma sintonia que reduza a sensação de ameaça. Nesse ponto, o conselheiro cristão deve afirmar o que significa para ele essa oportunidade de aconselhamento que é a preparação para o matrimônio. Clinebell afirma de maneira peremptória que para o conselheiro cristão é um privilégio preparar um casal para o matrimônio.

*Procure perceber a disposição que o casal tem para aprender e a sua conscientização a respeito dos problemas referentes ao seu próprio relacionamento. Isto se faz respondendo a seus sentimentos à medida que vão aparecendo, para aos poucos fazer perguntas mais centradas em sentimentos e que testem seu relacionamento; por exemplo: Como é que você reage quando ele (ela) chega tarde para saírem juntos?*²⁶²

Como se trata de um processo educativo, Clinebell destaca que uma didática de aproximação paulatina levará a uma percepção das possíveis dificuldades no relacionamento dos aconselhados (noivos) e a uma conscientização das respostas possíveis a essas dificuldades. Nesses pontos, o conselheiro deverá fazer perguntas utilizando situações corriqueiras na vida dos aconselhados, dando-lhes a oportunidade de responderem as perguntas ao mesmo tempo em que oferecem ao conselheiro a oportunidade de mostrar o caminho para saírem de situações que poderiam ser desagradáveis no relacionamento do futuro casal.

A disposição para aprender varia muito em áreas diferentes. Por isso vale a pena *mencionar diversos tópicos-chave*, observando se há reações de maior energia que indiquem consciência de necessidade. Obviamente isto não deveria ser feito por meio de palestras, mas de modo sucinto, informal e personalizado.²⁶³

²⁶¹ CLINEBELL, 2007, p. 323.

²⁶² CLINEBELL, 2007, p. 324.

²⁶³ CLINEBELL, 2007, p. 324.

Ainda pensando na perspectiva de aprender no aconselhamento, Clinebell afirma que o método educativo não pode ser relacionado diretamente com a ideia de palestras, com uma dinâmica em que o conselheiro fala e os aconselhados apenas ouvem. O conselheiro deverá ficar atento a assuntos que indiquem uma maior carência ou grau de interesse por parte do casal aconselhado. Para isso, Clinebell utiliza a figura da sementeira, em que o conselheiro cristão sugere *sucintamente* tópicos de relevância para o contexto de aconselhamento cristão pré-nupcial.

Quando aparecem sinais de interesse nas reações de um casal, *concentre a discussão nessa área por algum tempo, encorajando-os a examiná-la e, tentando comunicar atitudes construtivas e informação relevante.*²⁶⁴

Clinebell ainda assinala que, ao buscar os sinais de interesses do casal, é importante que o conselheiro cristão construa esse aconselhamento na base desses interesses, utilizando “suas habilidades de comunicação, compartilhando idéias, experiências (inclusive experiências pessoais do seu próprio casamento)”.²⁶⁵

Dessa forma, o conselheiro cristão tem a oportunidade de apresentar bases de construção de relacionamento que pareçam relevantes ao casal. Daí se abre um espaço para uma relação ou um método dialogal.²⁶⁶ Ao se tratar de assuntos pertinentes ao casal que se originaram de experiências apresentadas pelo conselheiro cristão, o casal aconselhado se sentirá acolhido e mais aberto ao aconselhamento, levando-os a expressar verbalmente sentimentos de alegria, satisfação, tristeza, frustração e expectativa, dentre outros.

8. “A discussão deveria concentrar-se em sentimentos presentes e assuntos atuais, mais do que na antecipação de problemas futuros”.²⁶⁷ Ainda que esse diálogo do ponto anterior seja importante para direcionar problemas e desventuras futuras, não há razão em se concentrar o aconselhamento nessas antecipações.

O mais importante é tratar as questões que surgem exatamente no período nupcial, que costuma ser uma época de tensão entre os casais.²⁶⁸ Focalizar problemas futuros pode maquiagem ou esconder dificuldades reais e muito pertinentes

²⁶⁴ CLINEBELL, 2007, p. 325.

²⁶⁵ CLINEBELL, 2007, p. 325.

²⁶⁶ CLINEBELL, 2007, p. 326.

²⁶⁷ CLINEBELL, 2007, p. 325.

²⁶⁸ CLINEBELL, 2007, p. 326.

no momento em que estão vivendo.²⁶⁹ Para Clinebell, o aconselhamento cristão deve se concentrar “em aprender como enfrentar questões e problemas atuais de modo gerador de crescimento e em desenvolver os recursos, talentos, pontos fortes e esperanças para o matrimônio”.²⁷⁰

*Tome tempo para ensinar a casais habilidades úteis de comunicação deixando-os exercitá-las durante e entre as sessões. É importante assessorar o casal ao [sic] exercitarem um instrumento de comunicação durante a sessão, para então falar brevemente sobre como poderão usar esse instrumento por conta própria para enriquecer seu relacionamento.*²⁷¹

Esse pressuposto reflete uma abertura no processo de aconselhamento em que o conselheiro oferece ferramentas para uma comunicação saudável entre o casal aconselhado e consegue desenvolver na sessão de aconselhamento um exercício prático por parte do casal aconselhado.

10. “*Artigos e capítulos de livros criteriosamente selecionados deveriam ser dados como tarefa para ser lidos e discutidos em casa entre as sessões*”.²⁷² Uma vez que se trata de um método educativo, a prescrição de leituras selecionadas, virtualmente selecionadas para aquele tipo de aconselhamento e baseada no perfil do casal aconselhado é importante. Será interessante compreender aqui que há um pressuposto de tarefa a ser cumprida é uma expectativa de que o conselheiro possa verificar se a leitura foi feita.

11. “*Um dos principais objetivos das sessões pré-nupciais é relacionar o casal com o programa da igreja em andamento sobre enriquecimento matrimonial*”.²⁷³ Considerando que o aconselhamento visa a vida integral do casal, incluir esse casal na vida da igreja e em seus programas específicos dedicados aos relacionamentos e construção de famílias saudáveis será de suma importância. Com a integração desse casal no contexto da igreja local e nos programas dedicados ao tema de relacionamentos familiares, o conselheiro poderá ter oportunidade de trazer para as sessões de aconselhamento experiências vividas no dia a dia do casal.

12. A discussão etapa por etapa da cerimônia de casamento ajuda a reduzir as ansiedades do casal em torno do mecanismo dessa cerimônia e oferece

²⁶⁹ CLINEBELL, 2007, p. 326.

²⁷⁰ CLINEBELL, 2007, p. 326.

²⁷¹ CLINEBELL, 2007, p. 326.

²⁷² CLINEBELL, 2007, p. 326.

²⁷³ CLINEBELL, 2007, p. 327.

uma introdução natural à discussão do seu sentido mais profundo, incluindo a crucial dimensão espiritual do seu relacionamento.²⁷⁴

Finalmente, há o pressuposto que orienta a organização e preparo da cerimônia de casamento. Nesse ambiente, devem ser apresentados e valorizados os aspectos espirituais do relacionamento do casal.

2.3 Contexto do trabalho do conselheiro cristão

Quando empreendemos uma pesquisa sobre as perspectivas do trabalho do conselheiro cristão, uma vez elencadas algumas definições aproximadas do que seja o trabalho do conselheiro cristão e verificadas algumas técnicas usadas no aconselhamento cristão, o próximo passo será o de situar o trabalho do conselheiro cristão. A importância de se descobrir os principais contextos do trabalho de aconselhamento sugere que esse trabalho ocorre em um lugar específico, a partir de uma dada realidade. Clinebell aponta que o ambiente do trabalho de aconselhamento “é a vida de uma comunidade de fé reunida, de uma congregação”.²⁷⁵

Para Clinebell, a realidade em que se dá esse aconselhamento é a própria poimênica, segundo a compreensão que distingue poimênica e aconselhamento exatamente pela concepção de contexto. Segundo Clinebell, “o contexto é a poimênica e as demais funções do ministério geral através das quais a poimênica pode ocorrer”.²⁷⁶ Ao comentar o texto de Willian T. Kirwin, *Conceitos Bíblicos para Aconselhamento Cristão*,²⁷⁷ Collins afirma que “a igreja local pode diminuir ou eliminar a sensação de isolamento dos indivíduos ao atender à necessidade que todos nós temos de fazer parte de um todo”.²⁷⁸ Ao compreender esse sentimento de pertença, observamos, por exemplo, que “Jesus manteve conversas individuais com várias pessoas para discutir suas necessidades pessoais e, freqüentemente, reunia-se com pequenos grupos”.²⁷⁹

Para uma compreensão adequada de em que contexto ocorre o aconselhamento cristão, vemos que, “os anos que seguiram a ascensão de Jesus

²⁷⁴ CLINEBELL, 2007, p. 327.

²⁷⁵ CLINEBELL, 2007, p. 65.

²⁷⁶ CLINEBELL, 2007, p. 65.

²⁷⁷ COLLINS, Gary. *Aconselhamento cristão*: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 26.

²⁷⁸ COLLINS, 2006, p. 21.

²⁷⁹ COLLINS, 2006, p. 21.

Cristo, foi justamente a igreja que deu continuidade ao seu ministério de ensino, evangelização, ministração e aconselhamento”.²⁸⁰ E prossegue afirmando que “essas atividades não eram vistas como responsabilidade especial de alguns ‘super-líderes’, mas sim como tarefa para crentes comuns, que deveriam compartilhar e cuidar uns dos outros e também dos incrédulos que não faziam parte do corpo”.²⁸¹

Collins prossegue afirmando que, “ao lermos o livro de Atos e as epístolas, fica claro que a igreja não era apenas uma comunidade dedicada à evangelização, ao ensino e ao discipulado, era também uma comunidade terapêutica”.²⁸²

E assim Collins apresenta uma possível definição de comunidade terapêutica: “comunidades terapêuticas são grupos de pessoas ‘que se caracterizam por um profundo compromisso entre seus membros e por um interesse comum na cura de [...] males psicológicos, comportamentais ou espirituais’”.²⁸³ Quando tentamos estabelecer o contexto do trabalho do conselheiro cristão, começamos com a igreja e avançamos em direção à comunidade subjacente à igreja e nomeamo-las comunidades terapêuticas.

Visto que o trabalho do aconselhamento cristão está inserido na comunidade de fé e suas relações com setores subjacentes a essa, encontramos em Clinebell importantes aportes para uma compreensão desse contexto. Clinebell fala da dimensão do trabalho de aconselhamento pelo fato de “os pastores fazerem aconselhamento dentro de um contexto eclesial, uma complexa rede de relacionamentos onde muitas pessoas conhecem uma à outra”.²⁸⁴ Essa relação diária faz com que os membros da comunidade vejam “o pastor em situações outras do que o aconselhamento influencia de maneira significativa o que acontece no aconselhamento”.²⁸⁵

Clinebell, do mesmo modo, destaca que “os relacionamentos contínuos e cotidianos com uma rede de pessoas de todas as idades, em situações boas e ruins, proporcionam ao pastor inúmeras oportunidades de prestar ajuda”.²⁸⁶ Semelhante conotação positiva tem o fato que “relacionamentos já estabelecidos e

²⁸⁰ COLLINS, 2006, p. 21.

²⁸¹ COLLINS, 2006, p. 21.

²⁸² COLLINS, 2006, p. 21.

²⁸³ COLLINS, 2006, p. 21.

²⁸⁴ CLINEBELL, 2007, p.65.

²⁸⁵ CLINEBELL, 2007, p. 65.

²⁸⁶ CLINEBELL, 2007, p. 65.

caracterizados por confiança constituem muitas vezes um sólido fundamento para aconselhamento em casos de crise”.²⁸⁷ Como consequência, esses relacionamentos acabam “permitindo que as pessoas recebam ajuda em muito menos tempo do que seria necessário para partir da estaca zero com aconselhador desconhecido”.²⁸⁸

Os pastores participam ativamente da vida da comunidade, isso lhes dá subsídios que lhes permitem “identificar problemas sérios bem antes que alcancem estágios avançados”,²⁸⁹ ao contrário de outros terapeutas que usualmente recebem seus pacientes quando esses já se encontram em níveis mais profundos de suas crises. Consequentemente, afirma Clinebell, “o contato natural e contínuo dos pastores com famílias - as sementeiras em que a personalidade é formada e deformada - é um recurso inestimável e único tanto na poimênica preventiva quanto ao aconselhamento em casos de crise”.²⁹⁰

Ademais, há a perspectiva valiosa de que “nenhuma outra profissão de ajuda tem uma comunidade de apoio comparável, formada por pessoas que prestem assistência e cuidado, que esteja disponível entra ano e sai ano”.²⁹¹ Para Clinebell, é sempre importante lembrar que o aconselhamento não se dá como um fato isolado da poimênica ou da comunidade terapêutica, como prefere Collins, porque “se a rede de pequenos grupos de uma congregação é viva e fomentadora de crescimento, ela pode complementar e reforçar o ministério de aconselhamento com pessoas sobrecarregadas”.²⁹² Essa rede de pequenos grupos gerará relacionamentos nos quais, “através do aconselhamento, os pastores podem tornar-se pontes pelas quais algumas das pessoas solitárias de nossa sociedade despersonalizada descubrem um grupo de apoio mútuo”.²⁹³ Semelhantemente, ao se tratar dos aspectos singulares do aconselhamento cristão, ainda há “o fato de os pastores serem aconselhadores de tempo parcial, com uma variedade de outras funções que podem complementar o aconselhamento, mas também entrar em conflito com ele, constitui outra dimensão significativa de sua singularidade como aconselhadores”.²⁹⁴ Além disso, dentro dessas funções, Clinebell aponta para um

²⁸⁷ CLINEBELL, 2007, p. 65.

²⁸⁸ CLINEBELL, 2007, p. 65.

²⁸⁹ CLINEBELL, 2007, p. 65.

²⁹⁰ CLINEBELL, 2007, p. 65.

²⁹¹ CLINEBELL, 2007, p. 65-66.

²⁹² CLINEBELL, 2007, p. 66.

²⁹³ CLINEBELL, 2007, p. 66.

²⁹⁴ CLINEBELL, 2007, p. 66.

fator muito relevante no ministério de maneira geral e no aconselhamento pastoral, ao afirmar que “a função profética dos pastores é uma dimensão particularmente peculiar da identidade de um aconselhador pastoral”.²⁹⁵

Isso quer dizer que, ao mesmo tempo, em que aconselhamento, nessa perspectiva anunciada por Clinebell, é compreendido como um ministério de cuidado que leve a um “crescimento espiritual como um objetivo essencial”,²⁹⁶ a função profética do pastor é igualmente importante e deverá surgir como algo natural na vida da comunidade. Isso implicará em denunciar o pecado de sua comunidade e de seu aconselhando, por conseguinte. Nesse aspecto de se levar em consideração a necessidade uma dose não pequena de sensibilidade do conselheiro para saber lidar com as diferentes funções ou dimensões no trabalho pastoral e distinguir o momento do aconselhamento do momento da dimensão profética.

Finalmente, Clinebell aponta as influências que subjazem a natureza do trabalho e aconselhamento cristão pelo fato dos pastores serem “os únicos entre os aconselhadores em seu papel social e simbólico”.²⁹⁷ Para Clinebell, “eles são pessoas “cristãs representativas” - representantes das crenças, valores e da vida comunitária de uma congregação - que ‘fazem significados cristãos relacionar-se com problemas humanos’”.²⁹⁸ Por isso, há uma significação distinta do trabalho do conselheiro em uma dada comunidade, pois os pastores virtualmente são “vistos como figuras de autoridade religiosas, como figuras de transferência religiosas”.²⁹⁹ O simples, mas não menos significativo, fato de estarem presentes fazem com que desencadeie,

em algumas pessoas, uma variedade de lembranças e sentimentos que remontam à infância, concernentes a questões como Deus, pais, céu, inferno, sexo, escola dominical, sepultamentos, igreja, certo, errado e outros pastores que tenham conhecido.³⁰⁰

Willian E. Hulme, em sua obra *Pastoral Care: come of age*, aponta a direção em que nasce o trabalho do conselheiro cristão. Ele começa com um recorte técnico, ao afirmar:

²⁹⁵ CLINEBELL, 2007, p. 66.

²⁹⁶ CLINEBELL, 2007, p. 64.

²⁹⁷ CLINEBELL, 2007, p. 66.

²⁹⁸ CLINEBELL, 2007, p. 66.

²⁹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 66.

³⁰⁰ CLINEBELL, 2007, p. 66.

enquanto a Teologia Sistemática existe em um relacionamento natural entre a Palavra de Deus e o pensamento racional, a teologia histórica em um relacionamento da Palavra de Deus e o processo histórico, a teologia bíblica em um relacionamento entre a Palavra de Deus e a disciplina do procedimento exegético, a teologia pastoral existe em relacionamento mútuo entre **a Palavra de Deus e as dinâmicas da interação pessoal**.³⁰¹

É essa compreensão do relacionamento mútuo entre a Palavra de Deus e as dinâmicas da interação pessoal que circunscreve inicialmente o contexto do trabalho do conselheiro cristão. Há a importância de entender e reconhecer essas dinâmicas em diversidades culturais. Segundo Hulme, “essas dinâmicas são reconhecidas e interpretadas dentro de um meio de características culturais”.³⁰² Dessa forma, avança Hulme, “a teologia pastoral é, portanto, responsável pela tomada de temperatura da cultura - por sentir o movimento do tempo”.³⁰³

Outra compreensão importante para situar o contexto do trabalho de aconselhamento cristão está na compreensão do *modos vivendi* da sociedade. Hulme afirma que, apesar de as estruturas culturais tentarem incorporar as mudanças sociais, essa sociedade não tem alcançado tal objetivo.³⁰⁴ Esse fracasso se deve, segundo Hulme, a dois fatores: “como em qualquer período transicional as bases antigas parecem ser ausentes enquanto as bases novas não chegaram a níveis confiáveis ainda. Como resultado nossa sociedade está desesperadamente buscando significado”.³⁰⁵ Para Hulme, as mudanças no quadro social esse período de transição no cenário mundial, trazem consequências ao trabalho pastoral, sobretudo em que diz respeito ao aconselhamento.³⁰⁶

Viver em uma sociedade que, em seus distintos contextos, apresenta desafios que se renovam a cada dia. Problemas sociais que transitam de um pólo

³⁰¹ *While systematic theology exists in a natural relationship between the Word of God and a rational thinking, historical theology in a relationship the word of God and historical process, and biblical theology in a relationship between the word of God and the discipline of exegetical procedure, pastoral theology exists in a mutual relationship between the word of God and the dynamics of personal interaction* (tradução e grifo nosso). HULME, Willian. *Pastoral Care: Come of Age*. New York: Abingdom Press, 1970. p. 14.

³⁰² *These dynamics are recognized and interpreted within the medium of culture characteristics* (tradução nossa). HULME, 1970, p. 14.

³⁰³ *Pastoral theology therefore is responsible for taking the culture temperature- for sensing the movement of times* (tradução nossa). HULME, 1970, p. 14.

³⁰⁴ HULME, 1970, p. 14.

³⁰⁵ *As any transitional period the old supports appear to be lacking while the new supports have not been around long enough to be trusted. As result our society is desperately searching for meaning* (tradução nossa). HULME, 1970, p. 14.

³⁰⁶ HULME, 1970, p. 14.

para o outro e dificuldades de relacionamentos por conta da falsa percepção de liberdade e autonomia do sujeito são o pano de fundo para o trabalho pastoral.

2.4 Cuidados do trabalho do conselheiro cristão

O trabalho de aconselhamento pastoral resulta de um desdobramento da Teologia Prática, em sua subdivisão, a teologia pastoral, ou seja,

aquele ramo ou campo de conhecimento e pesquisa teológicas que faz com que a perspectiva do trabalho pastoral esteja presente em todas as operações e funções da igreja e do pastor e permita chegar a conclusões de ordem teológica a partir de um reflexão sobre estas observações.³⁰⁷

Como Hiltner afirma, o trabalho pastoral está presente em todas as operações e funções tanto do pastor³⁰⁸ quanto da própria comunidade de fé. O ambiente da poimênica,³⁰⁹ ou da comunidade terapêutica,³¹⁰ uma vez consideradas essas operações e funções do trabalho pastoral ou do aconselhamento cristão, e sua complexidade, julgamos necessário apresentar alguns dos cuidados do trabalho do conselheiro cristão.

Hulme demonstra que o cuidado pastoral deve ser a batida no coração, um pulsar empático ao aplicar a Palavra de Deus à vida das pessoas.³¹¹ Os reflexos das mudanças no mundo sugerem que o trabalho pastoral no aconselhamento deva levar a essa nova compreensão do significado do ser no mundo, sem se afastar dos cuidados da Palavra de Deus. É nesse contexto que trabalha o conselheiro cristão, repleto de desafios estruturais, conjunturais e espirituais. A mudança, segundo Hulme, dá-se, pois, “como um reflexo das mudanças culturais, o cuidado pastoral saiu da ênfase psicológica para um crescente interesse na dimensão sociológica”.³¹² Há uma transição histórica no cuidado pastoral porque “estamos rompendo com

³⁰⁷ *Definimos la teologia pastoral como aquella rama o campo del conocimiento e investigación teológicos que hace que la perspectiva del trabajo pastoral esté presente em todas las operaciones y funciones de la Iglesia y del ministro y permita llegar a conclusiones de orden teológico a partir de la reflexión sobre estas observaciones* (tradução nossa). HILTNER, Seward. *Simposio de Psicología Pastoral*. Buenos Aires: Editorial la Aurora: 1959. p. 78.

³⁰⁸ HILTNER, 1959, p. 78.

³⁰⁹ CLINEBELL, 2007, p. 78.

³¹⁰ COLLINS, 2006, p. 15.

³¹¹ HULME, 1970, p. 14.

³¹² *Reflecting the changes in our culture , pastoral care has shifted from a psychological emphasis to a growing interest in the sociological dimension* (tradução nossa). HULME, 1970, p. 15.

Freud e seu divã.”³¹³ Nossa preocupação é com processos grupais e estrutura social. “Temos terapias de grupo, aconselhamento matrimonial, aconselhamento familiar e grupos interpessoais”.³¹⁴

O trabalho de aconselhamento cristão tem em sua forma de ação o objetivo de aproximar as pessoas. Para isso, esse trabalho deve estar comprometido com uma teologia pastoral como afirma Hiltner: “a teologia pastoral é o resultado do estudo do trabalho pastoral cristão”.³¹⁵

Para Hiltner, “cada pastor, em qualquer que seja sua ubiquação ou tarefa específica dentro do ministério, pode cumprir com o trabalho pastoral se é que o tem definido corretamente”.³¹⁶ Collins, ao citar Wayne Oates, afirma que todos os pastores serão conselheiros em uma comunidade. A pergunta que Collins nos remete a pensar é: como esse pastor aconselhará?

Independente de qual tenha sido sua formação, o pastor não tem o privilegio de escolher se vai ou não aconselhar os membros de seu rebanho, pois é inevitável que eles levem seus problemas até ele, em busca de orientação e de uma palavra de sabedoria. Não há como contornar isso, se ele permanecer no ministério pastoral. A opção que ele tem que fazer não é entre aconselhar ou não, mas sim entre aconselhar de maneira organizada e competente, ou fazê-lo de forma caótica e incompetente.³¹⁷

O resultado do aconselhamento está nas bases em que se firmará o conselheiro, que, segundo afirma Collins, tem a liberdade de escolher entre ser um conselheiro medíocre ou usar desta oportunidade para levar cura e crescimento às pessoas de sua comunidade.

Dentro dessa perspectiva de se reconhecer os cuidados do trabalho do conselheiro cristão, há uma indicação que uma teologia centrada no modelo holístico deve ser postulada a partir do pressuposto de ajuda mútua, a cura ocorre de maneira integral na comunidade. Nesse momento, surge a pergunta: há uma teologia bíblica de aconselhamento pastoral? Na verdade, o objetivo geral desse trabalho não é uma defesa de uma teologia do aconselhamento pastoral, mas não

³¹³ HULME, 1970, p. 14.

³¹⁴ *We have group therapy, marriage counseling, family counseling, and interpersonal groups* (tradução nossa). HULME, 1970, p. 15

³¹⁵ *La telogia pastoral es una rama formal de la teologia resultante del estudio del trabajo pastoral Cristiano* (tradução nossa). HILTNER, 1959, p. 77.

³¹⁶ *Cada ministro, cualquiera sea su ubiquación o tarea específica dentro del ministério, puede cumplir con el trabajo pastoral si es que se lo define correctamente* (tradução nossa). HILTNER, 1959, p. 79.

³¹⁷ COLLINS, 2006, p. 15.

podemos deixar de apontar as bases bíblicas para o aconselhamento pastoral. A partir da literatura da sabedoria bíblica, temos alguns conceitos do aconselhamento. Lemos em Pv 11.14: “Não havendo sábia direção, cai o povo; mas na multidão dos conselheiros há segurança”. Há ainda o relato do Profeta Natan quando busca o rei Davi para uma conversa na qual Natan não somente apresenta o pecado de Davi, mas também oferece a ele a oportunidade de mudança, exemplo clássico de aconselhamento didático e profético (2Sm 12).

Clinebell apresenta nos escritos paulinos, além de outros textos que veremos a seguir, a “igreja como povo de Deus (II Co 6.16) - uma comunidade de cuidado mútuo unida por um pacto com Deus; como o corpo de Cristo (Rom 12.4s; I Co 10.17)”.³¹⁸ A igreja é também “uma unidade orgânica na qual cada membro, cada parte do corpo vivo, tem seus dons e ministérios peculiares”.³¹⁹ É ainda, “como comunidade do Espírito Santo (At 10.44-47) - uma comunidade redentora e curativa, através da qual o Espírito vivo pode atuar num mundo grandemente necessitado”.³²⁰ Essas perspectivas sugerem os exemplos de aconselhamento pastoral de modelo holístico, “corpo, mente e espírito *em comunidade*”.³²¹ Clinebell, de certa forma, centraliza a teologia do aconselhamento pastoral a partir da doutrina da igreja como o corpo de Cristo. Clinebell explica que a poimênica e o aconselhamento pastoral são maneiras de fazer teologia. Segundo o autor:

a relação entre a prática da poimênica e do aconselhamento e nossa herança bíblica é como uma estrada de duas mãos. Os *insights* dessa herança iluminam, informam e orientam a prática dessas artes pastorais, enquanto que esta prática dá vida a verdades bíblicas fundamentais permitindo que elas se encarnem e sejam experimentadas em relacionamentos humanos. No aconselhamento, as verdades bíblicas são iluminadas ao serem aplicadas e testadas na arena das lutas e do crescimento humanos.³²²

No trabalho de aconselhamento pastoral, há uma luta constante no que diz respeito às questões teológicas fundamentais, pois conselheiro e aconselhando acabam levando essas questões a um nível intenso e pessoal.³²³ Para Clinebell,

³¹⁸ CLINEBELL, 2007, p. 61.

³¹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 61.

³²⁰ CLINEBELL, 2007, p. 61.

³²¹ CLINEBELL, 2007, p. 49.

³²² CLINEBELL, 2007, p. 47.

³²³ CLINEBELL, 2007, p. 47.

esses “rótulos teológicos”³²⁴ podem ou não ser identificados. Na verdade, afirma o autor que “a sociedade secularizada”³²⁵ não identifica esses rótulos teológicos com frequência. Para Clinebell,

pecado e salvação, alienação e reconciliação, culpa e perdão, juízo e graça, morte e renascimento espiritual, desespero e esperança estão entrelaçados no tecido da interação promotora de cura e crescimento entre pastora e paroquiana, questões essas que constituem o cerne da poimênica e do aconselhamento.³²⁶

Apesar de a “sociedade secularizada”, de maneira geral, não reconhecer essas questões teológicas, na prática todos são de alguma maneira impactados, pois “tudo quanto é válido na revelação de Deus por Cristo é universalmente operativo na vida humana, sendo, portanto, verificável na experiência”.³²⁷

Clinebell apresenta diversas “razões pelas quais considera importante integrar insights bíblicos com a prática do aconselhamento pastoral”.³²⁸ A primeira razão é o fato de a estabelecer um contato íntimo com e leitura e prática da Palavra de Deus, para Clinebell “Bíblia sendo a nascente de nossa tradição espiritual ocidental, permanecer em íntimo contato com ela pode ajudar-nos a manter enraizados em suas verdades fomentadoras de integralidade”.³²⁹ Em segundo lugar, está o fato de o uso dessas verdades bíblicas interiorizadas no conselheiro se tornarem facilitadoras de cura e crescimento, afirma Clinebell: “estar em contínuo diálogo com os *insights* bíblicos pode gerar, em quem presta assistência, atitudes e uma consciência que facilitam a cura e o crescimento”.³³⁰ Em terceiro lugar, os modelos e imagens bíblicas podem ser usadas para a transformação, destaca Clinebell: “imagens e verdades arquetípicas da Bíblia podem ser usadas como instrumentos de transformação criativa”.³³¹ Ademais, “imagens, histórias e metáforas bíblicas vivas são formas de comunicar verdades profundas sobre a vida fazendo uso do ‘cérebro direito’”.³³² Essas imagens, segundo Clinebell, “são um poder sustentador na vida de muitas pessoas socialmente desprovidas de poder que

³²⁴ CLINEBELL, 2007, p. 47.

³²⁵ CLINEBELL, 2007, p. 47.

³²⁶ CLINEBELL, 2007, p. 47.

³²⁷ ROBERTS apud CLINEBELL, 2007, p. 47.

³²⁸ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³²⁹ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³⁰ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³¹ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³² CLINEBELL, 2007, p. 48.

amam a Bíblia”.³³³ Finalmente, Clinebell aponta que a “sabedoria bíblica sobre a natureza da integralidade é necessária para *criticar, corrigir e enriquecer* compreensões psicológicas contemporâneas de integralidade”.³³⁴ Clinebell conclui, a partir dessas perspectivas de integração de insights bíblicos com a prática do aconselhamento pastoral, afirmando que em diversos aspectos importantes, “a Bíblia contém uma compreensão de integralidade mais profunda e realista do que a psicologia humanística”.³³⁵

Clinebell descreve como propósito do ministério de aconselhamento pastoral e da poimênica facilitar o desenvolvimento de nossa personalidade única à semelhança de Deus como sendo o alvo da vida cristã.³³⁶ De acordo com o autor, “o testemunho bíblico enfatiza reiteradamente as notáveis potencialidades dos seres humanos”.³³⁷ Ele usa os exemplos do Sl 8.5, em que o ser humano é criado “por um pouco menor do que Deus”, além dos “relatos da criação em Gênesis que afirmam que fomos feitos à imagem ou semelhança de Deus (Gn 1.27).” No evangelho de João, contemplamos um ensinamento de que “Jesus veio para que as pessoas pudessem ter ‘vida [...] em toda a sua plenitude’ (Jo 10.10)”.³³⁸ Para Clinebell, “vida em toda a sua plenitude [...] é a maneira como a Bíblia se refere à saúde holística centrada no espírito”.³³⁹ O resultado de uma “integralidade centrada no Espírito”³⁴⁰ é o florescimento “da imagem de Deus e a realização da vida em abundância”.³⁴¹

Para finalizar essa seção, Clinebell explica o conceito de imagem de Deus e a integralidade bíblica:

ao lado da consciência de nossas notáveis potencialidades, é essencial estarmos conscientes de nossa finitude, de nossas limitações e de nosso quebrantamento. Sem esta consciência, caímos facilmente na auto-idolatria e no orgulho narcisístico que aliena as pessoas de uma interação nutritiva com outras, com a biosfera e com Deus.³⁴²

³³³ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³⁴ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³⁵ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³⁶ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³⁷ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³⁸ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³³⁹ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³⁴⁰ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³⁴¹ CLINEBELL, 2007, p. 49.

³⁴² CLINEBELL, 2007, p. 49.

Apresentamos até aqui o trabalho do conselheiro cristão a partir da metodologia de Howard Clinebell. A seguir vamos comparar esses métodos de Clinebell de aconselhamento na construção de uma comunidade integrada para o crescimento e cura no espírito e avaliar os conceitos da cultura de autoajuda, tentando responder a pergunta: como o aconselhamento cristão a partir de Clinebell pode ajudar a igreja a se libertar das inquietações no momento em que vivemos advindas dessa cultura de autoajuda.

2.5 Aconselhamento pastoral e a literatura de autoajuda

Para iniciar essa seção, destaco o que Clinebell afirmou ser para os anos de 1980 -1990,³⁴³ que certamente valem para a presente década, de que o pleno desenvolvimento da poimênica e do aconselhamento pastoral depende da utilização desses cinco elementos da tradição da poimênica. Para Clinebell, “a cura, sustentação, orientação, reconciliação e nutrição”³⁴⁴ são esses elementos.

Segundo Clinebell, para que esse desenvolvimento ocorra, “depende da interação vigorosa e do desenvolvimento equilibrado, dentro de uma comunidade de fé, de cada uma dessas funções poimênicas, aplicadas às necessidades especiais das pessoas em nossa sociedade em rápida transformação”.³⁴⁵

Considerando as características do momento em que a igreja está vivendo, as crises e valorização exagerada nos indivíduos, Clinebell afirma que há ainda “uma profusão de oportunidades de assistência pastoral e de aconselhamento pastoral dentro de cada uma dessas áreas funcionais”.³⁴⁶ As pessoas precisam, como talvez nunca em outro momento da história, de cura, de sustentação, de orientação de reconciliação e de nutrição. A resposta para essas dificuldades na sociedade deve ser objeto de insistente trabalho pastoral, pois, segundo Clinebell,

felizmente os métodos contemporâneos de desempenhar essas funções tradicionais, a assistência e o aconselhamento ligados à igreja afastam-se de um modelo predominante médico ou psicoterápico para recuperar sua identidade pastoral.³⁴⁷

³⁴³ CLINEBELL, 2007, p. 40.

³⁴⁴ CLINEBELL, 2007, p. 41.

³⁴⁵ CLINEBELL, 2007, p. 40.

³⁴⁶ CLINEBELL, 2007, p. 40.

³⁴⁷ CLINEBELL, 2007, p. 40.

Essa transição das expressões históricas da função poimênica abre espaço para um tipo de ministração competente e centrada no crescimento e cura integral. Diante dos desafios no mundo atual, há que transigir, por exemplo, no caso de **cura**: “unção, exorcismo, santos e relíquias, curandeiros e carismáticos”³⁴⁸ para “psicoterapia pastoral, cura espiritual, aconselhamento e terapia matrimonial”.³⁴⁹ No aspecto da **sustentação**, que era historicamente “preservar, consolar, consolidar”³⁵⁰, coloca-se “a poimênica e aconselhamento de apoio, aconselhamento em casos de crise, poimênica e aconselhamento em caso de luto ou perda”.³⁵¹ O que era constituído como **orientação**: “dar conselhos, exorcismo, escutar” contemporiza-se ao: “aconselhamento educativo, tomada de decisões em curto prazo, aconselhamento de confrontação, orientação espiritual”.³⁵² O que era conhecido como **reconciliação**: “confissão, perdão, disciplinamento”, dá lugar “ao aconselhamento matrimonial, aconselhamento existencial (reconciliação com Deus)”.³⁵³ E, finalmente, o que era tido como **nutrição**: “treinamento de membros novos na vida cristã, educação religiosa”, cede espaço para: “aconselhamento educativo, grupos de crescimento, enriquecimento do matrimônio e da família, assistência para a possibilitação de crescimento através de crises desenvolvimentais”.³⁵⁴

O que vemos como proposta de Clinebell, neste contexto, é um conceito transformador e inclusivo. Transformador, pois parte de conceitos inicialmente muito místicos para uma condição técnica, bíblica, sem perder contato com o transcendente. É inclusivo, pois não se limita mais a aspectos organizacionais e eclesiológicos, mas sem perder o foco eclesiológico. Notadamente, estamos tratando de teologia prática e, nessa abordagem teológica, pretende-se resgatar elementos importantes na vida da comunidade de maneira integral e não limitada ou particular. Isso quer dizer que, dentro do trabalho de poimênica que propomos, não há que se esperar os tempos de crises somente, não é para ser um tipo de aconselhamento proselitista, não pode ser um trabalho pautado em uma agenda denominacional, mas é um tipo de aconselhamento e poimênica que educa,

³⁴⁸ CLINEBELL, 2007, p. 41.

³⁴⁹ CLINEBELL, 2007, p. 41.

³⁵⁰ CLINEBELL, 2007, p. 41.

³⁵¹ CLINEBELL, 2007, p. 41.

³⁵² CLINEBELL, 2007, p. 41.

³⁵³ CLINEBELL, 2007, p. 41.

³⁵⁴ CLINEBELL, 2007, p. 41.

possibilita crescimento no Espírito e acolhe a tantos quantos se relacionam em uma comunidade. Segundo Clinebell, “a poimênica é a resposta à necessidade que cada pessoa tem de calor, sustento, apoio e cuidado”.³⁵⁵

O aconselhamento pastoral e a poimênica, para a cura integral centrada no Espírito, têm a função de nutrir, de reconciliar e de reparar as mazelas deixadas pelos conceitos aprendidos a partir da sociedade moderna, em que a literatura de autoajuda fez seu caminho prescrevendo o sucesso a qualquer preço, ainda que a resposta esteja dentro do ser em algum lugar.³⁵⁶ Segundo Clinebell, “o aconselhamento pastoral é uma forma reparadora da poimênica, que procura proporcionar cura às pessoas que sofrem disfunção e quebrantamento induzidos por uma crise”.³⁵⁷ Há, no momento de crise, uma necessidade de solução. Normalmente, somos inclinados a tentar os atalhos para a solução de nossos problemas. Talvez por isso a literatura de autoajuda obtenha tanto sucesso. Porém, será que se deve a essa busca de solução a baixo custo e lei do menor esforço o sucesso na literatura de autoajuda?

Em função da proximidade existente entre o discurso de auto-ajuda e os provérbios, chama-nos a atenção o fato de que a literatura de auto-ajuda tenha alcançado grande sucesso no mundo ocidental no final do século XX, justamente num momento que, segundo Obelkevich, os provérbios não desfrutaram de muito crédito. Talvez os provérbios não estejam exatamente nessa situação. **Ou quem sabe, a auto-ajuda esteja ocupando uma lacuna aberta nas sociedades ocidentais pela provável redução do prestígio dos provérbios, o que faz se adequando às exigências impostas pelo individualismo moderno. Assim o aconselhamento, como tantas outras coisas, passou a ser um produto comercializável,** que vem agora com um revestimento adequado a situação, porque embora o conteúdo dos textos de auto-ajuda possa variar bastante (especialmente em função do tipo de tema que privilegiam; por exemplo, saúde vendas casamento, trabalho, etc.) todos trazem alguns pontos comuns; o tom extremamente otimista, uma supervalorização das potencialidades dos indivíduos, a focalização das soluções a despeito da complexidade dos problemas, a promessa da realização dos sonhos, etc. Quer dizer, assim como os provérbios, trata-se de um aconselhamento, mas um aconselhamento bem ao gosto e, especialmente, às *necessidades do individualismo moderno*.³⁵⁸

Se os publicistas do gênero autoajuda conseguem vender setenta milhões de livros de somente quatro autores exponenciais³⁵⁹ e, em um caso particular, o de

³⁵⁵ CLINEBELL, 2007, p. 43.

³⁵⁶ PEALE, 1995, p. 8.

³⁵⁷ CLINEBELL, 2007, p. 43.

³⁵⁸ BRUNELLI, 2004, p. 103 (grifo nosso).

³⁵⁹ RÜDIGER, 1996, p. 80-81.

Orison Sweet Marden sua obra *Pushing to the Front* chegou “nos estados Unidos à casa da 25ª edição, por volta de 1910,”³⁶⁰ não há maneira de se negar uma crise. É, portanto, fundamental a aproximação da poimênica e do aconselhamento pastoral nesse contexto.

Importa afirmarmos que esse sucesso de vendas desencadeia uma saturação de conceitos que, na maioria das vezes, apontam o indivíduo como responsável pelo sucesso ou insucesso no curso de sua vida. Porém, como haverá realmente sucesso, crescimento e cura sem cuidado? O sucesso, conforme sustentado na cultura de autoajuda, está na base de bens materiais e emocionais. Segundo Deepak Chopra, “se compreendermos a nossa verdadeira natureza e soubermos viver em harmonia com as leis naturais, a sensação de bem-estar, de entusiasmo pela vida e a abundância material surgirão facilmente”.³⁶¹ Nessa frase, que, segundo o texto, registra a proposta central na filosofia desse publicista indiano, três elementos surgem: a **sensação de bem-estar**, o **entusiasmo pela vida e a abundância material**. Para Rüdiger, filosofias como essas são aceitas em um momento histórico em que experimentamos o “princípio do moderno culto do sucesso e do cuidado cosmético da personalidade”.³⁶² O aconselhamento pastoral e a poimênica para a cura integral centrada no Espírito têm a função de nutrir, de reconciliar e de reparar as mazelas deixadas pelos conceitos da literatura de autoajuda, que afirma que a resposta está dentro do ser em algum lugar.³⁶³

Um dos riscos da proposta dessa literatura de autoajuda é, sem dúvida, o aumento da responsabilidade individual, que causará crises existenciais em dimensões tão profundas que se tornará difícil até mesmo a vida em sociedade. Samuel Smiles, por exemplo, afirma que “a felicidade e o bem-estar individuais no decurso da vida **dependem principalmente e necessariamente de nós**, da cultura diligente e da disciplina de si mesmo”.³⁶⁴

Segundo Clinebell, a necessidade de apoio, nutrição e cuidado pastorais “aumenta em períodos de estresse pessoal e de caos social”³⁶⁵ porque “muitas

³⁶⁰ RÜDIGER, 1996, p. 80-81.

³⁶¹ CHOPRA, Deepak. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/deepakchopra>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

³⁶² RÜDIGER, 1996, p. 41.

³⁶³ PEALE, 1995, p. 8.

³⁶⁴ RÜDIGER, 1996, p. 33 (grifo nosso).

³⁶⁵ CLINEBELL, 2007, p. 43.

peças que procuram ajuda [...] não fazem parte de nenhuma igreja ou de qualquer outra comunidade de assistência”.³⁶⁶ Rüdiger, ao criticar o expediente da literatura de autoajuda, afirma: “sem valores espirituais, a liberdade política e a mobilidade social degeneram em egoísmo, que torna impraticável a vida em sociedade”.³⁶⁷ Mais uma vez Clinebell apresenta uma proposta de crescimento e cura, pois os indivíduos nessa sociedade às margens da insolvência, se concordarmos com Rüdiger, “são pessoas solitárias e alienadas da sociedade, cuja necessidade de assistência é aguda”.³⁶⁸ O mais triste fato, reitera Clinebell,

menos óbvias, porém muitas vezes não menos dolorosas, são as necessidades das pessoas ‘perdidas dentro de si mesmas em nossas próprias congregações’. Assim o ministério de poimênica e aconselhamento de uma congregação possui uma missão tanto interna quanto externa para com as pessoas onde quer que estejam em necessidade. Com índices de desorganização pessoal e social atingindo um recorde nunca igualado, a necessidade desse ministério nunca foi maior!³⁶⁹

As pessoas estão vivendo essa tragédia social e espiritual dentro e fora de nossas comunidades de fé. Estão sendo tratadas como “coisas” e assim manipulando e sendo manipulados pela nova ordem, pois como foi dito, o sucesso depende de cada um.

Portanto, se essas pessoas buscam ou entram em contato com uma cultura difundida por uma literatura de proporções mercadológicas gigantescas que promete alívio para seus sofrimentos, sejam financeiros,³⁷⁰ emocionais³⁷¹ ou espirituais,³⁷² por que não deveriam aceitar tal ajuda? Em primeiro lugar, se essas pessoas estão fora do contexto da comunidade de fé, o conselheiro cristão deve usar da poimênica e tentar resgatar essas pessoas com o poder do Evangelho. Para Clinebell, uma prática teológica precisa ocorrer:

A relação entre a prática da poimênica e do aconselhamento e nossa herança bíblica é como uma estrada de duas mãos. Os insights dessa herança iluminam, informam e orientam a prática dessas artes pastorais, enquanto que esta prática dá vida a verdades bíblicas fundamentais

³⁶⁶ CLINEBELL, 2007, p. 43.

³⁶⁷ RÜDIGER, 1996, p. 154.

³⁶⁸ RÜDIGER, 1996, p. 154.

³⁶⁹ CLINEBELL, 2007, p. 43.

³⁷⁰ ANDERSON, 2007, p. 19.

³⁷¹ CURY, Augusto. *O código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca da excelência emocional e profissional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

³⁷² JONES, Laurie Beth. *O poder da profecia positiva: encontrando potencial oculto no cotidiano*. São Paulo: Butterfly, 2002.

permitindo que elas se encarnem e sejam experimentadas em relacionamentos humanos. No aconselhamento, as verdades bíblicas são iluminadas ao serem aplicadas e testadas na arena das lutas e do crescimento humanos. É neste sentido que a poimênica e o aconselhamento pastoral são maneiras de *fazer teologia!*³⁷³

Porém, se essas pessoas estão passando suas crises “**perdidas dentro de si mesmas em nossas próprias congregações**”,³⁷⁴ experimentando as mais cruéis sensações e os horrores produzidos no momento cultural de vazio em que nos vemos, cabe ao aconselhador fazer valer as palavras de Wayne Oates: escolher ser um conselheiro competente. Isso constata Clinebell:

Um aconselhador competente tem, muitas vezes, o privilégio de orientar outros seres humanos em sua jornada interior em direção à integralidade. Sensibilidade e aptidão em aconselhamento nos permitem postar-nos no terreno sagrado onde ocorrem o crescimento e a transformação da personalidade. Tornamo-nos catalisadores num processo promotor de cura e crescimento, parteiras pastorais no renascimento de pessoas para dimensões mais amplas de sua humanidade.³⁷⁵

Aconselhamento pastoral como um privilégio é exatamente o contrário da proposta de autoajuda, pois aquele propõe ajudar ao outro, um altruísmo completamente inexistente na sugestão de individualismo dos manuais de autoajuda. Privilégio de ajudar o outro, de orientar, de libertar e curar em comunidade.

2.6 O Aconselhamento Pastoral e a vida plena

Como vemos, para Clinebell, “vida em toda a sua plenitude (ou vida em abundância) é a maneira como a Bíblia se refere à saúde holística centrada no Espírito ou, em outros termos, à integralidade centrada no Espírito”.³⁷⁶ Mais adiante Clinebell afirma que a seriedade de ampliarmos de maneira ajuizada e de modo pleno os recursos que nos foram outorgados por Deus está de maneira enfática destacado na parábola dos talentos contada por Jesus em Mt 25.14-30.³⁷⁷ Dentro do modelo holístico de Clinebell está o pressuposto de que “a imagem de Deus floresce

³⁷³ CLINEBELL, 2007, p. 47.

³⁷⁴ CLINEBELL, 2007, p. 43 (grifo nosso).

³⁷⁵ CLINEBELL, 2007, p. 46.

³⁷⁶ CLINEBELL, 2007, p. 48.

³⁷⁷ CLINEBELL, 2007, p. 49.

e a vida em abundância é realizada”.³⁷⁸ Resgatar a imagem de Deus em nós é para Clinebell “desenvolver sábia e plenamente os recursos dados por Deus [...]sem cair na auto-idolatria e no orgulho narcisista que aliena as pessoas.”³⁷⁹ A partir dessa leitura, podemos inferir que o aconselhamento pastoral, segundo Clinebell, deve levar esse modo de vida integral centrado no Espírito. Isso representa uma vida plena e com propósito.

Os pressupostos da vida plena, à “integralidade centrada no Espírito”³⁸⁰ surgem a partir da concepção de que “os seres humanos não são Deus, embora sejam criados à semelhança de Deus”.³⁸¹ Isso deixa claro que um aconselhamento pastoral que busca uma cura integral do ser humano não impõe ao indivíduo aconselhado uma responsabilidade superior de se autocurar na base de uma filosofia de autoajuda que o leve a refletir sobre si mesmo como alguém que pode todas as coisas. Na prática, nessa proposta de crescimento e cura centrada no Espírito, o ser humano continuará sendo ser humano, e nada além disso.

Para Clinebell, “a integralidade que a igreja deve libertar e potencializar - e nisto consiste uma missão sua - tem integralidade espiritual em seu centro”.³⁸² A poimênica e o aconselhamento pastoral deverão buscar o epicentro espiritual que facilite a relação do indivíduo com seu Criador. Clinebell afirma que isso “significa que ajudar as pessoas a experimentar cura e crescimento na dimensão vertical (Tillich) de suas vidas pertence ao cerne de toda a poimênica e todo o aconselhamento que são verdadeiramente pastorais”.³⁸³ Ele ainda destaca que

ajudar as pessoas a aprender como aumentar o poder e a vivacidade da sua fé, de seus valores, de seu contato atual com o Espírito amoroso do universo, é um objetivo implícito, senão explícito, de todos os tipos de poimênica e aconselhamento pastoral, quaisquer que sejam os demais objetivos que tenham.³⁸⁴

O trabalho do conselheiro cristão estará arraigado como objetivo primeiro a criar uma metodologia que permita um crescimento e cura na vida de seu aconselhado onde uma fé renovada (Rm 12.1-2) e uma relação mais profunda com

³⁷⁸ CLINEBELL, 2007, p. 49.

³⁷⁹ CLINEBELL, 2007, p. 49.

³⁸⁰ CLINEBELL, 2007, p. 49.

³⁸¹ CLINEBELL, 2007, p. 49.

³⁸² CLINEBELL, 2007, p. 28.

³⁸³ CLINEBELL, 2007, p. 28.

³⁸⁴ CLINEBELL, 2007, p. 28.

Deus (Sl 51) não sejam simplesmente uma utopia, mas que sejam uma realidade. Esse objetivo será alcançado quando um trabalho adequado de poimênica e aconselhamento pastoral forem empreendidos pela comunidade de fé.

Mais além, constatamos que a busca de cura e crescimento integrais necessita apreender outros pressupostos. Para Clinebell, o conjunto desses pressupostos para “facilitar a integralidade centrada no Espírito requer a permanente integração de recursos oriundos das ciências psicossociais da psicoterapia, por um lado, e dos recursos provenientes de nossa herança teológica, por outro”.³⁸⁵

Talvez valha à pena reafirmar que um trabalho de poimênica e aconselhamento pastoral centrado no Espírito que vise a cura e crescimento integral somente serão bem compreendidos quando coadunados na teologia, na psicologia e na psicoterapia. Como vimos no capítulo anterior, essas ferramentas são essenciais e bem mais produtivas quando usadas simultaneamente. Clinebell assegura que as pessoas, “a partir da sabedoria de sua tradição teológica [...] estão conscientes tanto dos espantosos recursos quanto das poderosas resistências, presentes nos seres humanos e na sociedade, em relação à realização dessas potencialidades”.³⁸⁶ E conclui: na linguagem teológica tradicional “essas resistências são chamadas de ‘pecado’”.³⁸⁷

No que diz respeito à compreensão do modelo centrado em crescimento e cura, Clinebell desenvolve seis dimensões da integralidade que acredita que devam ser objeto do trabalho da potencialização para o crescimento em direção à integralidade.³⁸⁸ Ao desenvolver o esquema de seis dimensões que afirma ser interdependentes, Clinebell traz três considerações que merecem destaque. A primeira consideração é que “os seres humanos são sistemas abertos”.³⁸⁹ Por isso, comenta Clinebell:

nosso crescimento ocorre em relacionamentos, cuja seis dimensões estão arroladas (avivar sua mente; revitalizar seu corpo; renovar e enriquecer seus relacionamentos íntimos; aprofundar sua relação com a natureza e a

³⁸⁵ CLINEBELL, 2007, p. 28.

³⁸⁶ CLINEBELL, 2007, p. 28.

³⁸⁷ CLINEBELL, 2007, p. 28.

³⁸⁸ CLINEBELL, 2007, p. 29.

³⁸⁹ CLINEBELL, 2007, p. 30.

biosfera; crescer em relação às instituições significativas em sua vida; aprofundar e revitalizar seu relacionamento com Deus.).³⁹⁰

Para Clinebell, “crescimento em direção a uma maior integralidade em qualquer uma dessas dimensões estimula e apóia o crescimento nas outras”.³⁹¹ E mais adiante afirma que em contrapartida, a “integralidade reduzida em qualquer uma delas retarda o crescimento nas outras”.³⁹² A partir desse pressuposto, pode-se concluir que: “a poimênica e o aconselhamento pastoral holísticos visam capacitar as pessoas para aumentar e equilibrar o crescimento em todos os seis aspectos de suas vidas”.³⁹³

A segunda consideração apresentada por Clinebell é:

a poimênica e o aconselhamento pastoral são eficazes na medida em que ajudam as pessoas a aumentar sua capacidade de relacionar-se de maneiras que fomentem a integralidade nelas mesmas e nas outras pessoas.³⁹⁴

Para Clinebell, a eficácia na ajuda às pessoas inicia com uma compreensão por parte delas mesmas de que há uma codependência que servirá de incentivo na integralidade pessoal e de seus pares. Isso é muito diferente das propostas dos manuais de autoajuda que sobrecarregam o indivíduo com uma responsabilidade superior à capacidade que a pessoa tem de obter respostas nas mais diversas circunstâncias da vida. A proposta de Clinebell orienta que,

na medida em que os indivíduos se tornam capazes de estabelecer relacionamentos crescentes e caracterizados por satisfação mútua das necessidades, as seguintes coisas se fazem possíveis: eles são capazes de lidar mais construtivamente com sua carga de problemas, perdas e responsabilidades. Eles continuam a desenvolver sua responsabilidade única, centrada num relacionamento crescentemente significativo com Deus. Eles aumentam sua capacidade de serem agentes de reconciliação e integralidade em sua família, comunidade e igreja.³⁹⁵

Nossa compreensão dessa consideração de Clinebell aproxima-nos da realidade que o crescimento se dá passando pela via dos relacionamentos e nunca isoladamente.

³⁹⁰ CLINEBELL, 2007, p. 29-30.

³⁹¹ CLINEBELL, 2007, p. 30.

³⁹² CLINEBELL, 2007, p. 30.

³⁹³ CLINEBELL, 2007, p. 30.

³⁹⁴ CLINEBELL, 2007, p. 30.

³⁹⁵ CLINEBELL, 2007, p. 30.

A terceira consideração que Clinebell apresenta nos informa: “porque a integralidade é sempre relacional, a auto-realização é uma impossibilidade psicológica”.³⁹⁶ Para Clinebell, crescimento deve ser compartilhado para não se tornar um beco sem saída, e não deve se nutrir de sentimentos egocêntricos.³⁹⁷ A poimênica e o aconselhamento pastoral têm, para Clinebell, como “objetivo a integralidade em relação a si mesma, aos outros e à sociedade”.³⁹⁸ Para tanto, esse “crescimento ocorre em *pactos de integralidade* com outras pessoas”.³⁹⁹ Ele explica que esses pactos de integralidade tratam-se “de relacionamentos em que há o compromisso mútuo de fomentar o crescimento da outra em direção ao cumprimento do sonho de integralidade que Deus tem para todas as pessoas”.⁴⁰⁰ Mais adiante Clinebell esclarece que em “tais pactos, cada pessoa assume a responsabilidade de fazer de seu lado do relacionamento um fator de crescimento para ambas as pessoas”.⁴⁰¹

2.7 As seis dimensões do Aconselhamento Pastoral

As três considerações propostas por Clinebell, a saber, em primeiro lugar reconhecer que os seres humanos são sistemas abertos, em segundo lugar, que a eficácia da poimênica e do aconselhamento pastoral ocorre enquanto auxiliam as pessoas a crescer em sua capacidade de relacionar-se a fim de aumentar as integralidades nelas mesmas e nas outras pessoas, e, em terceiro lugar, em saber que devido ao fato de a integralidade ser sempre relacional e não possibilidade psicológica de auto-realização,⁴⁰² dão os subsídios necessários para um olhar mais próximo das seis dimensões da integralidade humana.

Avivar nossa mente, a primeira dimensão, segundo Clinebell, “implica desenvolver nossos recursos de personalidade - ricos, mas apenas parcialmente usados - para pensar, sentir, experimentar, imaginar e criar”.⁴⁰³ A referência de Clinebell, nessa primeira dimensão, informa-nos quão limitadamente usamos nosso potencial construtivo e criativo, e indica também que avivar a mente quando se trata

³⁹⁶ CLINEBELL, 2007, p. 30.

³⁹⁷ CLINEBELL, 2007, p. 30.

³⁹⁸ CLINEBELL, 2007, p. 30.

³⁹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰⁰ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰¹ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰² CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰³ CLINEBELL, 2007, p. 30.

da extensão do crescimento da integralidade humana. Mais adiante, corrobora Clinebell, “são enormes as capacidades não usadas de mentes humanas normais”.⁴⁰⁴ Segundo Clinebell, uma pesquisa do russo Ivan Yefremov declara:

se fôssemos capazes de forçar nosso cérebro a trabalhar somente a metade de sua capacidade, nós seríamos capazes de, sem qualquer dificuldade, aprender quarenta línguas, memorizar a grande Enciclopédia Soviética de capa a capa, e completar as exigências de cursos de uma dúzia de faculdades.⁴⁰⁵

Portanto, avivar a mente passa conseqüentemente pelo conhecimento de quanto podemos produzir a partir das faculdades que temos como criaturas capazes de pensar, sentir, experimentar, imaginar e criar. Quanto mais sabemos desse potencial, mais estaremos livres para usarmos no crescimento integral. Ademais revela Clinebell,

enriquecer nossa consciência, liberar nossa criatividade, aprofundar nossa percepção, aguçar nosso conhecimento, expandir nossos horizontes intelectuais e artísticos - tudo isso faz parte de um método de poimênica e aconselhamento pastoral (educação) centrado na integralidade.⁴⁰⁶

Na percepção de Clinebell, não basta saber do potencial de criatividade e expandir essa força na busca de um sucesso aparente e egocentralizado. Se essa fosse a única ou principal proposta na dimensão de avivar a mente, não estaríamos muito distantes da proposta da literatura de autoajuda. A proposta de Clinebell avança ao estabelecer que de fato esse enriquecimento deva ter como objetivo ser parte integrante de um método de poimênica e aconselhamento pastoral de cerne holístico.⁴⁰⁷

A segunda dimensão proposta da poimênica e do aconselhamento pastoral é revitalizar o corpo.⁴⁰⁸ Clinebell afirma, “avivar a mente e revitalizar o corpo está estreitamente ligado.”⁴⁰⁹ A definição de Clinebell para revitalizar é a seguinte:

⁴⁰⁴ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰⁵ *If we were able to force our brain to work at only half of its capacity, we could, without any difficulty whatever, learn forty languages, memorize the large Soviet Encyclopedia from cover to cover, and complete the required courses of dozen colleges* (tradução nossa). CLINEBELL, Howard J. *Growth Counseling: hope-centered methods of actualizing human wholeness*. Nashville: Abingdom Press, 1982. p. 20-21.

⁴⁰⁶ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰⁷ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰⁸ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴⁰⁹ CLINEBELL, 2007, p. 30.

significa aprender a experimentar e desfrutar o próprio corpo mais plenamente, e a usá-lo de modo mais eficaz e amoroso. Capacitar as pessoas a superar sua alienação em relação ao corpo (no sentido de que este é encarado como uma “coisa” contraposta ao “eu”) e a aprender como desfrutar a integralidade corpo-mente-espírito é parte essencial do aconselhamento libertador.⁴¹⁰

Segundo Clinebell, há na sociedade, principalmente nos homens de classe média, uma supervalorização do intelecto colocando os sentimentos e os corpos como algo fora de nosso ser e em alguns casos até mesmo inferiores.⁴¹¹

Por causa disso, declara Clinebell, nossos corpos são vistos como coisas a serem usadas ao invés de serem vistos como nós mesmos.⁴¹² A consequência imediata como resultado dessa prática é que não experimentamos toda a plenitude de nossos sentimentos e sentidos.⁴¹³ Passamos a não gozar, não regozijar das tantas atividades que praticamos diariamente.⁴¹⁴ Subestimamos o valor de uma refeição saboreada e comemos como se fosse uma obrigação.⁴¹⁵ A vida sexual perde a sensualidade e o prazer e o relaxamento e cede lugar ao mecanicismo e frieza de um ato apressado e descompromissado.⁴¹⁶ Essa atitude aparenta um castigo ao corpo, ao passo que descuidamos de uma vida saudável através da prática de exercícios físicos, boa alimentação, entretenimento e repouso.⁴¹⁷

Essa dimensão do cuidado do corpo na poimênica e no aconselhamento pastoral deve ser sempre considerada, pois, “muitas vezes, isso significa focalizar, durante o aconselhamento, as questões de alimentação saudável, exercícios, redução de estresse, bem como outros métodos holísticos referentes à saúde e ao bem estar do corpo”.⁴¹⁸

A renovação de nossos relacionamentos é apresentada como a terceira dimensão da poimênica e do aconselhamento pastoral. Segundo Clinebell, “nós

⁴¹⁰ CLINEBELL, 2007, p. 30.

⁴¹¹ CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴¹² CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴¹³ CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴¹⁴ CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴¹⁵ CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴¹⁶ CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴¹⁷ CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴¹⁸ CLINEBELL, 2007, p. 30.

seres humanos não somente *temos* relacionamentos. No sentido mais profundo, nós *somos* relacionamentos”.⁴¹⁹ Mais adiante, explica Clinebell:

nossas personalidades são formadas pelos relacionamentos significativos durante nossa infância. Nós carregamos esses relacionamentos dentro de nós através de nossas vidas. Para bem ou para o mal nós somos, como a Bíblia ensina, ‘membros uns dos outros’. O desejo-de-relacionar é mais forte que o desejo-do-prazer (ênfatisado por Sigmund Freud), o desejo-do-poder (ênfatisado por Alfred Addler) ou o desejo-do-significado (ênfatisado por Viktor Frankl). Isto porque é somente em relacionamentos significativos que podemos satisfazer nossa necessidade humana pelo prazer, poder, significado ou, nesse caso, satisfazer qualquer outra necessidade psicológica.⁴²⁰

Deste modo, uma compreensão adequada do valor e da dimensão de nossos relacionamentos íntimos, considerando a verdade de pertença uns aos outros, desdobra-se na terceira dimensão com ações como “ajudar as pessoas a reparar, renovar e enriquecer sua rede de relacionamento de apoio”.⁴²¹ Clinebell assevera que “nossas personalidades humanas são formadas, deformadas e transformadas em relacionamentos”.⁴²² E insiste Clinebell que “tanto a cura quanto o crescimento dependem da qualidade de nossos relacionamentos significativos”.⁴²³ Destarte, “aptidões de cura e crescimento relacionais são essenciais para um ministério de integralidade”.⁴²⁴

A seguir Clinebell aponta a natureza em sua totalidade. Segundo ele, nós, juntamente com todos os outros seres vivos, dependemos dela(natureza) para nossa qualidade de vida e nossa sobrevivência⁴²⁵ deve ser considerada, pois quando apreendemos que “a quarta dimensão da poimênica e do aconselhamento

⁴¹⁹ *We human beings do not just have relationships. In a profound sense, we are our relationships* (tradução nossa). CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴²⁰ *Our personalities are formed by significant relationships of our childhood. We carry these relationships within us throughout our lives. For the better or for the worse we are, as the Bible puts it, ‘members of each other.’ The will -to -relate is more powerful than the will-to-pleasure (emphasized by Sigmund Freud), the will-to-power (emphasized by Alfred Adler) or the will-to-meaning (emphasized by Viktor Frankl). This is because it is only in meaningful relationships that we can satisfy our human need for pleasure, power, and meaning or, for the matter, satisfy any other psychological needs* (tradução nossa). CLINEBELL, 1982, p. 25.

⁴²¹ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴²² CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴²³ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴²⁴ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴²⁵ CLINEBELL, 1982, p. 30.

pastoral é libertar nosso relacionamento com a biosfera, aumentando nossa consciência, comunhão e cuidado ecológicos.⁴²⁶ Para Clinebell,

peças em poimênica e aconselhamento pastoral podem tornar-se mais inteiras - físicas, mental e espiritualmente - quando recebem ajuda para desenvolver e apreciar uma interação simbiótica com nossa grande mãe - a Mãe natureza.⁴²⁷

Muitos de nós precisamos desesperadamente da renovação do corpo, mente e espírito. E isso pode advir de uma apreciação de nossa relação orgânica com a natureza.⁴²⁸

Clinebell apresenta a “libertação, cura e crescimento a nível institucional-social”⁴²⁹ como a quinta dimensão da poimênica e do aconselhamento pastoral. Essa dimensão de justiça encontra sua importância no contexto cultural que prega a valorização exagerada do indivíduo. Em busca de fazer um trabalho de poimênica e aconselhamento pastoral para o crescimento integral, é preciso que desenvolvamos uma paixão pela transformação social.⁴³⁰ Para Clinebell, “o ponto fraco de boa parte da poimênica tem sido o hiperindividualismo”.⁴³¹ Mais adiante, destaca:

a poimênica e o aconselhamento pastoral privatizados (juntamente com uma religião privatizada em geral) ignoram as formas penetrantes pelas quais racismo, sexismo, preconceito de idade, classismo, preconceito de espécie, nacionalismo, militarismo, exploração econômica e opressão política mutilam a integralidade humana em escala maciça em todas as sociedades.⁴³²

Mais uma vez, observa-se que a privatização do sujeito como um desdobramento do momento cultural hodierno tem alcance dentro da religião e da poimênica e do aconselhamento pastoral quando esses últimos notadamente ignoram os problemas que um pensamento excludente como destacado acima podem causar. A resposta “para corrigir essa miopia, a poimênica de grupos e instituições deve ser vista como o reverso do trabalho de cura e crescimento

⁴²⁶ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴²⁷ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴²⁸ *Many of us desperately need the renewal of our body, mind, and spirit that can come from enjoying our organic relatedness with the natural world* (tradução nossa). CLINEBELL, 1982, p. 30.

⁴²⁹ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³⁰ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³¹ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³² CLINEBELL, 2007, p. 31.

peçoais e relacionais”.⁴³³ Porém, a correção a partir do trabalho de “poimênica e o aconselhamento pastoral deveriam incluir conscientização, com a finalidade de tornar as pessoas mais conscientes das raízes sociais de sua dor e quebrantamento individuais, bem como de seu crescimento truncado”,⁴³⁴ destaca Clinebell. Desta maneira, pelo menos três aspectos devem ser considerados como objetivos que a poimênica e o aconselhamento deveriam ter: “*libertar, motivar e potencializar* as pessoas a trabalhar com outras no sentido de fazer de nossas instituições lugares onde a integralidade seja melhor fomentada em cada pessoa”.⁴³⁵ A consideração libertadora, motivadora e potencializadora na poimênica e no aconselhamento pastoral deverá reconhecer que “não pode haver integralidade plena ou duradoura para indivíduos e famílias num mundo quebrantado, num mundo que destrói integralidade através de seus sistemas de injustiça, pobreza, violência e exploração”.⁴³⁶ Ele reconhece que a sociedade que privatiza, seculariza, e pluraliza as relações termina por destruir a integralidade, e é a partir de uma

conscientização, que aumenta a consciência das pessoas que recebem assistência em relação às raízes sociais de seus problemas individuais, e *potencialização*, que lhes dá uma percepção de sua força potencial para trabalhar com outros no sentido de mudar essas injustiças sociais, são, ambas, essenciais em métodos libertadores de poimênica e aconselhamento.⁴³⁷

Tanto a conscientização quanto a potencialização devem promover libertação. Nesse caso, entendemos a teologia precisa disponibilizar ferramentas “para entender o indivíduo inserido no mundo, com suas relações interpessoais e com Deus, com suas limitações e suas potencialidades”.⁴³⁸ Essa conscientização bem como cura e crescimento designam o cerne da quinta dimensão da integralidade humana.

Finalmente, Clinebell apresenta “a sexta dimensão do crescimento em direção a integralidade - crescimento espiritual - cruza as outras cinco e é seu

⁴³³ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³⁴ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³⁵ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³⁶ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³⁷ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴³⁸ SOARES, Cerene Esny. *Aconselhamento pastoral: história e perspectivas contemporâneas: uma análise da influência dos métodos de Jay Adams, Gary Collins e Howard Clinebell sobre o aconselhamento pastoral brasileiro*. São Paulo: UMEESP, 1999. p. 131.

vínculo unificador”.⁴³⁹ Segundo Clinebell, “a chave para a floração humana é um relacionamento aberto, confiante, nutriente e cheio de alegria com o Espírito amoroso que **é a fonte de toda a vida, toda a cura e todo o crescimento**”.⁴⁴⁰ Mais adiante, propõe que “os métodos de cura e crescimento espiritual visam incrementar nossos significados, os valores que nos orientam nossa fé, nossos momentos de transcendência [...] e nosso relacionamento potencializador com o Espírito criativo do universo”.⁴⁴¹

Essas seis dimensões da integralidade humana que emprestamos de Clinebell permitem um novo olhar sobre a poimênica e o aconselhamento pastoral, considerando que esse novo olhar orienta-nos e posiciona-nos no trabalho que exige muito de conhecimento na vida eclesial. Essa orientação permite que nos posicionemos de maneira consciente sobre a natureza da doutrina nos manuais de autoajuda no que Rüdiger chama de literatura marginal.⁴⁴² A partir da orientação em seis dimensões como modelo centrado em cura e crescimento, possamos usar esses ensinamentos que auxiliem efetivamente a diferenciar os manuais de literatura de autoajuda dos manuais que prestam o serviço de ajudar as pessoas a aprenderem a ajudar uns aos outros através do crescimento individual. Ao final, uma leitura geral das seis dimensões da integralidade humana pode ser sugerida dentro de uma literatura que se apresenta em forma de manual como passos a serem dados em direção ao sucesso comunitário. Isso poderia ser observado na poimênica, no aconselhamento pastoral, ou na vida prática de qualquer pessoa na comunidade.

Enquanto os publicistas da literatura de autoajuda, usando a força das grandes editoras em propagar que o indivíduo tem o poder de, assenhoreando-se desses conceitos, adquirir sucesso medido pelas estrelas do cartão de crédito, por seus investimentos no mercado e seu status social, nós, os conselheiros cristãos, temos que nos posicionar com as ferramentas da poimênica e do aconselhamento pastoral pautadas em uma teologia bíblica para a cura e crescimento. Ensinar, visitar e, principalmente, convidar as pessoas de nossas comunidades e fora delas para uma vida de valorização dos relacionamentos e do amor ao próximo.

⁴³⁹ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴⁴⁰ CLINEBELL, 2007, p. 31 (grifo nosso).

⁴⁴¹ CLINEBELL, 2007, p. 31.

⁴⁴² LITERATURA MARGINAL. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/literatura_autoajuda.htm>. Acesso em: 22 abr. 2010.

Concluimos o presente capítulo considerando que a literatura de autoajuda surge a partir de uma lacuna deixada pela “igreja”, ou seja, pela emancipação do secularismo na sociedade em detrimento a tradição cristã. Talvez não somente pela igreja, mas a presença dessa literatura na igreja pode ser pela falta de trabalho eficaz de poimênica de aconselhamento pastoral. A ausência de uma prática adequada de poimênica e de um aconselhamento pastoral de qualidade pode resultar em relacionamentos superficiais, o que é uma característica do mundo atual.

Destacamos também que o culto à individualidade, a insegurança de ser um “eu” para a comunidade e a dificuldade de lidar com perdas e fracassos tornam a poimênica e o aconselhamento pastoral voltados para a cura e o crescimento integral do ser não somente uma opção, mas certamente uma solução para tais desafios dentro da comunidade eclesial.

O pastor/conselheiro deve lançar mão para aprender tudo o que está a sua disposição no campo do aconselhamento pastoral e da poimênica e em psicoterapias cristãs para realizar seu trabalho na comunidade como um promotor de cura, revisitando a história como “o cura d’almas”, zelando e propagando o reino de Deus. Compreende-se que a grande comissão de Jesus trata de curar os doentes, de libertar cativos (Is 61) e de restaurar os que estão de luto. O conselheiro cristão é, no contexto da comunidade, uma figura representativa imensuravelmente importante nessa cura, libertação e restauração.

3 ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO ALTERNATIVA À CULTURA DE AUTOAJUDA

3.0 Introdução

Considerando que autoajuda não encontra seu correspondente cultural nas práticas do aconselhamento cristão, como foi apresentado nos capítulos anteriores, vamos expor, nesse capítulo, as possibilidades de se encontrar literatura em forma de manuais que realmente ajude, e destacar esse outro tipo literatura em forma de manuais reconhecidamente nomeados de autoajuda. Nesse trabalho, a intenção era trazer luzes que auxiliassem a uma geração de pastores que se vê às voltas com membros de sua comunidade que adentram seus gabinetes repletos de conceitos de autoajuda. E em vez de pedirem conselhos aos pastores, evocam sistemas, valores e preceitos de autores de literatura de autoajuda. Esses pastores/conselheiros cristãos, na maioria das vezes, não sabem como proceder nessas circunstâncias. Porém, o contexto pastoral, sobretudo no Brasil, é ainda mais desafiador, é mais complexo. Muitos pastores têm usado desse mesmo expediente e se rendido à literatura de autoajuda, quer por curiosidade inicial, quer por acharem que nessas obras estão verdades distintas daquelas que eles experimentaram durante sua formação nos seminários e faculdades teológicas. No presente capítulo, vamos analisar a autoajuda e o aconselhamento pastoral sob uma perspectiva crítica. Vamos apresentar uma síntese de como reconhecer a autoajuda, em seguida iremos indicar o aconselhamento cristão como forma de ajuda que parte da comunidade para o auxílio do indivíduo. Então, sugeriremos a igreja como comunidade terapêutica em contraste com o individualismo acentuado da proposta da literatura de autoajuda. Finalmente, vou apresentar a base teológica para o aconselhamento pastoral e sugerir uma proposta de ajuda além da autoajuda.

3.1 Reconhecendo autoajuda

Sob o pretexto que autoajuda é uma ajuda de baixo custo e que seus ensinamentos podem ser aplicados na vida eclesial, muitos pastores pregam semanalmente prédicas de autoajuda ora copiadas de manuais de autoajuda, ora compiladas de vários manuais. E muitas vezes nem se dão ao trabalho de preparar algo que esconda o real teor desses sermões, mas usam de maneira literal e

integral, como se fosse um pacote de encomenda. Encontramos nesta pesquisa uma posição generalizada, e, em de certa maneira compreensível: a tendência de se acreditar que toda a literatura que se apresenta em forma de manuais que orientam a vidas das pessoas como autoajuda. Essa pesquisa tem demonstrado que, na verdade, uma melhor compreensão do tema parte de uma definição de autoajuda adequada, de um conhecimento do mercado literário, e, como apontamos no primeiro capítulo desse trabalho, a autoajuda está indiscutivelmente entre os mais vendidos. Como vimos no segundo capítulo desse trabalho, será importante para efeito de um olhar dentro do aconselhamento pastoral observar as técnicas, os pressupostos bíblicos e a ajuda da psicoterapia e da psicologia cristãs.

Esse conhecimento coloca-nos também à disposição de uma perspectiva diferente daquela do início da pesquisa, pois o que aparentemente se apresentava como completamente contrário ao aconselhamento cristão, mostrou-se que, nesse caso, a saber, a literatura em forma de manuais, pode ser uma literatura útil. Essa afirmação nesse ponto da pesquisa é interessante, pois tínhamos uma impressão que toda a literatura em forma de manuais era literatura de autoajuda, o que se mostrou uma abordagem inadequada.

A partir desse ponto, precisávamos demonstrar que nem todo tipo de literatura em forma de manuais era literatura de autoajuda. Quanto a seu uso no ministério de aconselhamento pastoral, dentro de uma abordagem de um modelo centrado em cura e crescimento, podemos afirmar que literatura de autoajuda não deveria ser indicada como manuais a serem seguidos. O modelo de Howard Clinebell ofereceu ao leitor, pastor, conselheiro e psicólogo cristão uma perspectiva madura e atual que se presta a destituir o mito de que a literatura de autoajuda é um placebo,⁴⁴³ ou uma panacéia pronta a resolver todas as crises materiais, emocionais e espirituais.

Descobrimos que a literatura de autoajuda oferece propostas milagrosas de cura para as muitas aflições pelas quais passa a humanidade. Nesse tipo de literatura, há ofertas de todo o tipo desde a criação de filhos até de técnicas não muito ortodoxas ou academicamente confiáveis de enriquecimento financeiro.

⁴⁴³ SCLIAR, Moacyr. O texto como placebo. *Mente e cérebro*, ano XVII, n. 201, out. 2009. p. 82.

Segundo Moacyr Scliar, a “auto-ajuda encerra uma lição que vale para a ciência: o paciente precisa de amparo das palavras”.⁴⁴⁴ Nesse conceito, pretende-se considerar que a prática de autoajuda utiliza as palavras para levar a cabo seus objetivos tanto quanto o aconselhamento cristão. No entanto, esse amparo das palavras não deverá ser de maneira manipuladora, mas sim comprometido com a verdade e com a ética. E a literatura que deve ocupar a biblioteca e a mente de conselheiros cristãos com a finalidade de ser usada na prática do aconselhamento é aquela que trata com os cuidados da alma, pautada pelo conhecimento científico dentro de técnicas da psicologia e psicoterapia cristã e pelo conhecimento bíblico.

Nesse caso que apresentamos essa cultura/literatura a fim de demonstrar os possíveis problemas de aceitá-la sem a devida filtragem de autores e tendências. Consideramos a possibilidade de ter alternativa a essa cultura, e oferecemos os pressupostos do modelo centrado no crescimento e cura de Howard Clinebell. Clinebell foi escolhido por ser um dos autores mais respeitados dentro do aconselhamento e do cuidado pastoral do século passado e cuja biografia deixou um legado inigualável aos conselheiros cristãos em todo o mundo. Na verdade, o próprio Clinebell oferece uma obra que ele descreve como “um plano pessoal explorar e enriquecer as sete dimensões da vida”⁴⁴⁵ que, de maneira geral, se enquadra no gênero de literatura em forma de manuais, mas que sem dúvida em nada se parece com os manuais de autoajuda. Na obra de Clinebell esse enriquecimento/crescimento ocorre somente na vida em comunidade. Na verdade, apresentamos no segundo capítulo, que há muitos escritores comprometidos com uma boa teologia e com o reino de Deus, e com amar e valorizar as pessoas. Esses autores escrevem seus textos usando a mesma forma de manuais que somente na forma se parecem com o gênero da literatura de autoajuda, mas ao contrário destes o seu conteúdo visa à ajuda mútua e o crescimento comunitário. A grande e sensível diferença é o conteúdo. Portanto, inicialmente é importante destacar que o que faz o gênero autoajuda problemático no trabalho de poimênica e aconselhamento pastoral é seu conteúdo, e não sua forma.

Por conseguinte, sugerimos aportes para o trabalho de aconselhamento cristão obras de autores que mantêm o auxílio e o amor ao próximo como

⁴⁴⁴ SCLIAR, 2009, p. 82.

⁴⁴⁵ CLINEBELL, Howard J. *Well being: a personal plan for exploring and enriching the seven dimensions of life: mind, body, spirit, love, work, play, the Earth*. San Francisco: Harper, 1992.

pressupostos básicos. Salientamos também que há ainda o valor que essas obras podem oferecer na restauração de vidas necessitadas de ajuda para curar suas crises, e que, muitas vezes, não procuram ou são procuradas pelo conselheiro cristão ou pelos membros de uma comunidade, recebendo desses últimos uma ajuda com a prática da poimênica. Porém, como vimos, há outro tipo de autoajuda que oferece propostas milagrosas de cura para as muitas aflições pelas quais passa a humanidade e que essas obras devem ser evitadas.

Podemos constatar que um dos perigos da cultura de autoajuda que normalmente aparece em sua literatura, e infelizmente também está inserido em nossas confissões religiosas é o seguinte: a cultura de autoajuda empresta o modelo da pós-modernidade em que “valores educacionais, sociais, políticos, morais e religiosos estão sendo contestados e outros estão sendo postos em seu lugar”.⁴⁴⁶ Como um dos desdobramentos, esse fenômeno isola o indivíduo ensimesmando-o em busca de uma felicidade efêmera e utópica, muitas vezes. Não se pode esperar que homens e mulheres isolados em um existencialismo narcisista⁴⁴⁷ compreendam necessidades reais e básicas de cuidado, de contato a partir de um tipo de cultura que ensina que o **realmente importante é ter sucesso**.⁴⁴⁸

3.2 Aconselhamento Cristão: Princípios para ajudar

O escritor e fundador da SEPAL⁴⁴⁹ no Brasil, David Kornfield, defende que poderíamos chamar de raiz nos problemas que levam a maioria das pessoas a procurarem manuais de autoajuda. Para esse autor, as pessoas estão confusas quanto a sua existência, quanto ao propósito para o qual foram criadas. Em seu livro, *O líder que brilha*, Kornfield afirma:

desde cedo a vida no ensina que devemos ignorar nosso coração e não acreditar nele. Ignorando-o, começamos uma vida dupla. Na externa, criamos uma identidade que a maioria das pessoas conhece, sem saber

⁴⁴⁶ FILHO, Isaltino. *Pós-modernidade: um desafio na pregação do evangelho*. Disponível em: <<http://www.luz.eti.br/es-aposmodernidadeumdesafio.html>>. Acesso em: 6 jun. 2009.

⁴⁴⁷ RÜDIGER, 1997, p. 25.

⁴⁴⁸ TURNER, 1998, p. 73.

⁴⁴⁹ SEPAL, SErvindo a PAstores e Líderes, é uma missão internacional ligada à O.C.I Ministries, estabelecida no Brasil há mais de 30 anos. Nosso sonho é ver uma Igreja saudável, ao alcance de todo brasileiro, que possa levar o Evangelho de Jesus Cristo ao mundo todo. Com este alvo, estamos especialmente empenhados em fornecer treinamentos e materiais que auxiliem a liderança da Igreja a ministrar bíblica e fielmente. Disponível em: <<http://lideranca.org/cgi-bin/mods/apage.cgi?f=principal.html>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

quem nós somos de verdade. Sob essa aparência, vivemos da *fonte de responsabilidade e obrigações*, respondemos às expectativas das pessoas ao nosso redor – “Eu preciso fazer isso” –, em vez de viver *da fonte do desejo* – “Eu quero fazer isso”. A administração de nosso tempo toma o lugar de experimentar o mistério da vida. Somos ensinados a aceitar três passos para um casamento feliz, cinco formas de ter um retorno melhor em nossos investimentos e sete hábitos para o sucesso. Comunhão com Deus é substituída por atividades para ele. Se voltássemos a ouvir *com sensibilidade*, estaríamos mais atentos ao romance sagrado que nos chama através do coração a cada momento. Sussurra para nós através do vento, convida-nos por meio do riso de bons amigos, estende-se para nós pelo toque de alguém que nos ama.⁴⁵⁰

Essa confusão ou perda de identidade gera inquietações nas pessoas, que acabam sucumbindo às propostas de manuais de autoajuda. Apresentamos no capítulo anterior que o aconselhamento pastoral pautado por uma teologia bíblica servirá certamente de resposta contra esse movimento de massificação de literatura de autoajuda. Daniel Schipani afirma que há de se ter uma base bíblica de aconselhamento pastoral.⁴⁵¹ Esse conceito deve ser levado em consideração quando buscamos uma resposta para dar aos nossos aconselhados. Uma resposta que rejeite literatura de autoajuda, pois “quando o aconselhamento pastoral está centrado na sabedoria à luz de Deus, seu fundamento e sua inspiração bíblica refletem-se e são expressos pela importância dada à Escritura”.⁴⁵² A prática do aconselhamento pastoral, conforme apresentada em Clinebell, deve partir da expectativa de que “os *aconselhadores pastorais trabalham* a partir de uma perspectiva e de um modelo de sabedoria bíblicamente instruídos”.⁴⁵³ E que “o modelo estará alinhado com afirmação confessional do aconselhador que no tange à Escritura”.⁴⁵⁴ Schipani afirma:

uma perspectiva e um modelo bíblicamente instruídos contribuirão decisivamente para formar visão de realidade do aconselhador pastoral, seu conceito de conhecimento e verdade; natureza humana e destino; formação e transformação; natureza do bem; a integralidade e o bem-estar humanos; e o viver, amar e trabalhar sabedoria.⁴⁵⁵

Portanto, a consideração teológica de ser humano integral cria tanto no aconselhando quanto no aconselhador uma relação que valora questões cruciais

⁴⁵⁰ KORNFIELD, David. *O líder que brilha: sete relacionamentos que levam à excelência*. São Paulo: Vida, 2007. p. 28.

⁴⁵¹ SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

⁴⁵² SCHIPANI, 2004, p. 84.

⁴⁵³ SCHIPANI, 2004, p. 84.

⁴⁵⁴ SCHIPANI, 2004, p. 84.

⁴⁵⁵ SCHIPANI, 2004, p. 84.

para a vida como a família, a religião, o trabalho e o lazer, sem tornar nenhuma dessas o alvo ou meta a ser alcançada a qualquer preço, como prescrevem os manuais de autoajuda. Para Schipani,

os aconselhadores pastorais, bem como os educadores e pregadores, dão a devida consideração aos ensinamentos, narrativas, poesia, profecia e outros materiais bíblicos, visto que estas expressões da Palavra escrita iluminam e abordam as dificuldades e desafios existenciais de seus aconselhados.⁴⁵⁶

Entretanto, o conselheiro cristão, por sua vez, não pode olhar para a Bíblia de maneira a reduzi-la a um código de conduta ou a um manual de consulta, mas deve estar comprometido com as verdades contidas nela, pois “a Bíblia não é somente uma ferramenta ou um recurso útil para o aconselhamento pastoral; ela contribui de forma decisiva para os próprios objetivos, para o processo e conteúdo desse ministério”.⁴⁵⁷ Vale ressaltar que os aconselhadores pastorais dão atenção especial “a um processo hermenêutico único de aconselhamento, que tem por objetivo o discernimento sábio, a sábia tomada de decisões e a vida na sabedoria”.⁴⁵⁸ Os conselheiros, afirma Schipani,

reconhecem que o processo de aconselhamento, quando visto como um encontro dinâmico com os documentos vivos e as narrativas da vida das pessoas, inclui uma estrutura indutiva que tem analogia com a leitura do texto bíblico em termos de perguntas (ver), avaliação (julgar) e a aplicação (agir).⁴⁵⁹

Fazer aconselhamento e poimênica é uma honra, pois estamos fazendo um trabalho de aproximação entre as pessoas e elas mesmas, bem como uma aproximação dessas pessoas com Deus.

No âmbito do aconselhamento, os aconselhadores pastorais desempenham um papel análogo ao dos educadores, pregadores e orientadores espirituais: devem atuar como intermediários dignos e plenos de graça na interação do aconselhamento de Deus com os aconselhados.⁴⁶⁰

E mais além:

⁴⁵⁶ SCHIPANI, 2004, p. 85.

⁴⁵⁷ SCHIPANI, 2004, p. 85.

⁴⁵⁸ SCHIPANI, 2004, p. 85.

⁴⁵⁹ SCHIPANI, 2004, p. 85.

⁴⁶⁰ SCHIPANI, 2004, p. 86.

considerando tal privilégio e responsabilidade, portanto, os aconselhadores pastorais procuram nutrir sua própria espiritualidade e desenvolver maneiras bíblicamente fundamentadas de ver e conhecer, amar e ser, viver e trabalhar. Suas caminhadas pessoais de discipulado e seu trilhar pelo caminho da sabedoria também devem estar ancorados na Escritura.⁴⁶¹

Quando tratamos do aconselhamento cristão e das técnicas que podem ser usadas nesse trabalho, acreditamos que alguns princípios devam ser considerados. Nesse caso, Gary Collins fornece princípios que devem ser observados pelo conselheiro. Para Collins, “quando se trata de ajudar as pessoas, não existem fórmulas milagrosas”.⁴⁶²

Apesar de compreendermos o quão complexo é o trabalho de aconselhamento cristão, vamos elencar os princípios apontados por Collins. Em primeiro lugar, é preciso **dar atenção**⁴⁶³ ao que o aconselhando está dizendo. Segundo Collins,

o conselheiro deve procurar mostrar ao aconselhando que está prestando atenção a tudo o que ele diz. Isso envolve (a) contato visual - olhar nos olhos da pessoa, mas não fixamente, com forma de transmitir compreensão e desejo de ajudar (b) postura - que deve ser relaxada e não tensa, inclinando-se, periodicamente, na direção do aconselhando; e (c) gestos - naturais, mas não excessivos, nem de um tipo que possa distrair a atenção do interlocutor. O conselheiro deve ser cortês, gentil e fortemente motivado a compreender os outros.⁴⁶⁴

Esse princípio busca garantir à sessão de aconselhamento um caráter pessoal e profissional, pois esse interlocutor compreende que está sendo valorizado ao ser dado a ele uma atenção completa. Tem um aspecto pessoal, pois ao olhar nos olhos do aconselhando com amor e o “desejo de ajudar”,⁴⁶⁵ o conselheiro evidencia que se interessa pela pessoa que está à sua frente. Nesse princípio, há sempre o desafio de demonstrar “sensibilidade e preocupação sincera dando ao aconselhando atenção a cada detalhe que ele possa estar tentando comunicar”.⁴⁶⁶

Em segundo lugar, Collins estabelece como princípio o ato de **ouvir**.⁴⁶⁷ O conselheiro cristão deve estar apto a sempre poder fazer uma distinção a cada sessão de aconselhamento, a cada encontro com seu aconselhando entre escutar e

⁴⁶¹ SCHIPANI, 2004, p. 86.

⁴⁶² COLLINS, 2006, p. 48.

⁴⁶³ COLLINS, 2006, p. 48.

⁴⁶⁴ COLLINS, 2006, p. 48.

⁴⁶⁵ COLLINS, 2006, p. 48.

⁴⁶⁶ COLLINS, 2006, p. 48.

⁴⁶⁷ COLLINS, 2006, p. 48.

ouvir o que seu aconselhando está tentando comunicar. Para Collins, ouvir no aconselhamento cristão “exige uma participação ativa do ouvinte”.⁴⁶⁸ A fim de obter sucesso nesse processo, é importante da parte do ouvinte:

- Ser capaz de deixar de lado seus próprios conflitos, tendências e preocupações para poder se concentrar no que o aconselhando está transmitindo;
- Evitar sutis expressões, verbais ou não, de desaprovação ou julgamento em relação ao que está sendo dito, mesmo quando o conteúdo for repugnante;
- Manter os olhos e ouvidos bem abertos para detectar mensagens transmitidas pelo tom de voz, postura, gestos, expressões faciais e outras pistas não verbais;
- Ouvir não apenas o que está sendo dito, mas perceber o que está sendo omitido;
- Aguardar pacientemente durante períodos de silêncio ou acessos de choro em que o aconselhando está reunindo coragem para falar de algum fato doloroso, ou apenas organizando seu pensamento e se recompondo para continuar a sessão;
- Olhar para o aconselhando quando ele estiver falando, mas sem encarar nem deixar que os olhos fiquem passeando pela sala;
- Ter consciência de que é possível aceitar o aconselhando, sem que isso signifique ter que compactuar com suas ações, valores ou crenças.⁴⁶⁹

Aprender a ouvir eficientemente ajudará ao conselheiro a falar somente o necessário em detrimento de fazer preleções de aconselhamento. Na verdade, aconselhamentos em que o aconselhando não é ouvido são comumente ineficazes, pois o aconselhando também omitirá detalhes importantes⁴⁷⁰ para o aconselhamento. É fato que “conselheiros que falam muito podem dar boas orientações, mas raramente são ouvidos e muito menos atendidos”,⁴⁷¹ bem como poderá levar ao aconselhado a pensar que o conselheiro “não entendeu realmente o que se passa com ele”.⁴⁷²

O terceiro princípio apresentado por Collins é **responder**.⁴⁷³ Apesar de ouvir ser muitíssimo importante no trabalho de aconselhamento, o conselheiro não pode se limitar a tão somente ouvir.⁴⁷⁴

Na abordagem do princípio de responder, Collins aponta algumas maneiras como essa resposta pode ser dada. Ele afirma, por exemplo, que uma resposta

⁴⁶⁸ COLLINS, 2006, p. 48.

⁴⁶⁹ COLLINS, 2006, p. 48.

⁴⁷⁰ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷¹ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷² COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷³ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷⁴ COLLINS, 2006, p. 49.

pode ser dada por “condução”,⁴⁷⁵ que “é a técnica pela qual o conselheiro vai direcionando suavemente a conversação”.⁴⁷⁶

Há também o “comentar, que é um meio de fazer o aconselhando perceber que estamos acompanhando o que ele diz e que conseguimos compreender como ele se sente ou pensa”.⁴⁷⁷

A seguir, Collins apresenta o ato de **perguntar**, e diz que desde que feito com jeito, pode trazer uma série de informações. As perguntas melhores “são aquelas que requerem pelo menos uma ou duas frases como resposta”.⁴⁷⁸ Perguntas do tipo guia não são muito proveitosas nesse contexto, o conselheiro deverá, no entanto, evitar “perguntas que podem ser respondidas com uma só palavra”.⁴⁷⁹

No aconselhamento, o responder ainda pode ser do tipo que venha a confrontar, o que “não significa atacar nem condenar impiedosamente uma outra pessoa”.⁴⁸⁰ A confrontação deve ter um caráter elucidativo, pois “quando confrontamos, apresentamos ao aconselhando uma idéia que ele pode nunca ter tido, ou jamais teria sozinho”.⁴⁸¹ No aconselhamento, é importante fazer com que essas confrontações apresentem também um viés de crescimento espiritual. Destarte, “a confrontação pode levar os aconselhados a perceber que estão em pecado e a reconhecer suas falhas, inconsistências, desculpas, pensamentos negativos, ou comportamentos derrotistas”.⁴⁸² E não somente compreender suas culpas e pecados, mas também de levar ao aconselhado “a confessar seu pecado e passar por uma experiência significativa de perdão”.⁴⁸³ Segundo Collins, “a melhor forma de confrontar é fazer nossas colocações de forma gentil, amorosa e sem parecer que estamos julgando a pessoa”.⁴⁸⁴

Informar é outro aspecto dentro do princípio de responder o aconselhamento, segundo Collins. O autor afirma que “informar é apresentar fatos e

⁴⁷⁵ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷⁶ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷⁷ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷⁸ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁷⁹ COLLINS, 2006, p. 49.

⁴⁸⁰ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸¹ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸² COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸³ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸⁴ COLLINS, 2006, p. 50.

dados para serem assimilados pelas pessoas”.⁴⁸⁵ Nesse pressuposto, é importante evitar “dar muitas informações de uma só vez”.⁴⁸⁶ Também deve-se evitar usar de uma linguagem estranha ao aconselhando: “seja claro, e lembre-se de que, quando as pessoas estão passando por um problema, elas reagem melhor às informações que são relevantes para as suas necessidades ou preocupações imediatas”.⁴⁸⁷

Outro aspecto a ser notado dentro do princípio de responder no aconselhamento pastoral é o interpretar. “Interpretar é explicar ao aconselhando o significado de seu comportamento ou de outros eventos”.⁴⁸⁸ Collins afirma que “essa interpretação ajuda bastante o aconselhando a ter uma visão mais clara de si mesmo e das situações em que está envolvido”.⁴⁸⁹

Finalmente, são definidas como “partes importantes de qualquer situação de aconselhamento o apoiar e encorajar”.⁴⁹⁰

Quando as pessoas estão sobrecarregadas de carências e problemas, precisam muito da sensação de estabilidade e do carinho de uma pessoa que demonstra aceitação e as reconforta. Isso é mais que levantar os abatidos. Apoiar inclui ajudar o aconselhado a lançar mão de seus próprios recursos espirituais e psicológicos, encorajando-o a agir e ajudando-o a enfrentar quaisquer problemas ou fracassos que essa ação possa vir a provocar.⁴⁹¹

No trabalho de aconselhamento pastoral, o apoio e o encorajamento são basilares, pois há uma comum expectativa da parte do aconselhado que seu conselheiro o acolha.

O princípio de ensinar está presente tanto em Collins quanto em Clinebell; a diferença está em que Clinebell chama metodologia de aconselhamento educativo.⁴⁹² Segundo Collins, “todas essas técnicas são formas especializadas de ensino psicológico”.⁴⁹³ Ele explica que “o conselheiro é um educador, que ensina

⁴⁸⁵ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸⁶ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸⁷ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸⁸ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁸⁹ COLLINS, 2006, p. 50.

⁴⁹⁰ COLLINS, 2006, p. 51.

⁴⁹¹ COLLINS, 2006, p. 51.

⁴⁹² CLINEBELL, 2007, p. 320.

⁴⁹³ COLLINS, 2006, p. 51.

através de instrução, exemplo e orientando o aconselhado à medida que esse aprende a lidar com os problemas da vida, através da experimentação”.⁴⁹⁴

O último princípio apresentado por Collins dentro de técnicas para o trabalho do conselheiro cristão é o de filtrar. Para Collins, “os bons conselheiros não são pessoas cépticas que duvidam de tudo que o aconselhando diz, mas sempre é bom lembrar que o paciente nem sempre conta a história toda e nem sempre revela o que realmente quer ou precisa”.⁴⁹⁵

Filtrar a fala do aconselhando torna-se sumamente relevante por conta de que é possível que o aconselhando queira se preservar e omita fatos constrangedores⁴⁹⁶ ou que o implique diretamente. Outro fator é o de que nem sempre o aconselhando tem total consciência ou não consegue ver⁴⁹⁷ que tem um problema ou pode definir qual o problema que tem. O papel do conselheiro em filtrar visa encontrar essas lacunas na fala do aconselhando e preenchê-las utilizando os recursos das outras técnicas apresentadas acima como dar atenção, ouvir e responder.

3.3 Comunidade terapêutica X individualismo da literatura de autoajuda

Possivelmente, a questão mais negligenciada na prática de aconselhamento pastoral, abordada pelos publicistas de autoajuda, seja a “dimensão terapêutica presente na forma de ministério de Jesus Cristo”.⁴⁹⁸ Hoch destaca em um resgate histórico três modelos básicos de poimênica, a saber: (1) “poimênica como instrumento do serviço da disciplina eclesial”,⁴⁹⁹ em que “seu exercício visava impedir que os fiéis se afastassem do reto caminho vivido em comunidade e se contaminassem com o mundo”,⁵⁰⁰ (2) “poimênica como caminho de aperfeiçoamento da vida monástica”,⁵⁰¹ em que “o ideal que estava por trás desse modelo era o cultivo da vida interior e a experiência mística de união com Deus, de preferência

⁴⁹⁴ COLLINS, 2006, p. 51.

⁴⁹⁵ COLLINS, 2006, p. 51.

⁴⁹⁶ COLLINS, 2006, p. 51.

⁴⁹⁷ COLLINS, 2006, p. 51.

⁴⁹⁸ HOCH, Lothar Carlos. *Fundamentos Teológicos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 21.

⁴⁹⁹ HOCH, 1998, p. 21.

⁵⁰⁰ HOCH, 1998, p. 21.

⁵⁰¹ HOCH, 1998, p. 21.

longe das vicissitudes humanas”;⁵⁰² “e a poimênica como função terapêutica”.⁵⁰³ Para Hoch, há uma causa maior nas crises não tratadas em nossas comunidades de fé:

peças que não experimentam a solidariedade da Igreja em situações cruciais de sofrimento pessoal como doença, morte, perdas e problemas familiares, acabarão duvidando da capacidade desta mesma Igreja de se solidarizar com elas em questões globais.⁵⁰⁴

Hoch afirma que as consequências dessa falta de solidariedade, a saber, a ausência de uma comunidade terapêutica não somente levam as pessoas a buscarem suas respostas em outro lugar:

apoio e cura junto ao pentecostalismo e as manifestações de religiosidade afro e espíritas tem a ver com a negligência que as igrejas históricas, católicas e protestantes [...] demonstram em relação à dimensão terapêutica da sua atuação pastoral.⁵⁰⁵

Essa negligência pode ser responsável pelo fato dessas pessoas buscarem suas respostas também de maneira substancial nos manuais de autoajuda conforme as estatísticas de vendagem dessas publicações apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho. Portanto, a resposta apontada por Hoch, em todos os sentidos, é a proposta deste trabalho: para atuar como promotores de cura integral do indivíduo há de se pensar ou, de certa maneira, repensar a igreja como comunidade terapêutica. Essa proposta comunitária de cura, segundo Hoch, “ganha em atualidade na mesma proporção em que crescem as propostas individualistas de cura”.⁵⁰⁶ E acrescenta que “o aconselhamento pastoral não pode ir a reboque dessa tendência”,⁵⁰⁷ pois, “além de não se justificar teologicamente, ela é menos eficaz em termos terapêuticos”.⁵⁰⁸ Apresentamos nos capítulos anteriores algumas características da sociedade do mundo hodierno. Hoch destaca que

a busca por orientação espiritual em meio à fragmentação, à desordem e ao caos, o anseio por cura interior e exterior numa sociedade descaradamente neurotizante e patogênica e a busca por novas formas de espiritualidade –

⁵⁰² HOCH, 1998, p. 21.

⁵⁰³ HOCH, 1998, p. 22.

⁵⁰⁴ HOCH, 1998, p. 24.

⁵⁰⁵ HOCH, 1998, p. 24.

⁵⁰⁶ HOCH, 1998, p. 24.

⁵⁰⁷ HOCH, 1998, p. 24.

⁵⁰⁸ HOCH, 1998, p. 22.

eclesiástica ou paraeclesiásticas – são fenômenos que parecem estar se cristalizando como marcas de nossos tempos pós-modernos.⁵⁰⁹

Pode ser, em certo sentido, que as pessoas estejam mais doentes do que apresentam estar. Uma das neuroses apresentadas como característica dos tempos atuais é, de acordo com a proposta dos manuais de autoajuda, exatamente a afirmação de bem-estar como forma de sugerir ou imprimir o sucesso imposto pela maneira de pensar e certamente desejado a si mesmo. De acordo com Hoch, isso se deve à negligência da igreja assim como apresentamos no segundo capítulo desse trabalho, na parábola de Theodore Weddel em que compara a igreja com um posto de salvamento. Hoch afirma:

pelo menos em termos de América Latina esse estado de espírito tem a ver com o fato de as igrejas históricas tradicionais terem negligenciado aspectos essenciais do ministério terapêutico com o qual o próprio Senhor da igreja estava incumbido.⁵¹⁰

Nesse novo contexto, sem dúvida, a literatura de autoajuda encontra solo fértil para se propagar, pois, como apresentamos no primeiro capítulo, o pensamento de autoajuda surge exatamente como um desdobramento social em que as pessoas buscam respostas rápidas e fáceis como solução para um número alarmante de crises existenciais. Ao contrário disso o aconselhamento pastoral não oferece um caminho nem fácil nem rápido. Mais além, compreendemos que há uma perda não somente de membros de igrejas para movimentos espiritualistas, mas também para outros movimentos, como o de publicistas de literatura de autoajuda como a autora Laurie Beth Jones. Ela afirma que há um poder na profecia positiva⁵¹¹, isso implica em curar-se a si mesmo, “pela falta de assistência na hora da dor, em muitos casos que não conseguimos ser comunidade terapêutica”.⁵¹²

3.4 Aconselhamento Pastoral: uma proposta de ajuda além da autoajuda

Por conta da vida estressante de nossos dias e da falta de cuidado para com os membros de nossa comunidade, temos experimentado um afastamento nas relações interpessoais. Como afirma Hoch, por causa da omissão em contribuir para

⁵⁰⁹ HOCH, 1998, p. 22.

⁵¹⁰ HOCH, 1998, p. 22.

⁵¹¹ JONES, 2002.

⁵¹² HOCH, 1998, p. 22.

suprir as necessidades cruciais do ser humano, uma teologia que afirme a prática do aconselhamento pastoral ⁵¹³ e de poimênica deve ser o ponto de partida para resgatar o cuidado com o ser humano. Considerando que na maioria dos casos a cura se dá através de uma comunidade terapêutica. Em At 2.42, lemos que os seguidores de Jesus após a experiência do pentecostes “continuavam firmes, seguindo os ensinamentos dos apóstolos, e vivendo em amor cristão, partindo o pão juntos e fazendo orações”. A sugestão de uma comunidade que vive em amor cristão e parte o pão, ou a poimênica da mesa do Senhor, ensina-nos sobre a necessidade de estarmos em comunidade. Essa comunidade precisa viver um modelo de vida de acordo com o amor proposto no Novo Testamento.

Hoch afirma que “qualquer tentativa de responder aos anseios de nosso tempo não poderá partir unicamente da teologia”.⁵¹⁴ A teologia deverá necessariamente “se assessorar da psicologia, da sociologia, da antropologia e de outras ciências”.⁵¹⁵ O autor aponta duas razões que o fazem crer que o “aconselhamento pastoral tem uma contribuição a dar nessa busca por uma proposta mais autêntica e atual de ajuda e solidariedade na dor”.⁵¹⁶ Segundo Hoch, “o aconselhamento pastoral tem como proposta básica oferecer ajuda através do relacionamento pessoal”, o que se contrapõe à tendência do mundo atual de isolamento e individualismo,⁵¹⁷ como destacamos na exposição sobre autoajuda no primeiro capítulo. Esse relacionamento pessoal se desdobra em uma comunidade que se autoajuda(ajuda a si mesma em comunidade e para a comunidade) através da poimênica do partir do pão, de casa em casa, nas orações, na leitura do evangelho, no abraço ao enlutado, na alegria das bodas, na celebração da vida humana e da vida do Deus encarnado. Para Hoch, “nós que atuamos na área das relações humanas, comunidade terapêutica, significa investir na capacitação de pessoas para se relacionarem de forma genuína”.⁵¹⁸ Afinal, prossegue Hoch, “não há nada mais terapêutico do que relações humanas sadias”,⁵¹⁹ pois “a fé, o consolo, e a cura só se medeiam pelo relacionamento”.

⁵¹³ HOCH, 1998, p. 26.

⁵¹⁴ HOCH, 1998, p. 26.

⁵¹⁵ HOCH, 1998, p. 26.

⁵¹⁶ HOCH, 1998, p. 26.

⁵¹⁷ HOCH, 1998, p. 26.

⁵¹⁸ HOCH, 1998, p. 26.

⁵¹⁹ HOCH, 1998, p. 26.

Em segundo lugar, Hoch afirma que “o aconselhamento pastoral procura oferecer ajuda de modo a que o conteúdo da mensagem e forma de sua mediação se correspondam”.⁵²⁰ De acordo com Hoch, a herança protestante ressaltou uma característica de expressar o amor de Deus mais verbalmente.⁵²¹ Por causa disso, as comunidades de fé apresentam dificuldade de experimentar a mensagem de Deus “de forma concreta no nível emocional”.⁵²²

Portanto, o aconselhamento pastoral surge como uma alternativa profundamente significativa. De acordo com Hoch, “o aconselhamento pastoral visa justamente [...] mediar algo do amor divino não só através da palavra falada, mas também através do gesto e da postura pessoal do conselheiro e da conselheira”. Para Hoch, uma leitura teológica dessa maneira de relacionar-se ocorre na medida em que “a palavra de Deus precisa se tornar carne, precisa tomar corpo na maneira como o conselheiro se relaciona com seu interlocutor, tanto no nível cognitivo como no nível afetivo”. Dessa maneira, o aconselhado, “sentindo a atenção e o carinho do conselheiro pastoral, chegará a experimentar algo do amor de Deus”.⁵²³ O amor de Deus que o aconselhado sentirá ou crerá estará delineado basicamente na maneira como o conselheiro pastoral intervém se expressando ora através da confrontação, ora com atenção e cuidado para com o aconselhando.

O conselheiro pastoral tem uma oportunidade de mediar tanto individualmente quanto em pequenos grupos, através da poimênica, o amor de Deus com toda a sua extensão de cura para os males da alma em sua comunidade, promovendo uma terapia comumente encontrada nos eixos cristãos. É exatamente isso que falta aos manuais de autoajuda, quer dizer, a possibilidade de instruir seus leitores a se relacionar com seus pares de maneira mais profunda, promovendo crescimento e cura mútuos. Enquanto os manuais de autoajuda, em sua maioria, prescrevem o caminho do sucesso a partir da superação individual, aprendemos com a teologia que nós somos dotados da necessidade de vida em grupo.⁵²⁴

Vida em comunidade não pode ser considerada uma opção, bem como o crescimento e cura. Pelo contrário, devemos lutar para viver, modelar e ensinar

⁵²⁰ HOCH, 1998, p. 26.

⁵²¹ HOCH, 1998, p. 26.

⁵²² HOCH, 1998, p. 26.

⁵²³ HOCH, 1998, p. 26.

⁵²⁴ HOCH, 1998, p. 27.

aquele estilo de vida. Destarte, assevera Hoch, “teologicamente falando, a comunidade eclesial é a única forma legítima de viver a fé cristã”.⁵²⁵ A partir da consciência da necessidade de vida em comunidade, como legitimação da vida cristã, aprendemos que essa comunidade é essencial para nossos relacionamentos saudáveis e relevantes. Essa comunidade assume a função de curar, de nutrir, apoiar e encorajar.⁵²⁶ Hoch explica que “o termo ‘terapêutico’ quando usado em conexão com ‘comunidade’, não implica tanto a consciência de que estejamos doentes em sentido físico ou psíquico, ainda que este também possa ser o caso”.⁵²⁷ Mais esclarecedora ainda é a afirmação de que “a busca por comunidade terapêutica implica antes a consciência de sermos pessoas carentes: de relações humanas significativas, de atenção e afeto, de complementaridade”.⁵²⁸ Enquanto “esse sentimento emerge da consciência de que não somos auto-suficientes, pelo contrário, de que precisamos uns dos outros”, por outro lado, os manuais de autoajuda, infelizmente, predicam que a resposta está na força individual de cada um. As soluções em comunidade, segundo Hoch, representam

a) abdicar de soluções mágicas de milagreiros iluminados que têm o poder de acessar ou manipular o Espírito Santo quando bem o desejam, que resolvem problemas por atacado, de preferência diante das câmeras de televisão; b) abdicar do caminho da interiorização, ou seja, da mobilização solitária das forças espirituais interiores, no recôndito de um quarto, guiado pela mão de algum guru que julga possuir o mapa dos segredos da alma e o coloca generosamente à venda na banca de revistas na esquina.⁵²⁹

Essa resposta apresentada por Hoch nos indica que os pressupostos do individualismo acentuado da literatura de autoajuda excluem a maior marca do cristianismo em sua era primitiva, o que era a expressão de amor na comunhão dos santos(Gálatas 6.2). Para tanto, resume Hoch, a base teológica da comunidade terapêutica é: “a idéia do corpo de Cristo em I Coríntios 12 dispõe a comunidade de tal forma que todos os seus membros, também os mais carentes, se enriqueçam e se complementem reciprocamente”.⁵³⁰ Ainda afirma que “se isso for verdade, o

⁵²⁵ HOCH, 1998, p. 28.

⁵²⁶ COLLINS, 2006.

⁵²⁷ HOCH, 1998, p. 28.

⁵²⁸ HOCH, 1998, p. 28.

⁵²⁹ HOCH, 1998, p. 28.

⁵³⁰ HOCH, 1998, p. 29

aconselhamento pastoral, antes de ser uma tarefa do pastor/da pastora ou de outra obreira qualquer, é uma função genuína da comunidade toda”.⁵³¹

⁵³¹ HOCH, 1998, p. 29.

CONCLUSÃO

Começamos este trabalho com a proposta de analisar a cultura de autoajuda a partir do modelo de crescimento e cura integral de Howard Clinebell. Expusemos que a cultura de autoajuda em sua literatura está muito presente na cultura mundial atual. Chegamos a uma definição aproximada de autoajuda: como uma proposta cultural em que as pessoas tentam construir uma identidade a partir de recursos subjetivos resultando em um individualismo exacerbado, pois nessa proposta o indivíduo o indivíduo busca ajuda no recôndito de si mesmo, em detrimento da ajuda mútua que resulta do contato com o outro.

Sintetizamos essa definição como: tudo aquilo que é publicado em linguagem simples, que leva o leitor a se ajudar e a viver melhor em sociedade. Esse conhecimento nem sempre é técnico ou pode ser comprovado empiricamente, permeando o campo da transcendência e, em alguns casos, tratando-se de literatura enganadora, charlatã.

Reconhecemos que existe um tipo autoajuda que se presta a orientar as pessoas a viverem melhor tanto numa perspectiva pessoal como em seus relacionamentos com seu próximo nas mais diferentes áreas da vida. Esse tipo de ajuda ensina, por exemplo, a incrementar a culinária, a se relacionar de maneira sensível, amável e compreensível com o cônjuge, a administrar a vida financeira de modo a não cair nas armadilhas do mercado e, ao final, prosperar. Essa autoajuda que é publicada em linguagem acessível a leitores comuns parte da proposta de melhoria na vida do indivíduo, perfilando-lhe o caráter e promovendo uma integração em sociedade.

Nessa mesma linha de pensamento encontramos um tipo de autoajuda que se caracteriza a partir da autonomia do indivíduo que se propõe ser panacéia, que, pretende ser cura para todos os males, que se porta como uma revelação espiritual superior. Essa autoajuda também se caracteriza pelo fato de considerar que não pode ser contrariada, vendo-se como centro do universo e instituindo o indivíduo a partir de uma visão narcisista egotista. Aqueles escritos propõem a solução para todos os assuntos envolvendo o ser humano, na maioria das vezes, colocam sobre o indivíduo um altíssimo grau de responsabilidade para ter sucesso na vida. Essa literatura também define o **sucesso** na base da obtenção de bens materiais e de

uma vida saudável emocional e espiritualmente. E, finalmente, essa literatura propõe um indivíduo num universo particular em que somente ele deve tomar posse dos bens acima citados. Tem a inclinação de secularizar o indivíduo tornando-o egoísta e ambicioso.

Na tentativa de descobrir o ambiente da literatura de autoajuda, concluímos que sua influência na sociedade mundial atual demonstra a emergência de um fenômeno com desdobramentos globais e de fácil percepção: seu surgimento se deu a partir da emancipação do indivíduo na era moderna. Tratamos de delimitar a literatura de autoajuda e, por isso, usamos os modelos conceituais apresentados no primeiro capítulo, a saber: autoajuda “como uma modalidade de discurso”;⁵³² autoajuda “a partir da conjugalidade”;⁵³³ e autoajuda a partir de seu “caráter individual”.⁵³⁴

Comparando a teoria de Howard Clinebell, ao descrever sua metodologia de aconselhamento pastoral para o crescimento e a cura integral, com as bases da literatura de autoajuda, pretendemos resgatar, pelo menos dentro da prática pastoral, o conceito de poimênica como uma perspectiva de cura e crescimento integral.

Apontamos como importante os pressupostos bíblicos e teológicos no aconselhamento para cura e crescimento integral, destacando “quatro razões pelas quais considera importante integrar insights bíblicos com a prática do aconselhamento pastoral”,⁵³⁵ segundo Clinebell. Em primeiro lugar, tratamos de indicar que “sendo a Bíblia nascente de nossa tradição espiritual ocidental, permanecer em íntimo contato com ela pode ajudar-nos a manter enraizados em suas verdades fomentadoras de integralidade”.⁵³⁶ Em segundo lugar, afirmamos que segundo Clinebell, estar em contínuo diálogo com os *insights* bíblicos pode gerar, em quem presta assistência, atitudes e uma consciência que facilitam a cura e o crescimento”.⁵³⁷ “Ao trabalhar com pessoas cujo *background* tornou as imagens bíblicas algo vivo para elas”,⁵³⁸ explica Clinebell. Em terceiro lugar, essas “imagens

⁵³² BRUNELLI, 2004, p. 11.

⁵³³ ALVES, 2005, p. 10.

⁵³⁴ BOSCO, 2001. p. 4.

⁵³⁵ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵³⁶ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵³⁷ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵³⁸ CLINEBELL, 2007, p. 48.

e verdades arquetípicas da Bíblia podem ser usadas como instrumentos de transformação criativa”.⁵³⁹ Ademais, “imagens, histórias e metáforas bíblicas vivas são formas de comunicar verdades profundas sobre a vida fazendo uso do ‘cérebro direito’”.⁵⁴⁰ Como vimos, essas imagens segundo Clinebell, “são um poder sustentador na vida de muitas pessoas socialmente desprovidas de poder que amam a Bíblia”.⁵⁴¹ Em quarto lugar, Clinebell aponta que a “sabedoria bíblica sobre a natureza da integralidade é necessária para *criticar, corrigir e enriquecer* compreensões psicológicas contemporâneas de integralidade”.⁵⁴² Clinebell conclui a partir dessas quatro perspectivas de integração de *insights* bíblicos com a prática do aconselhamento pastoral, afirmando que em diversos aspectos importantes, “a Bíblia contém uma compreensão de integralidade mais profunda e realista do que a psicologia humanística”.⁵⁴³

Apontamos como propósito do ministério de aconselhamento pastoral e da poimênica facilitar o desenvolvimento de nossa personalidade única à semelhança de Deus, de acordo com Clinebell.⁵⁴⁴ Ainda de acordo com o autor, “o testemunho bíblico enfatiza reiteradamente as notáveis potencialidades dos seres humanos”.⁵⁴⁵ Observamos que o resultado de uma “integralidade centrada no Espírito”⁵⁴⁶ é o florescimento “da imagem de Deus e a realização da vida em abundância”.⁵⁴⁷

Ao final, destacamos as seis dimensões da integralidade humana: avivar a mente, revitalizar o corpo, renovar e enriquecer relacionamentos íntimos, aprofundar a relação com a biosfera, crescer em relação a instituições significativas na vida e aprofundar e revitalizar o relacionamento com Deus. Essas seis dimensões respondem em parte as inquietações propostas na literatura de autoajuda: transformação na crença do poder da mente em fenômeno de cultura de massa, um sujeito inseguro e pronto a aceitar manuais de autoajuda como condição de sucesso, uma subjetividade individualista, o discurso prescritivo, caráter prático não homólogo à mente dos leitores e a ascensão do “eu” na cultura.

⁵³⁹ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴⁰ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴¹ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴² CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴³ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴⁴ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴⁵ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴⁶ CLINEBELL, 2007, p. 48.

⁵⁴⁷ CLINEBELL, 2007, p. 49

Oferecemos uma oportunidade de visualizar aspectos críticos da literatura de autoajuda comparadas à prática de aconselhamento pastoral e poimênica. Desse modo, trouxemos as vozes de outros autores no campo do aconselhamento pastoral com contribuições significativas com destaque para Gary Collins, Daniel Schipani, e Lothar Carlos Hoch. Desses autores, apresentamos uma síntese de proposta bíblica e teológica para a prática de um aconselhamento pastoral e poimênica frutíferos.

Portanto sugerimos uma poimênica e um aconselhamento pastoral centrados no modelo de cura e crescimento como uma alternativa para lidar com a literatura de autoajuda. Diante do imenso desafio que enfrentamos com as mudanças nos últimos cinquenta anos, compreendemos que a proposta das seis dimensões do cuidado pastoral parece-nos útil como uma estratégia que responda àqueles desafios.

Compreendemos que há muitas outras perguntas quando tratamos de literatura de autoajuda e aconselhamento pastoral. Esta pesquisa tinha como objetivo trazer luzes por causa desse fenômeno cultural ao trabalho do conselheiro cristão a fim de estabelecer as bases para o trabalho de poimênica e aconselhamento pastoral. Do mesmo modo as primeiras inquietações nessa pesquisa e a preocupação em viver um tempo em que a igreja não parece ser relevante devem ser consideradas. Foi destacado que a literatura de autoajuda tem sua maior influência na ausência de um trabalho da igreja em ser relevante, de fazer poimênica e aconselhamento pastoral que respondam as situações de crises que as pessoas estão passando. Mas também acreditar em uma igreja que ressurgue como um “posto de salvamento”, que se preste a resgatar o compromisso de fazer do ser humano, um ser livre e curado integralmente.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Marcelo. *Cura pela palavra*. Venda Nova: Betânia, 1998.
- _____. *O segredo da auto-estima*. Venda Nova: Betânia, 1998.
- ALVES, Lucia Pereira Vera. *Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de auto-ajuda*. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Sociologia, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.
- ALVES, Rubem. *Transparência da eternidade*. São Paulo: Verus, 2002.
- AMORESE, Rubem. *Icabode: da mente de Cristo à consciência moderna*. Viçosa: Ultimato, 1998.
- ANDERSON, Thomas. *Deus quer que você seja milionário!: seja rico espiritual e financeiramente*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
- ARRUDA, Antonio. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43246.shtml>> Acesso em: 10 jul. 2008.
- AUGSBURGER, David. *Pastoral Counseling Across Cultures*. Philadelphia: The Westminster Press, 1976.
- BAKER, Mark. *Jesus: o maior psicólogo que já existiu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- BOSCO, Marcos Ângelo. *Sucessos que não ocorrem por acaso*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Sociologia, Universidade de Campinas, Campinas, 2001.
- BROWNING, Don S. *Religious Ethics and Pastoral Care*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.
- BRUNELLI, Flora Ana. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Sociologia, Universidade de Campinas, Campinas, 2004.
- BUCKINGHAM, Jamie. *Força para viver*. [s.l]: Arthur de Moss Foundation, 1987.
- BYRNE, Rhonda. *Secret: o segredo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

CAMPOS, Silveira Leonildo. *Templo, teatro e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997

CEIA, Carlos. Literatura de auto-ajuda. *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/literatura_autoajuda.htm>. Acesso em: 5 jun. 2009.

CERBASÍ, Gustavo. *Casais inteligentes enriquecem juntos*. São Paulo: Gente, 2004.

CHAGAS, Arnaldo. *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*. Ijuí: Unijuí, 2001.

CHAPMAN, Gary. *As cinco linguagens do amor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

_____. *Como mudar o que mais irrita em meu casamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

CHOPRA, Deepak. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/deepakchopra>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.

_____. *Growt Couseling: hope-centered methods of actualizing human wholeness*. Nashville: Abingdom Press, 1982.

_____. *Well being: a personal plan for exploring and enriching the seven dimensions of life: mind, body, spirit, love, work, play, the Earth*. San Francisco: Harper, 1992.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Fapesp/Illuminuras, 1982.

COLLINS, Gary. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

_____. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*. São Paulo: Vida, 2000.

COSTA, Samuel. *Psicologia Pastoral*. Rio de Janeiro: Silvacosta, 2006.

COY, Larry. *Curso conflitos da vida: básico*. São Paulo: Imprensa da Fé, 1988.

CRABB, Larry. *Conversa com a alma: a linguagem que Deus deseja que falemos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

- CRIADO, Eduardo. *100 impulsos positivos para viver melhor*. São Paulo: Pronet, 1996.
- CURY, Augusto. *O código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca da excelência emocional e profissional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- DOBSON, James. *Como lidar com a teimosia de seu filho*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- EVANS, Rian Abigail. *O ministério terapêutico da igreja: programas práticos para ministérios de saúde*. São Paulo: Loyola, 2002.
- EVANS, Richard Paul. *As cinco lições: dinheiro traz felicidade*. Rio de Janeiro: Alegro, 2006.
- FABER, Heijer; SCHOOT, Ebel van der. *A prática da conversação pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1973.
- FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- FILHO, Isaltino. *Pós-modernidade: um desafio na pregação do evangelho*. Disponível em: <<http://www.luz.eti.br/es-aposmodernidadeumdesafio.html>>. Acesso em: 6 jun. 2009.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GRAHAM, Moura; KENT, Larry. *Cuidado de pessoas, cuidado de mundos: uma abordagem psico-sistêmica de poimênica e Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: EST, 1997.
- GRENZ, Stanley J. *A Primer on Postmodernism*. Grand Rapids/Cambidge: Wm. B. Eardmans Publising, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. *O livro das Religiões*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- HERGEMOLLER, Patrícia. *Aconselhamento familiar no direito da família: uma proposta de aconselhamento holístico para a humanização do direito*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2004.

HILTNER, Seward. *Simposio de Psicologia Pastoral*. Buenos Aires: Editorial la Aurora: 1959.

_____. *The Christian Shepherd: Some Aspects of Pastoral Care*. New York/Nashiville: Abingdom Press, 1959.

HOCH, C. Lothar. Comunidade terapêutica: em busca duma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org). *Fundamentos teológicos do aconselhamento: a fundação da Associação Brasileira de Aconselhamento: motivos, objetivos e perspectivas*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

HOCH, Carlos Hoch; HEIMAN, Thomas (Orgs.). *Aconselhamento Pastoral e espiritualidade: Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

HORÓSCOPO. *A Tribuna*. Vitória, 2008, AT2.

HULME, Willian. *Pastoral Care: Come of Age*. New York: Abingdom Press, 1970.

HUNTER, James. *O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

HUNTER, Rodney J.; COUTURE, Pamela D. (Eds.). *Pastoral Care and Social Conflict*. Nashville: Abingdom Press, 1995.

HYBELLS, Bill. *Encontrando Deus nas dificuldades da vida*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

JONES, Laurie Beth. *Jesus o maior líder que existiu: como os princípios de liderança de Cristo podem ser aplicados ao trabalho gerando crescimento harmonia e realização*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

_____. *O poder da profecia positiva: encontrando potencial oculto no cotidiano*. São Paulo: Butterfly, 2002.

KEIL, Orlando Moacir. *Aconselhamento pastoral breve: uma prática emergente para pastores*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2001.

KEMP, Jaime. *A minha grama é mais verde*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

KEMP, Jaime. *O marido que quero ser*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

KIYOSAKI, Robert; LETCHER, Saron. *Pai rico, pai pobre*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

KORNFELD, David. *Casamentos que se fortalecem por meio da mentoria: a importância do ministério com casais*. São Paulo: Vida, 2007.

_____. *O líder que brilha: sete relacionamentos que levam à excelência*. São Paulo: Vida, 2007.

KYNE, Peter B. *Go-getter: a história do homem que não desistiu*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

LOHMANN, Arno Leonir. *Os desafios da pós-modernidade para a missão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: EST, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

MALTZ, Maxwell. *A imagem de si mesmo: conheça a força de seu poder pessoal*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MANDINO, Og. *O maior segredo do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

MARK, Steve. *Administração segundo a Bíblia: métodos de gestão que não envelhecem*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

MAXWELLI, Jonh C. *25 maneiras de valorizar as pessoas: como fazer todos a sua volta se sentirem especiais*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

_____. *Surpreenda-se com seu potencial: como pessoas comuns se mobilizam para a grandeza*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MAY, Gerald. *Saúde da mente, saúde do espírito: psiquiatria e atendimento pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1985.

NOÉ, Sidnei Vilmar. *Amar é cuidar: dez boas razões para ...* São Leopoldo: Sinodal, 2005.

NOUWEN, Henri. *O sofrimento que cura: por meio de nossos próprios ferimentos, podemos nos tornar fonte de vida para o outro*. São Paulo: Paulinas, 2001.

NUNES, J. M. *Cultura*. Disponível em:
<<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/cultura.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

OATES, Wayne. *The Christian Pastor*. Philadelphia: The Westminster Press, 1951.

OBITUARY. *Howard Clinebell, Beloved Professor, Pastoral Counseling Pioneer*. Disponível em:
<http://www.cst.edu/about_claremont/new_media/clinebellObituary.php>. Acesso em: 03 jun. 2009.

PEALE, Norman Vincent. *O poder do pensamento positivo*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *O valor do pensamento positivo*. São Paulo: Cultrix, 1959.

_____. *Por que alguns pensadores positivos conseguem resultados sensacionais?* São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *Seis atitudes para um vencedor*. São Paulo: Bom Pastor, 2000.

PEASE, Allan; PEASE, Bárbara. *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor: uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PRATHER, Hugh. *Não leve a vida tão a sério: pequenas mudanças para você se livrar de grandes problemas*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

REEVE, Johnmarshall. *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

REIS, Alessandro V. *Auto-ajuda ou Algo Diferente? Best Seller da vez*. Disponível em:
<<http://bestsellerdavez.blogspot.com/2008/02/auto-ajuda-ou-algo-diferente.html>>. Acesso: 5 jun. 2009.

RIBEIRO, Lair. *O sucesso não ocorre por acaso*. São Paulo: Moderna, 1999.

_____. *Prosperidade: fazendo amizade com o dinheiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1992.

ROMERO, Paulo. *Decepcionado com a graça: Esperanças e frustrações no Brasil Neopentecostal*. São Paulo, Mundo Cristão, 2005.

RÜDIGER, Ricardo Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SANTOS, Hugo M. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições da a partir da América Latina e Caribe*. São Leopoldo: CETELA/ASTE, 2008.

SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph(org). *Fundamentos teológicos do aconselhamento: a fundação da Associação Brasileira de Aconselhamento: motivos, objetivos e perspectivas*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

SCHULLER, Robert. *Você pode ser quem deseja*. São Paulo: Vida, 2008.

SCLIAR, Moacyr. O texto como placebo. *Mente e cérebro*, ano XVII, n. 201, out. 2009.

SEPAL, SErvindo a PAstores e Líderes. Disponível em : <<http://liderança.org/cgi-bin/mods/apage.cgi?f=principal.html>>. Acesso em 22 de abril de 2010.

SIDEKUM, Antônio (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí: Unijuí, 2003.

SIGNOS DO ZODÍACO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Signos_zodiacais>. Acesso em: 5 jun. 2009.

SMILES, Samuel. *Self-help*. Project Guttemberg. 1997.

SMILEY, Gary. *Eu prometo: compromisso para o sucesso do seu casamento*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

SOARES, Cerene Esny. *Aconselhamento pastoral: história e perspectivas contemporâneas: uma análise da influência dos métodos de Jay Adams, Gary Collins e Howard Clinebell sobre o aconselhamento pastoral brasileiro*. São Paulo: UMESP, 1999.

SONHO AMERICANO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/sonho-americano>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999.

SWINDOLL, Charles R. *Como viver acima da mediocridade*. São Paulo: Vida, 1996.

_____. *Elias: um homem de heroísmo e humildade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

TAVOLARO, Douglas. *O bispo: a história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse, 2007.

THISELTON, Anthony C. *Interpreting God and the PostModern Self: on Meaning, Manipulation and Promise*. Grand Rapids: Willian B Eerdmans, 1995.

TURNER, Collin. *Nascido para o sucesso: como desenvolver seu potencial ilimitado*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ÚLTIMO SEGUNDO. Disponível em:
<<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

WILKES, Gene C. *O último degrau da liderança: descobrindo os segredos da liderança de Jesus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

WILLARD, Dallas. *A grande omissão: as dramáticas conseqüências de ser cristão de se tornar discípulo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

_____. *O espírito das disciplinas: entendendo como Deus transforma vidas*. Rio de Janeiro: Habachuc, 2006.

WONDRACEK, Karin; HERNANDEZ, Carlos. *Aprendendo a lidar com crises*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

YANKLOVICH, Daniel. *New Rules: Searching for Self-fulfillement in a World Turned Upside Down*. New York: Random House, 1981.

ZWETSCH, Roberto Ervino. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007.